

CORREIO BRAZILIENSE

DE DEZEMBRO, 1813.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra la chegara.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

EDICTAL.

*Domingos Jozé Cardoso Commendador da Ordem de Christo,
Desembargador da Casa da Supplicação, e Commissario
em Chefe do Exercito Portuguez, por S. A. R. o Prin-
cipe Regente Nosso Senhor, &c.*

NÃO tendo esquecido aos Paternaes Cuidados de S. A. R. todas as providencias, que as circumstancias actuaes tem offerecido para remediar os males, que a presente guerra tem occasionado aos povos: pelas providentes ordens, que me foraõ dirigidas em 1 de Outubro do corrente anno, tambem tem mercido a sua consideração o pagamento das dividas de transportes atrazadas; mandando consignar para esse fim sommas equivalentes para se amortizarem; mas sendo necessario saber-se ao certo a importancia das ditas dividas, para regular os pagamentos com a igualdade, que he propria da sua indefectivel justiça, naõ he possivel verificarem-se nesta parte as justas intenções de S. A. R., sem que primeiro sejaõ reunidos, e legalizados todos os documentos, que existem em poder das pessoas, a quem pertencem.

Fara verificar pois esta medida assas necessaria, vou por este Edital fazer publico, que na Corte e Provincia da Extremadura está authorizado o assistente commissario, Cle-

mente Eleuterio Amado, para receber todos os documentos, que se lhe apresentarem das dividas dos transportes, e que o mesmo está obrigado a dar ás partes cautélas interinas, que serã as copias dos mesmos documentos, em quanto lhes naõ entregar os seus legitimos titulos.

Que do mesmo modo estaõ authorizados no Algarve o deputado Joaquim Gomes de Abreu, residente em Extremoz ; na Beira-Baixa, o commissario José Antonio Veloso residente no Rocio de Abrantes ; na Beira Alta, o assistente commissario Manoel Lopes de Figueiredo, residente no Porto da Raiva, e o deputado commissario geral Joaquim de Magalhães e Menezes, residente em Lanego ; no Porto e Minho, o commissario Domingos Joaquim de Almeida, residente na dita cidade ; e em Tras-os-Montes, o deputado Francisco Luiz Ferreira, residente em Chaves.

Que os sobreditos empregados estaõ munidos de instrucções necessarias para promover as solemnidades, que a lei exige para validade dos dictos documentos ; facilitando-se deste modo ás Partes as diligencias, que de outro modo seriaõ muito incommodas ; em razã das grandes distancias, em que se acham os empregados, de quem dependem as sobreditas solemnidades.

Que para maior commodidade das Partes estaõ tambem authorizados os Ministros Territoriaes, para receberem os referidos documentos, passando cautélas interinas, e havendo dos sobredictos deputados as copias acima ditas, para entregarem ás partes, as quaes ficaraõ inteiramente tendo a mesma validade, que os originaes donde forem extrahidas.

Que depois de reunidos, e legalizados os referidos documentos, serã numerados os titulos, que se houverem de dar ás partes, para por via delles serem chamados por sua ordem para os pagamentos, que se houverem de fazer.

Que aquelles Vales, que naõ poderem ser legalizados por defeituosos, serã entregues ás partes para usarem dos

recursos, que lhes competirem, e nos mesmos Vales será declarado o motivo, porque não são approvados.

Todas as referidas providencias, que S. A. R. foi servido estabelecer, devem ser executadas com a maior exactidão possivel pelos empregados para esse fim escolhidos; e supposto mereçaõ toda a confiança, todavia, se algum se mostrar omisso nas diligencias, de que foi encarregado, havendo parte queixosa, será por sua via indemnizada de todo o prejuizo que soffrer: do que para constar, mandei affixar o presente Edital, que vai por mim assignado.

DOMINGOS JOZE CARDOSO.

Lisboa, 12 de Novembro, de 1813.

Provisão de reprehensão á Camara de S. Miguel.

Em consequencia de immediata resolução de S. A. R. tomada em consulta da Meza do desembargo do Paço do Rio de Janiero, se expedio pela mesma meza em data de Março deste presente anno uma provisão dirigida ao Corregedor da Comarca de S. Miguel, vereadores e mais officiaes da Camara da cidade de Ponte Delgada, na qual S. A. R. foi servido desapprovar e extranhar muito severamente o precedimento, que com o vereador mais velho Joaquim José Alvares Cabral tiveraõ os mais veradores e procurador da dita de commum acordo, ou antes por uma maquinação do Juiz de Fóra servindo de corregedor, suspendendo-o despoticamente do Cargo de Juiz pela Ordenação, com o pretexto de emendar excessos e abusos do referido Juiz Cabral, contra os quaes tinhaõ os remedios das leis e recursos competentes; declarando a dita provisão ser éste facto extranho, praticado sem authoridade e jurisdicção, uma usurpação formal dos supremos direitos da Soberania, e ordenando S. A. R., que no caso de se não haverem nomeado depois novos vereadores, fosse restituída a vara ao dito Juiz, ao qual ficariaõ obrigados a indemnizar por todas as perdas e damnos, que se liquidassem,

tanto o Corregedor interino como os vereadores que assignáraõ o absurdo termo de suspensaõ, que se mandou trançar e riscar, de fôrma que mais naõ possa ler-se para naõ ficar memoria de um taõ escandaloso e funesto exemplo.

AUSTRIA.

Proclamação publicada pelo General Von Hiller em Trento, em 26 d'Outubro, de 1813.

POVO DE ITALIA,—Tenho passado os Alpes com um exercito de 60.000 homens, e entro nas planices da Italia. A Providencia vai a por termo á tyrania que vos opprimia, que sacrificava os vossos filhos no norte da Hespanha por uma injusta causa; paralisava o commercio, e a industria, e espalhava a desolação pelos campos de Italia, taõ favorecidos pelo Ceo. Eu tenho occupado os passos de communicação entre a Italia, e a Austria, tenho rodeado em suas fontes, o Isonzo, o Tagliamento, o Piava, e o Brenta, e tenho tornado impossivel para o vosso General-em-Chefe o escapar-me, para qualquer parte que se volte. Verona, Mantua, Milam, esperam ser libertadas em poucos dias. O Norte, o Este, e o Oeste da Europa tem fornecido todas as suas forças, e a flor da mocidade de sua povoação, para restabelecerem a independencia de seus Estados, e ja agora estam livres. Procurai na Austria, na Russia, na Prussia, e na Hespanha o Francez que governava o mundo! achareis cadaveres, prisioneiros, feridos, e traços de devastação, porém o inimigo já lá naõ tem corpo algum de tropas em armas.

As excellentes provincias do Sul da Europa devem tambem participar da alegria do mundo, a fim de que voltem os tempos antigos, de ordem, e de justiça. O meu Soberano foi servido confiar-me esta grande obra; levantai-vos, portanto, povos de Italia, vos sabeis os meios de resistencia que o inimigo tem para me oppor, vos bem vedes que saõ os ultimos. Eu tenho debaixo das minhas bandeiras 30.000 homens que ainda naõ tem pelejado nesta santa guerra, e que estam ardendo em dezejões de terem parte na gloria daquelles que os precederam. Novos exercitos se estam formando além dos Alpes; a sorte da Italia está decidida; lembrai aos vossos filhos que elles nasceram no antigo paiz da gloria, e que o cumulo da gloria consiste em combater debaixo das bandeiras do mais justo dos Monarcas, pela paz do mundo, e pela independencia das nações.

O General d'Artilheria, Commandante-em-Chefe dos Imperiaes e Reaes Exercitos do Tyrol, e da Italia,

Baraõ HILLER.

BAVIERA.

Declaração de Guerra contra a França.

Todos sabem as relações que estes ultimos oito annos tem ligado a Bavaria á França, assim como tambem os motivos que as occasionaram, e a escrupulosa boa fé com que o Rey tem preenchido as suas condições. Outros Estados, gradualmente seguiram o primeiro Alliado do Imperio Francez. Esta junção de Soberanos tomou a forma de uma União, de uma natureza de que a Historia de Alemanha mostra mais de um exemplo. O Acto de Confederação, assignado em Paris em 12 de Julho, de 1806, ainda que imperfeito, estipulou as condições mutuas que deviam existir entre os Estados Confederados, e S. M. o Imperador dos Francezes, como Protector desta Alliança.

O fundamento deste tractado, de ambos os lados, era o interesse de ambas as partes, nem outro podia existir; porque de outra sorte este Acto de Confederação não seria senão um acto de incondicional submissão.

Entretanto o Governo Francez mostra tello considerado neste sentido, porque em todos os actos que se seguiram áquelle solemne contracto nunca teve em vista a applicação dos pontos fundamentais que faziam a guerra Continental mutua para as differentes partes contractantes, nem o espirito, nem a intenção que presidia em seu teor, porem deo-lhe, de seu proprio capricho, a mais extensa explicação: requeria, á sua vontade, as forças militares da Confederação, para guerras que eram inteiramente alheas de seus interesses, e cujos motivos lhes não tinham sido previamente intimados.

A Bavaria, que considerava a França como o principal sustentaculo de sua preservação, porem cujos principios, não obstante, lhe causaram os mais serios cuidados, preenchia com reflexão todas as obrigações para com a França com o maior zelo e integridade; para ella nenhum sacrificio parecia demasiadamente grande, para satisfazer aos desejos de seu Alliado, e para contribuir para a restauração da Paz Continental que se dizia ser o fim destas renovadas empresas.

Quando, em 1812, o Imperador Napoleão determinou a guerra contra a Russia, exigio da Bavaria o contribuir com o *maximum* do seu contingente. Esta guerra era innegavelmente toda alhea dos interesses da Bavaria; foi-lhe doloroso, em todos os respeitos, soffrer que as suas tropas marchassem contra um Estado que tinha sempre sido seu amigo, e que por muitos tempos passados fôra o affiançador da sua independencia, e contra um Soberano que he ligado á familia

Real por um dobrado vinculo de parentesco. Ja o Ministerio Francez se tinha exprimido nos termos mais assustadores, e mesmo os tinha proclamado em documentos diplomaticos á face da Europa. Estas expressoens naõ tendiaõ, senaõ a representar os Estados da Confederaõ como se elles fossem os vassallos de França, e seus Principes ligados, sob pena de traiçaõ, a tudo o que S. M. o Imperador Napoleaõ quizesse exigir delles.

Naõ obstante o receio que a expressaõ de principios taes deve necessariamente causar, ainda a Bavaria se resolveo, como naõ tinha ponto de lei que apoiar, a consentir que 30.000 homens das suas tropas se reunissem ao exercito Francez. As desgraças sem exemplo que distinguiram aquella campanha saõ demaziadamente bem conhecidas para aqui fazer agora a triste descripçaõ dellas. Todo o exercito Bavaro, incluindo um reforço de 8000 homens, que se lhe reunio no mez de Outubro, foi destruido. Poucas familias ha que naõ andassem de lucto por aquella catastrophe; e o que mais dôr causava ao paternal coraçãõ de S. M., era que tanto sangue tinha sido derramado em uma causa que naõ era a da naçaõ. Entretanto fizeram-se preparaçoens para uma nova campanha, e Bavaria, que era tam adherente ao seu alliado, quanto desgraçada, naõ hesitou em tornar a por os debilitados restos de 38.000 Bavaros que tinham combatido debaixo dos estandartes Francezes, em uma nova divisaõ. No começo da campanha, gloriosos prospectos coroaram as armas do Imperador Napoleaõ, tam frequentemente victoriosas. A Alemanha, e toda a Europa, cria que, como o Imperador se achava entaõ em uma condiçaõ em que podia mostrar a sua moderaçaõ, sem se expor a alguma suspeita de fraqueza, acceitaria a mediaçaõ que Austria, pelos mais sabios e generosos motivos, offercia, para o fim de procurar paz ao mundo, ou pelo menos ao Continente. Esta esperança foi destruida. Pelo contrario vio ella crescer o numero de seus inimigos, pela poderosa coaliçaõ de Austria, á coaliçaõ ja formada contra o Imperador Napoleaõ. Desde este momento, a situaçaõ da Bavaria tornou-se mui critica. A energia do Governo Bavaro, e o affecto de uma naçaõ, que naõ considera pezado sacrificio algum quando he necessario provar o seu amor para um adorado Soberano, tinha ja, como por um poder magico, creado um novo exercito o qual marchou para as Fronteiras da banda da Austria; porem o exercito Francez a que o Imperador Napoleaõ tinha dado o nome de Exercito de Observaçãõ da Bavaria, e que se estava reunindo nas vizinhanças de Wurtzbourg e nos territorios circumvizinhos, em vez de apoiar o exercito Bavaro, de repente recebeo outro destino. Nesta critica

situaçãõ naõ se dignou o Imperador Napoleaõ empregar sobre o seu mais fiel Alliado, a menor consideraçãõ dos meios de sua protecçãõ. Nem o segundo Exercito de Observaçãõ que estava para se ajunctar debaixo do commando do Marechal Augerau, se chegou a formar, e o seu debil casco, que estava ainda em Wurtzbourg, inteiramente desappareceo. Estando desta maneira totalmente desamparado, S. M. teria infringido o mais sagrado de todos os deveres, se naõ tivesse cedido aos desejos dos seus fieis vassallos, que diariamente mais se manifestavam. Os Soberanos Alliados contra a França naõ deicharam de informar o Governo Bavaro dos principios de moderaçãõ que o animava, e de assegurarlo da sua formal garantia da integridade do Reyno de Bavaria, e de todas as suas fronteiras, como eram naquelle tempo, com condiçãõ que o Rey havia de ajunctar suas forças de guerra ás delles, naõ para continuarem uma guerra de ambiçãõ contra a França, mas para assegurar a independência das Naçoens Alemaãs, e dos estados de que ella consiste, e para obrigarem o Imperador Napoleaõ a assignar uma paz honrosa. S. M. naõ podia recuzar semelhantes proposiçoens sem se fazer criminoso para com os seus vassallos, e sem ser cego para com os sagrados principios sobre os quaes a sua conservaçãõ somente pode ser fundada. Confiando plenamente em tam francos, e generosos offerecimentos, resolveo-se portanto a acceptallos em toda a sua extençãõ; e a concluir uma alliança com os tres Principes, contra as extensas vistas que a França tem mostrado manter, e para os bons effeitos do que S. M. ha de fazer os seus maiores esforços. S. M. deseja que uma prompta paz, haja de restaurar cedo as relaçoens que elle naõ teria abandonado, a naõ ser a illegal extençãõ de um poder, que se fazia cada dia mais insupportavel, que o obrigou a dar este passo, e a fazer a alliança que fez. Daqui em diante, S. M. unida nos interesses, e nos sentimentos com os seus altos, e poderosos Alliados, naõ ha de desprezar meio algum que possa contribuir para tornar mais apertados os vinculos que o ligam a elles.

CONFEDERAÇÃO SUÍSSA.

Nos os Landamman, e os Membros da dicta dos 19 cantoens da confederaçãõ Suissa; a vos, caros confederados, saude. A guerra que ha pouco estava longe das nossas fronteiras, vai-se approximando do nosso paiz, e das nossas pacificas habitaçoens. Debaixo de taes circumstancias era do nosso dever, como Deputados dos Canteens Confederados, reflectir maduramente sobre a situaçãõ do paiz, para dirigir

communicaçoens ás Potencias Belligerantes, e fazer todas as ulterio-
res disposiçoens que as circumstancias pedem.

Fieis aos principios de nossos antepassados, temos em virtude e
ordens do nosso governo, declarado, com unanime voz, e vontade, a
neutralidade da Sussia.

Nos vamos transmitir, e notificar nas mais proprias formas, aos
Soberanos em guerra, o solemne acto que acabamos de passar com
esta intenção.

Graças á protecção divina, a observação de uma exacta neutralida-
de tem, por muitas idades, affiançado a liberdade, e repouso do nosso
paiz; Agora, da mesina forma que em outro tempo, so esta neutrali-
dade compete á nossa situação e ás nossas necessidades. Nos, portan-
to, dezejamos estabelecilla, e fazella respeitar por todos os meios que
estiverem em nosso poder: nos dezejamos assegurar a liberdade e a
independencia da Suissa, manter a sua presente constituição, e preser-
var o nosso territorio de todas as tentativas; o que he o fim de todos
os nossos esforços.

Para este effeito dirigimo-nos a vos, caros Confederados de todos
os Cantoens da Suissia, e vos damos immediatamente informação
da declaração que acaba da ser publicada, A Dieta espera de cada
um de vos, quem quer que sejais, que haveis de obrar nas mesmas
vistas; que haveis de contribuir por todos os meios para a causa
commum; que haveis de fazer todos os esforços e sacrificios que o
bem do paiz, e a sua preservação pedirem; e que assim toda a na-
ção se mostrará digna dos seus antepassados, e da felicidade que elles
gozaram.

Queira o Soberano Senhor do mundo acceitar a homenagem de
nossa profunda gratidão pelos immensos beneficios que ategora tem
éspalhado sobre o nosso paiz, e seja a preservação, a tranquillidade, e
a felicidade deste Estado, posto debaixo da sua protecção, concedida
ás nossas supplicas.

Dada em Zurich, em 20 de Novembro.

O Landamman da Suissa, Presidente da Dieta,

(Assignado) J. DE REINHARD.

O Chanceller da Confederação,

(Assignado) MORISSON.

◆
Declaração das Potencias Alliadas.

O Governo Francez ordenou uma leva de 300.000 conscriptos.
Os motivos do Senatus Consultum para aquelle effeito, contem

uma appellação ás Potencias Alliadas. Ellas portanto se acham compellidas a promulgar de novo, á face do mundo, as vistas que as guiam na presente guerra, os principios, que fórman a baze de seu comportamento, os seus desejos, e as suas determinaçoens.

As Potencias Alliadas não fazem guerra á França, mas sim contra aquella preponderancia altivamente annunciada,—contra aquella preponderancia, que, para desgraça da Europa, e da França, tem o Imperador Napoleaõ por muito tempo exercitado alem dos limites de seu Imperio.

A victoria tem conduzido os Exercitos Alliados até ás margens do Rheno. O primeiro uso que Suas Magestedas Imperiaes e Reaes fizéram da victoria, foi offerecer paz a S. M. o Imperador dos Francezes. Uma postura fortalecida pela accessão de todos os Soberanos e Principes da Alemanhã, não teve influencia nas condiçoens daquella paz. Estas condiçoens éram fundadas na independencia dos outros estados da Europa; as vistas das Potencias são justas em seu objecto, generosas e liberaes na sua applicação, dando segurança a todos, e honra a cada um.

Os Soberanos Alliados desejam que a França seja grande, poderosa, e feliz; porque a Potencia Franceza no estado de grandeza, e força, he um dos fundamentos do edificio social da Europa. Ellas desejam que a França seja feliz,—que torne a reviver o commercio Francez,—que as artes, aquellas bençaõs da paz, floream outra vez; porque um povo grande sómente póde estar tranquillo á proporção que for feliz. As Potencias confirmam ao Imperio Francez uma extençaõ de territorio, que a França nunca teve, em tempo de seus reys; porque uma nação valorosa não decahe de sua graduação, por ter em seu turno experimentado revezes, em uma contenda obstinada e sanguinaria, em que tem pelejado com sua custumada valentia.

Porem as Potencias Alliadas desejam tambem ser livres, tranquilas, e felizes. Ellas desejam um estado de paz, em que, por meio de uma sabia divisão do poder, por um justo equilibrio, se possa daqui em diante livrar o seu povo das in-

numeraveis calamidades, que tem oprimido a Europa, por estes vinte annos passados.

As Potencias Alliadas não deporaõ as armas, até que não tenham alcançado este grande, e benefico resultado; este nobre objecto de seus esforços. Ellas não deporaõ as armas, até que se não restabeleça de novo o estado politico da Europa,— até que principios immutaveis tenham tornado a assumir os seus dircitos sobre pretensoens vaãs; até que a sanctidade dos tractados tenha por fim assegurado uma paz real á Europa.

Frankfort, 1 de Dezembro, 1813.

—◆—

HOLLANDA.

Proclamação feita pelo Commandante Russiano aos habitantes da Hollanda.

BRAVOS HOLLANDEZES!—Seria um insulto o suppor que vos precizais que vos lembrem as grandes façanhas de vossos antepassados. Todos vos sabeis perfeitamente quanto este desgraçado paiz soffre em consequencia de ser subjugado pelos Francezes. Os Exercitos Francezes estam annihilados, e portanto está nas vossas maõs o verdes-vos livres dos poucos Francezes que ainda permanecem na vossa patria. Um exercito ás ordens do Principe Hereditario de Suecia; e commandado pelo General Russiano, Baraõ Winzingerode approxima-se ás vossas fronteiras, para livrar-vos do jugo da escravidão Franceza, para restaurar o vosso commercio, e restabelecer aquella liberdade para a qual os vossos antepassados taõ profusamente sacrificaram suas vidas, e fortunas. Confiai naquella Divina Provideenia, que ha de coroar com suas bençaõs os vossos exforços na causa da liberdade, e da vossa patria. Sede obedientes aquelles a quem, até que um ulterior arranjo se faça, está confiado o Governo. Perto está o periodo em que vos haveis de gozar de um governo estabelecido, o qual se ha de empregar em fazer-vos esquecer dos vossos passados males.

PROCLAMAÇÃO.

Em nome do Governo Geral.

Como a paz, e segurança comuns estejam ammeaçadas pela banda de Goreum por um bando de Paisanos de Antwerpia e Brabantezes conscriptos, reunidos para aquelle fim por meio da força; temos ajunctado um corpo de tropas para fazer parar os progressos deste bando desesperado; e noicado para o commandar o General Baraõ Sueerts De Landas.

Hollandezes! assisti-o por toda a parte; Magistrados das cidades, Paizanos habitantes das vilas, e dasaldéas cada um como poder. O general fará arranjos para a devida applicaçã dos meios que vos lhe poderdes facilitar.

(Assignado) GILBERTO KAREL VAN HOGENDORP.
F. D. CHANGUION, Principal Secretario.

ITALIA.

Proclamação do Principe Vice-Rey.

POVO DO REYNO DE ITALIA!—Vos fostes felizes testemunhas dos primeiros feitos do Heroe, que preside aos vossos destinos; pelo que vós estaeis mais constantemente presentes nos seus pensamentos, e sois mais charos ao seu coração.

Apenas tinha elle restabelecido, com sua triumphante mão, o throno de Carlos Magno, quando esse throno se fortificou, e confirmou para sempre. Todos os Francezes juráram sustentallo, e defendello; elles tem sido fieis a seu juramento.

Porém o que o Imperador tem feito pela França, não éra sufficiente para a sua grande alma. Elle não podia ser insensivel á sorte da Italia. O seu primeiro desejo foi tornarvos a dar a vossa antiga existencia, e a vossa antiga fama.

Elle pôz sobre a sua cabeça a corôa de ferro, por longo tempo deixada em esquecimento, e as abobadas de vosso templo resoáram, com aquellas memoraveis palavras, *Dieu me l'a donnée, gare aquí la touche.*

Estas palavras excitáram o vosso enthusiasmo, e até o vosso orgulho; vós apreciastes o verdadeiro sentido dellas, e uanivamente repetistes, *Dieu la lui á donnée, gare a qui la touche.*

Desde aquelle momento existio o reyno de Italia; desde aquelle momento os Italianos renascidos, se lembráram da gloria de seus antepassados; desde aquelle momento, aos olhos da Europa admirada, tomáram o seu lugar entre as naçoens mais honradas.

Italianos! Eu vos conheço; vós tambem sereis fieis aos vossos juramentos. Um inimigo, que vos tem de tempos a tempos subjugado, e que, nas idades passadas mais contribuiu para vos dividir, não vio sem inquietação, nem sem zelos, a vossa resurreição, e o expleudor que a cercava.

Pela terceira vez se atreve agora a ameaçar o vosso territorio, e a vossa independencia.

Vós tendes valorosamente corrido a reprimir os seus primeiros esforços; vós não deixareis de o fazer arrepender de seu terceiro; quantos motivos de novo excitam agora o vosso patriotismo e o vosso valor!

Naõ vos tendes esquecido, que ha doze annos éreis capazes de sentir o que sois agora;

A mão, que vos creou, vos tem dado as instituiçoens mais nobres e mais

generosas. Estas instituições constituem ao mesmo tempo o vosso orgulho, e a vossa felicidade e vós não soffrereis que elles se atrevam a tentar o roubar-vo-las. Italia, Italia, este sagrado nome, que na antiguidade produziu tantos prodigios, seja agora o vosso grito de reuniaõ.

Levantem-se os vossos guerreiros a este grito; voem em tumulto a formar segunda muralha á patria, ante aqual o inimigo se não atreverá a apresentar-se.

O valoroso homem, que pejeja por sua casa, por sua familia, pela gloria e independencia de sua patria, he sempre invencivel.

Sêja o inimigo obrigado a sabir de nosso territorio, e nós em breve tempo poderemos dizer a nosso augusto Soberano, " Senhor, éramos dignos de receber de vos uma patria, temos sabido defendella."

(Assignado) EUGENIO NAPOLEAÕ.

Quartel-general de Gradisca, 11 de Outubro, 1813.

COMMERCIO E ARTES.

Estado do Commercio em Portugal.

NAÕ deixará de haver quem supponha, que he fastidioso repetir tantas vezes observaçoens sobre os mesmos objectos, e que, tendo nós fallado do contracto do tabaco em tantos dos nossos numeros, deveriamos não cansar mais os leyttores com tal materia. A isto respondemos, que por mais que os gritos do gotoso sejam repettidos, e enfastiem o enfermeiro, com tudo em quanto as dores da gota continûam a molestar o doente, elle tem direito de continuar tambem a gritar: assim; acabe a oppressaõ do monopolio, e nós deixaremos logo de fallar no contracto do tabaco.

A manufactura do tabaco chamado rape, que em 1800 produzia o que bastava para o consumo de 936 arrobas, em 1812, excedeo a 26.000 arrobas, com proporcionado augmento de lucro dos contractadores, sem que por isso accrecesse maior rendimento á corôa; antes pelo contrario grande damno á cultura do tabaco do Brazil, pela introduçaõ em Lisboa do tabaco de Virginia; pessoa intelli-

gente avaluou este excesso de lucros em mais \$20:000.000 de reis. Constatamos que se fez saber isto ao Governo do Rio-de-Janeiro; quando os Contractadores solicitaram o augmento do preço do rapé; augmento que effectivamente alcançaram.

Importa mui pouco á natureza dos crimes de que alguém he accusado, quaessão os motivos do accusador: seja inveja, odio, amor da justica; nada tem isso que fazer como o crime; a questão he se a accusação se prova ou não. He neste sentido que nos importa pouco, que as pessoas de quem recebemos as nossas informações sêjam ou não influidas por inveja dos lucros dos Contractadores; ou por zelo das rendas publicas: o que nos importa he averiguar, se os monopolistas se enriqueessem com rendimentos, que ou o povo não devia pagar, ou deviam ser applicados para o Erario Regio.

A primeira e mais obvia observação, que occorre a respeito do tabaco; he a indevida influencia que os Contractadores tem no commercio deste genero em geral. O Privilegio do contracto consiste unicamente no direito exclusivo de vender tabaco no Reyno; a exportação do genero para fóra não só não he da sua competencia; mas qualquer ingerencia do contracto he summamente nociva aos interesse da cultura e commercio deste ramo, e consequentemente damnoso ás rendas do Estado.

Dizem que a Corte do Rio-de-Janeiro, não podendo resistir ás representaçoens, que se lhe tem feito a este respeito, ordenou ao Governo de Lisboa, que informasse sobre isto, e o Governo pedio o parecer da Juncta do tabaco.

Se de proposito se quizesse ficar na ignorancia do que ha a dizer nesta materia, não poderia o Governo tomar melhor expediente do que mandar buscar informação á Juncta do Tabaco. Esta Juncta he composta de Magistrados, que pelos seus serviços, probidade, e applicação ao

estudo de direito, e conhecimentos sobre materias forenses, tem talvez chegado aos mais eminentes, e mais rendosos lugares da Magistratura ; mas destas mesmas qualificaçoens se segue, que semelhantes homens não são competentes para decidir ésta materia do contracto, que depende de conhecimentos alheios de seus estudos. Deixando por agora o tabaco, consideraremos o commercio do Reyno em geral.

A Juncta do Commercio de Lisboa expedio uma ordem, em data de 18 de Outubro, 1813; em consequencia de immediata resolução de S. A. R. de 9 de Novembro, de 1812; e despacho da mesma Juncta de 4 de Março, de 1813; determinando ao Dezebargador do Porto Jozé de Mello Freire, que convocasse 20 negociantes daquella praça, os quaes em uma memoria por escripto apontassem os abusos, que se acham introduzidos no commercio, e providencias que convem dar-lhe. O documento nos parece tão importante, que julgamos dever copiallo aqui por extenso.

D. Joaõ, por graça de Deus, &c. Faço saber a vós Dezebargador da Relação da Casa do Porto Jozé de Mello Freire; que tendo eu mandado ouvir os principaes negociantes das praças de Lisboa e Porto, sobre as providencias que julgarem necessarias a respeito da navegação e commercio nacional, nas actuaes circumstancias, como vereis pela minha resolução de 4 de Março do corrente anno; expedida em consulta da Real Juncta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação destes Reynos, que vos envio por copia, para melhor instrucção deste negocio. Heey por bem de ordenar-vos, que chameis á vossa presença 20 negociantes dessa praça dos mais distinctos pelas suas luzes e patriotismo, aos quaes encarregueis de apontar por escripto em uma memoria, com a possível coacisaõ os abusos, que se acham introduzidos, e as providencias que exigem a navegação, e Commercio destes Reynos, para sua maior prosperidade, debaixo dos limites apontados na sobredicta consulta; cuja memoria me remettereis sem perda de tempo, para me ser presente, e eu deliberar o que me parecer justo. O Principe Regente e N. S. o mandou por seu especial mandado, pelos ministros abaixo assignados, Deputados da Real Juncta do Commercio, Agricultura, Fabri-

cas, e Navegaçãõ. Augusto Jozé Henrique Gonzaga a fez em Lisboa, aos 18 de Outubro, de 1813. Por immediata resoluçãõ de S. A. R. de 9 de Novembro, de 1812, e Despacho do Tribunal de 4 de Março, de 1813.

Quando nós recommendamos a necessidade de consultar aquellas classes de homens intelligentes, que podem illustrar o Governo nos differentes ramos da administraçãõ, esperamos sempre duas cousas, uma, que nos atacaíam por essa causa, visto que recommendavamos medidas novas e remedios de abusos : outra que a pezar de todos os enfados sempre alguma parte se havia adoptar. Lembrámos aos nossos Leytores especialmente o que dissemos a respeito da Juncta do Commercio, no Vol. VII. do nosso Periodico, p. 53, e p. 305. Naõ podemos por tanto deixar de louvar, que sobre o estado do commercio do Reyno, ouça a Juncta o parecer dos negociantes. Agora porém quanto ao modo porque isto se fez, naõ vamos ainda de accordo.

Se a Juncta consulta os Negociantes, he claro que he porque naõ sabe resolver por si sobre as materias do commercio ; menos por tanto deve saber o Dezembargador Freire ; e se isto assim se deve suppor ; como se lhe deixa o escolher os negociantes que saõ mais capazes de dar o seu parecer ?

Alem disto ; como se haõ de reunir as opinioens de 20 homens, de maneria que componham uma só memoria com a possivel concisaõ, ; e, se as opinioens forem differentes, quem ha de ser o Redactor, que as ponha em ordem, e methodize em forma de memoria ?

Naõ desejando repettir aqui o que dissemos no lugar citado, para ali remettemos o Leytor, a fim de que veja um esboço do modo porque os estabelicimeuros mercantis se melhoram em Inglaterra ; e como o Governo ouve a opiniaõ dos individuos, ja por meio dos periodicos, ja pelas

representações voluntarias de differentes associações, e subdivisoens dessas associações.

Aquella opiniaõ dos 20 negociantes, se fosse possível obter-se, se devia limitar segundo a ordem da Juncta unicamente aos abusos ; logo os usos não conformes com a prosperidade do Commercio devem ficar em silencio. A repugnancia, com que a Juncta se determinou a este passo, he mui vizivel ; não só porque não deixa aos Negociantes a faculdade de deliberar como, e sobre os objectos que quizerem ; mas tambem porque, sendo a resolução de S. A. R. datada de 9 de Novembro, 1812 ; e vindo ao conhecimento da Juncta em 4 de Março, 1813, não se expedio esta ordem para o Porto senão em 18 d'Outubro, 1813.

A organização actual da Juncta do Commercio he summamente defeituosa, vistos os objectos, que lhe estão encarregados. Se aquelle tribunal tivesse unicamente de julgar das causas forenses, em materias de commercio, não precisava a Juncta de outros membros mais do que Magistrados, e certo numero de Negociantes, que lhe servissem como de Jurado, Adjunctos, com esta ou outra qualquer denominação que fosse. Mas quando a Juncta tem de decidir, e informar o Governo sobre planos de Commercio e seu melhoramento ; para o que se precisaõ conhecimentos de Economia Politica, os magistrados não são as pessoas, cujos conhecimentos são applicaveis á materia.

Por tanto se em vez de ser o Secretario da Juncta do Commercio, ou outro alguem, o que nomeie os Negociantes, que se desejam consultar ; se deixassem aos mesmos os Negociantes deliberar entre si, subdividindo-se em classes dos negociantes da India, do Brazil, do Norte, do Mediterraneo, &c. se em vez de prescrever-lhe as materias sobre que haõ de deliberar, se deixassem discutir, bem ou mal como pudessem, nas materias em que por força haõ de entender mais do que as outras classes de gente :

se em vez de os mandar apresentar um papel em segredo, que fulano ou sutano, aquem aquellas ideas não agradam, lança ao fogo, ou passa em silencio, se permittissem que taes opinioens corresseem pela critica do publico ; não poderia deixar de resultar daqui um exame, que daria a conhecer a verdade por tal maneira, que os interessados nos abusos, quando lhe não fosse absolutamente impossivel, teriam summa difficuldade em suffocar.

A distancia em que o Soberano se acha de Lisboa, faz mais essenciaes estas precauçoens ; porque ; supponhamos a Juncta composta de homens inhabeis, por qualquer razão que seja, he quasi impossivel que o Soberano, no systema actual das cousas, possa vir a ter cabal conhecimento disso. Podem chegar á sua presença queixas de alguns individuos, que tenham sido mal tractados pela Juncta ; mas ainda que se prove uma injustiça em taes casos, dahi se não segue a má organizaçãõ ou systema do Tribunal, o que somente se pôde inferir de medidas geraes.

O primeiro trabalho, a primeira occupaçãõ da Juncta do Commercio deveria ser remover os obstaculos que se oppoem á prosperidade do Commercio nacional, e cuja existencia dá grandes vantagens ás outras naçoens, aonde taes obstaculos não existem. Estas medidas podem ser adoptadas tanto mais facilmente, quanto dependem unicamente do Governo do paiz ; sem que necessitem de forma alguma, de tractados, ajustes ou regulamentos das Naçoens Estrangeiras.

Por exemplo, supponhamos, que as leys da repartiçãõ da saude demóram desnecessariamente o expediente dos navios ; que a administraçãõ da alfandega retarda o embarque das fazendas, e que por falta de caes, e outros requisitos se expoem as cargas, e os navios, a perigos, que exijam augmento de soldadas, ou de premios de seguro Neste caso deveria haver uma Juncta de Commercio, orga-

nizada por tal maneira, e com relações taes com os individuos negociantes, que fosse devidamente informada destes entraves ao commercio, e consultasse immediatamente o Governo sobre os meios de os remediar.

A practica mostra que tal se não faz. Se um negociante vê o seu navio embaraçado, não se lembra, nem a fallar a verdade se pôde delle esperar que se lembre ou encarregue, de fazer requirimentos, em que gasta tempo e dinheiro, para expôr ao Governo a causa do mal, e o remedio geral: contenta-se com desembaraçar o seu navio seja por peditorios, protecções, ou peitas; e quando obtinha o seu fim no seu caso particular, a desordem continûa sem interrupção.

Se este negociante, porem, tivesse a faculdade de fazer o que se faz em Inglaterra; isto he convocar os negociantes de sua classe, que estão em circumstancias de serem expostos aos mesmos males, e todos junctos cuidassem do remedio geral, e o expuzessem á Juncta: e se ésta Juncta fosse composta de pessoas capazes de entender e julgar da justiça da representação, diariamente se veriam remover os obstaculos, que se oppoem á prosperidade do Commercio, e este poderia contender com o das outras nações.

A Juncta do Commercio, que pela ley de creação devia ser composta de nove deputados, se acha somente com cinco, depois que perdeu tres homens habéis; Soares, Raton, e Vandelli: dous destes deportados injustamente (ainda teimamos em chamar a ésta deportação injusta; porque o Governo de Lisboa, ainda não pôde provar a justiça da sua execução *a lá militaire*) e deixaram assim um vacuo, que se não encheo; visto que depois que elles sahiram a Juncta não tem melhorado nem feito cousa alguma; quanto ao Secretario, a historia da Revolução, com os elogios dos Souzas, lhe deo o lugar, por tanto sobre os seus merecimentos não ha nada a dizer.

A Juncta do Commercio, he alem disso encarregada dos

melhoramentos da Agricultura. Vandelli tinha direito a poder fallar desta materia : deitáram-no fóra ; e nem foi substituido por alguma pessoa de conhecimentos, nas materias em que elle podia ter voto ; nem a Juncta desde entã cuidou em mandar plantar uma batata, ou uma estaca d' oliveira : em uma palavra, no artigo agricultura, a Juncta he perfectamente nulla.

As fabricas, saõ outro ramo que lhe pertence, e que precisam uma continuada vigilancia e protecção ; a qual he necessario passar a medidas favorecedoras neste caso, usando de meios positivos de augmentar a industria ; quando no caso do Commercio serã bastante remover os obstaculos, e deixar o resto ao cuidado dos individuos. Mas a Juncta do Commercio tem feito taõ pouco a respeito das Fabricas, depois da expulsaõ dos Francezes, como a respeito do Commercio e da Agricultura. Referiremos um caso unicamente, que demonstra o modo porque os negocios saõ conduzidos nos Tribunaes e Repartiçoens publicas, exemplificado na Juncta do Commercio.

Uma pequena fabrica de chapéos, no Porto, tendo uma encommeda de Chapéos para Galiza, pode alcançar para este trafico uma porção de peles de coelho, que entrãram na alfandega : o fabricante requereo á Juncta do Commercio de Lisboa uma Provisão, para que se lhe entregassem as Peles, na forma do estylo : a Juncta mandou ouvir um Ministro ; o qual mandou que informasse um official, que conheceria da verdade do caso ; voltãram todos estes papeis outra vez á Juncta de Lisboa, a qual mandou passar a Provisão, pela qual pagou o fabricante 100 reis ao Secretario, e 80 reis sello. O Fabricante empregou nesta diligencia um Correspondente em Lisboa, o qual tirando os papeis e cartas do correio os metteo no Tribunal ; mas faltava uma attestação, e portanto ordenou-se que informasse o Ministro F, se podia dispensar-se na attestação. Nestes termos, um negociante estrangeiro do Porto mandou buscar os cha-

peos a Inglaterra, e chegaram a Vigo, antes que o fabricante do Porto tivesse obrido os despachos necessarios para as suas peles. Deste caso ainda que pouco importante, se conhece a causa da inferioridade do Commercio Portuguez comparado com o de outras naçoens, aonde as facilidades que se lhe ministram daõ aos individuos vantagens decididas.

Naõ queremos neste exemplo culpar a Juncta de desmazêlo, ou frouxidaõ, talvez o seu Regimento lhe naõ permite obrar de outra maneira senaõ com estas delongas; mas o que desejavamos éra, que a Juncta fosse composta de taes pessoas, e organizada de maneira, que á proporçaõ que se descobrem estes inconvenientes consultasse logo o Governo, sobre o melhor modo de os remover.

Em Lisboa està em vigor a antiga pauta do Consulado, feita (segundo nossa lembança) antes de haver fabricas de estamparia em Portugal; e portanto as chitas de algodão saõ avaliadas a 240 reis por covado; assim alguma chita azul, que ainda se estampa em Portugal, paga de sahida no Consulado 3 por cento sobre a tal avaliação de 240 reis, quando ella custa de 160 a 200 reis; e isto à face dos negociantes Inglezes, que estaõ vendendo as suas chitas em Lisboa a 120, ate 200 reis o covado. A Juncta do commercio, portanto, devia pertencer o informar-se destes regulamentos destructivos das fabricas nacionaes, e propor ao Governo o seu remedio.

Se as fazendas de Bengala, que se usam nas estamparias, págam 16 por cento de direitos na casa da India, addindo a isto os tres por cento; e considerando que as fazendas Inglezas, que tivérem pago direitos em Portugal, naõ saõ obrigadas a novos direitos no Brazil, he evidente que se podem exportar as chitas Inglezas de Lisboa para o Brazil mais baratas do que as chitas Portuguezas.

As pessoas que naõ reflectem, ou naõ entendem de Economia Política, naõ se lembram de outro remedio a males desta natureza senaõ a prohibiçaõ da mercadoria estran-

geira. Mas a melhor prohibiçaõ, que um Governo pode fazer ao negociante, he arranjar o systema de maneira, que he naõ faça conta o commercio que se deseja prohibir. Se pelo contrario os direitos de importaçaõ e exportaçaõ mal entendidos daõ a vantagem ás manufacturas estrangeiras, he claro, que naõ se precisa outra prohibiçaõ mais do que a reforma de taes regulamentos.

O algudaõ do Brazil devia ser naõ sómente livre de direitos de entrada em Portugal, mas receber um premio, quando se tornasse a exportar manufacturado; se as cousas assim fossem reguladas; quaes seriam as fabricas estrangeiras, que poderiam competir com as de Portugal, no mercado do Brazil?

Nem se nos diga, que o Governo perde immediatamente o rendimento desses direitos; porque se tal medida enriquecesse os fabricantes de Portugal, elles consumiriam mais assucar, mais cafe, e mais productos do Brazil, no que, assim como em outros ramos, o Governo percebe direitos e rendas immediatas; como he a decima dos edificios da fabrica, &c. alem das utilidades reinotas, que provem do augmento da industria, favorecendo-se as fabricas, e fomentando com ellas a populaçaõ.

Por outra parte, sendo as chitas estampadas em panos brancos da India, sujeitas a 19 por cento de direitos, isto he 16 de entrada na casa da India, e 3 de Consulado á sahida; he evidente que as chitas Inglezas, que pagam somente 15 por cento, saõ 4 por cento mais favorecidas que as nacionaes; ora tal arranjoamento naõ lembrou ainda a Politico nenhum, senaõ em Portugal. E se ali he da competencia de algum tribunal o indagar estas materias, e representallas ao Governo, he sem duvida à Juncta do Commercio a quem isto compete.

Notemos outro ramo que era da competencia da Juncta o examinar—a navegaçaõ. Dizem-nos que o Ministro encarregado dos transportes maritimos, cuja repartiçaõ só se extendia aos barcos do Teio. Hyates, e embarcaçoens pe-

quenas ; exige dos navios d'alto bordo da carreira do Brazil 480 reis de propina, estabelecida sem ley nem authoridade alguma mais do que a do Ministro ; e sem que isto se pague não pódem os navios obter o passe da torre ; o escriptaõ de alfandega do tabaco exige igual emolumento, e com igual falta de titulo ou authoridade legitima. O negociante sugeita-se a pagar ésta pequena somma, que se lhe extorque, antes do que andar com requirimentos ; e no entanto o abuso continúa.

A Juncta do Commercio, como protectora da navegação, devia olhar por isto, pôr fim a estes abusos, e outros dos guardas, &c. e fazer com que os navegantes Portuguezes não achassem mais difficuldades em sua occupaçaõ, do que encontram os das outras naçoens. Do Rio-de-Janeiro se nos informa, que chegára ali uma representaçãõ da Juncta do Commercio de Lisboa ; queixando-se de que lhe não mandavam copias das leys, alvaras, e decretos, cuja execuçaõ lhe compete. Se isto assim he o descuido e desmazelo vai mais longe, e pede a justiça, que se não carregue á Juncta mais do que ella merece.

E com tudo, parece-nos, que o Alvará de 4 de Fevereiro de 1811, e outras determinaçoens, dão livre a saída de todas as manufacturas de Portugal ; e somente por interpretaçoens cerebrinas, se pode obrar em contrario. São estas consideraçoens as que nos parecem assas ponderozas, para que a Juncta do Commercio se reforme, e modélle de novo, visto que as circumstancias actuaes do Mundo exigem mais attençaõ ao ramo do commercio, do que scrã necessario nos tempos antigos. Neste ponto da administraçaõ ha a grande difficuldade de que o interesse do individuo commerciante, está quasi sempre em opposiçaõ ao Commercio em geral ; mas he necessario ouvido ; e haver entãõ uma authoridade independente, que julgue da justiça das representaçoens.

Resumo dos generos que entráraõ no Porto de Lisboa em todo o mez de Novembro, de 1813.

424 Moios, 12.300 Fanegas, 800 quarteiras, 367 sacos, e 99 couros de trigo: 402 surrões de farinha de trigo; 627 moios, e 6.575 fanegas de cevada; 19.527 quintaes de bacalháo; 35 pipas, e 732 barris de aguardente; 620 caixas d'assúcar; 1.259 sacas de caffè; 1.200 sacas d'arroz; 803 ditas de cacáo; 1.700 cestos de queijos; 58 pipas de vinho; 18 moios, 730 sacos, e 80 salmas de feijaõ; 2.800 barris de manteiga; 1.543 barris, 530 caixas, e 106 quintaes de passas; 19.000 arrobas de figos 1.427 barris de carne; 1.000 barris de enxovas; 30 pipas de Serveja; 192 golpelhas, e 25 sacas de amendoas; 120 golpelhas de alfarobas; 28 barricas de atum; 30 sacas de milho; 122 ditas de aveia; 60 jarras de uvas; 75 tonedadas de batatas; 57 moios de tramoços.



*Preços correntes dos principaes productos do Brazil em
Londres, 25 de Dezembro, 1813.*

Generos.	Qualidade.	Quantidade	Preço de	a	Diretos.
Assucar	branco	112 lib.	58s.	70s.	3l. 14s. 7 ½d.
-----	triguero	Dº.	50s.	55s.	
-----	mascavado	Dº.	42s.	45s.	
Algodão	Rio	Libra	20p.	21p.	16s. 11d. p. 100 lib
-----	Bahia	Dº.	25 ½p.	26 ½p.	
-----	Maranhão	Dº.	2 ½p.	26 ½p.	
-----	Pernambuco	Dº.	27p.	28p.	
-----	Minas novas	Dº.	21p.	22p.	
Dº. America	melhor	Dº.	2s. 9p.	3s. 2p.	16. 11. pr. 100 lba.
Annil	Brazil	Dº.	2s. 6p.	3s. 6p.	
Arroz	Dº.	112 lib.	36s.	42s.	4d. por libra
Cacao	Pará	112 lib.	70s.	83s.	3s. 4d. por lib.
Caffé	Rio	libra	99s.	105s.	2s. 4d. por libra.
Cebo	Bom	112 lib.	90s.	100s.	2s. 8d. por 112 lib.
Chifres	grandes	123	20s.	35s.	4s. 8d. por 100.
Couros de boy	Rio grande	libra	6p.	8p.	8d. por libra.
-----	Rio da Prata	Dº.	6p.	9p.	
Dº. de Cavallo	Dº.	Couro	8s. 6p.	9s.	
Ipecuacuauha	Boa	libra	13s. 6p.	14s. 6p.	3s. libra.
Quina	Palida	libra	1s. 6p.	2s. 0p.	3s. 8d. libra.
-----	Ordinaria	-----	Dº.	-----	
-----	Mediana	-----	2s. 8p.	3s.	
-----	Fina	-----	4s. 6p.	7s. 6p.	
-----	Vermelha	-----	4s.	7s.	
-----	Amarella	-----	2s. 6p.	3s.	
-----	Chata	-----	Dº.	-----	
-----	Torcida	-----	3s. 9p.	4s. 9d.	1s. 8d. por libras.
Pao Brazil		tonel	9s. l.	100l.	4l. a tonelada.
Salsa Parrilha					
Tabaco	Rolo	libra	7p.	8p.	3s. 6d. libra excise 3l. 5s. 9d. alf. 100 lb.

Premios de seguros.

Brazil	hida	10 guineos por cento.	R. 5.
	vinda	14 a 15	
Lisboa e Porto	hida	8 G ^s .	
	vinda	2 G ^s . em comboy	
Madeira	hida	5 a 6 G ^s .—Açores 8 G ^s .	R. 3.
	vinda	8 á 10	
Rio da Prata	hida	12 á 15 guineos; com a tornaviagem	
	vinda	o mesmo	15 a 18 G ^s .

LITERATURA E SCIENCIAS.

Novas descobertas nas Artes.

AINDA que a Politica seja o principal objecto do nosso periodico ; e que os grandes interesses dos Estados occupem quasi exclusivamente a attençaõ da Europa, neste momento, não perdemos com tudo de vista o dar a nossos Leytores, em um pequeno espaço deste jornal, noticias das novas descobertas, que continuamente tem lugar nas artes uteis, mesmo no meio dos estrondos da guerra ; com o que progressivamente se melhoram os conhecimentos dos homens, e se augmentam os beneficios da vida social.

Sociedade Real. Londres, 4 de Novembro.

Quinta feira passada teve ésta Sociedade uma Sessão, depois das ferias grandes. Sir Joseph Banks, seu digno Presidente, tomou a cadeira de presidencia. Leo-se um papel do Dr. Wollaston, sobre o que elle denomina “os equivalentes Chimicos” ; e consistia em uma lista das partes componentes de todos os saes conhecidos, quantidade de oxigenio, hydrogenio, azote, baze, e agua que contém, pelo seu pezo e medida ; e as proporçoens definitivas dos atomos integraes, de todos os compostos conhecidos. O objecto deste papel he abreviar o trabalho dos Chimicos analistas, auxiliar a memoria do estudante, e apresentar uma vista summaria ou resumo dos conhecimentos Chimicos, reduzidos á forma de taboa, que se póde usar com uma escala graduada movel, ou regra corrediça, que demonstra os differentes productos, e respectivas partes componentes, em um ponto de vista.

Insectos. Mr. Serres, de Montpellier, fez experiencias na anatomia dos insectos ; e descobrio, que os gafanhotos, e outros insectos de generos analogos, não saõ, como até aqui se suppunha, animaes ruminantes ; elles não trazem segunda vez o mantimento á boca ; porem meramente, em

certas circumstancias, lançam fóra um succo de bilis ou fel, que possuem em grande abundancia. Este physiologista examinou os liquidos corados, na cavidade do peritoneum de varios insectos, e elles fóram absorvidos pelos vasos compridos, e delgados, que sempre se acham fixos a alguma porçáõ do canal intestinal. Isto tende a provar que o uso de taes vasos he a secressaõ da massa commum dos humores, dos licores digestivos, e lançallos no canal intestinal. Elle averiguou tambem, que os foliculos de certos insectos, que se tem considerando como estomagos, nunca recebem o mantimento, e saõ meramente reservatorios do humor da bilis.”

Viboras. M. Dutrchet observou uma circumstancia notavel, na prenhez das viboras. Parece que as pequenas viboras tem os seus vasos umbilicaes distribuidos, naõ somente sobre a gema do ovo, em que estaõ originariamente incluidas, mas que, parte destes vasos estaõ tambem distribuidos pela superficie interna do oviducto, e fórmam ali uma rede, que se póde considerar como verdadeira placenta. As viboras, portanto, participam do modo de nutrir o foetus peculiar aos animaes mamaes, e que até aqui se suppunha faltar inteiramente nos animacs da classe dos oviparos.

Mel. Segundo as experiencias, que tem feito varios chimicos, parece que o mel consiste em quatorze-quizeavos de charope, e um quinto de substancia branca farinacea, insipida. Sendo adulterado com farinha ou gomma, o ue muitas vezes acontece, se póde descobrir a fraude aquecendo-o; quando he puro se derrete todo em charope fino transparente; mas se he adulterado, o corpo extraneo lhe dará a apparencia de lodoso. A substancia branca farinacea, que se acha no mais puro mel, póde ser separada do charope, evaporando-o com carvaõ. He ésta substancia branca, que faz com que o mel obre taõ poderosamente no estomago, e baixo ventre; se o charope for limpo della,

se poderaõ tomar tres ou quatro onças para o almoço, sem effeitos nocivos, ou violentos: mas uma doze de duas oitavas deste branco, ou parte concreta occasiona cholicas, laxidaõ, &c. Para preparar o charope de mel, que he mui saudavel, e nutriente, e livre dos effeitos spasmodicos e laxativos do mel commum, se daõ as seguintes direcçoens. Dissolvam se oito onças de mel com duas de agua fria, ajunte-se-lhe uma onça de carvaõ de ossos (ossos calcinados, phosphato de cal) mexa-se a mixtura, e deixe-se repousar por hora e meia, e entaõ se filtre. O charope passa primeiro muito turvo, mas pouco depois se faz claro. O carvaõ lhe dá um cheiro particular, que facilmente se lhe tira, expondo-o a um fogo brando por um quarto d'hora.

Cogumelos soporíferos. Os habitantes de Kamtschatka e paizes vizinhos, fazem uso, segundo Lõngsdorf, de uma especie de agarico ou Cogumelo, pelas suas qualidades de embriagar. Um cogumelo grande, ou dous pequenos, diz elle, he bastante para produzir grande excitaçaõ, ou extrema ebriaguez. Os effeitos narcoticos deste fungus, que se augmentam muito pelo uso da agua fria, se manifestam em meia hora, ou mais, até duas horas, depois de tomados, por irritaçãõ dos musculos, tontura da cabeça, somnolencia, e todos os effeitos geraes do vinho, ou espiritos ardentes. A propensaõ para dançar, e fazer gestos extraordinarios, caracteriza o uso deste agarico (o mesmo que exhala dos gazes de oxide, e de azote) e he mui notavel a sua acçaõ na urina. Esta secreçaõ adquire as qualidades narcoticas muito mais decididamente do que os mesmos cogumelos, e os bebados naquelles paizes avidamente bebem a urina de seus companheiros. Uma taça mediana cheia desta urina, produz ainda dous dias ao depois, maior grãõ de ebriaguez, e a urina da pessoa que a bebe produz ainda maior estado de bebedice, e assim por diante até a urina do quinto bebedor. Duas ou tres cu-

lheres de gordura, ou azeite de peixe, são sufficientes para remediar os máos effeitos no estomago e baixo ventre, occasionados pelo uso deste agarico, cuja especie particular Mr. Langsdorf não descreve.

Carvão. Os navios de S. M. Britannica Spitfire, e Bonne Citoyenne, andando a corso na costa de Greenland, descubríram, ha pouco tempo duas camadas distinctas de carvão nas ribanceiras da ponta de Nordeste da ilha do Urso. A camada de cima he de qualidade superior; a camada de baixo he pezada, e cheia de sulphur, mas arde bem. Com ésta se acha mixturada uma mina metalica, que se julga ser estanho, mas provavelmente será ferro. A ilha do Urso está na lat. 74° 28, long. 18°. 20. E com bom anchoradouro todo em roda da ilha, e de facil accesso, excepto ao S. E. aonde a costa he alta, e de rochedos. A ilha terá 12 milhas de diametro, he esteril, e contém unicamente alguns ursos e rapozas, e aves aquaticas. A feliz descoberta de uma ilha em tal situação, e que contém tal thesouro mineral como he o carvão, deve ser de incalculavel vantagem para a maior parte dos Noruegas que dependem deste paiz para o combustivel, e que annualmente padecem muito pela falta de fogo, não só para os objectos culinares, mas tambem para as fabricas, e officios mechanicos em geral.

Tableau Politique de l' Europe, depuis la bataille de Leipsic, gagnée le 18 Octobre, 1813.

O folheto, que annunciamos aqui aos nossos Leitores, impresso em Londres na lingua Franceza, contém 96 paginas; e posto que não sêja volumoso, he assaz completo na exposiçãõ que faz do estado politico da Europa, principalmente nas relaçoens das diversas Potencias a respeito da França.

O Governo revolucionario da França, havendo tentado

reduzir todos os Governos da Europa a Republicas, e depois fazellos submeter ás vistas e interesses da França; por meio das intrigas, que facilmente se introduzem nas commoçoens populares, aspirou depois á Monarchia Universal, abolindo inteiramente alguns dos Estados antigos, e reduzindo outros a tal estado de fraqueza, que não tivessem outra alternativa mais do que obedecer ao Conquistador.

As victorias da Russia, a formação da Alliança entre as principaes Naçoens da Europa, contra a França, e por fim a batalha de Leipsic, desfizeram estes planos dos Francezes, e derribáram Bonaparte daquella elevação de poder, a que o tinham elevado, menos as forças de seus exercitos, do que as intrigas de gabinete; he portanto o fim do Author mostrar, como este poder da França augmentado por meios injustos, e para fins iniquos, se acha reduzido a um estado de abatimento, que o impossibilita de continuar em seus planos, e offerece aos Alliados a melhor occasião possivel de restabelecer o equilibrio da Europa, ao ponto de se poder fazer uma paz geral, que se funde em bases firmes, e prometta uma duração, que tranquilize as Naçoens. Eis aqui como o A. principia.

“ Ha quatorze, que um usurpador se tem servido de dous meios para subjugar o Mundo. Enganava-o com sua politica; enchia-o de admiração, com a fortuna de suas armas; e, mais feliz do que habil, tinha apoiado em seus bons successos a força da opiniaõ, que fazia acreditar em suas mentiras; e tinha achado nestas mesmas mentiras o meio de segurar os seus bons successos.”

“ Desde a jornada de 18 Brumaire, em que a França foi subjugada, assim como o foi depois a Lombardia, na batalha de Marengo, e a Prussia na de Jenna, Bonaparte esparzindo diante de si o terror, não tinha alcançado a victoria senão porque, antes de combater, ja seus adversarios estavam vencidos. Fazendo-se mais atrevido por cada nova empreza, redobrou a sua audacia, á medida que duplicava a timidez, he assim que, suffocando a verdade, atravessou a Europa, apoiando a sua força real, em uma força imaginaria.”

“ O encanto devia durar, em quanto o magico levasse diante de si as naçoens habituadas a fundamentar a sua resistencia nos calculos de probabilidades; porém se encontrasse com um povo antigo, mais proximo da natureza, isto he, mais aproximado ao estado em que o homem pertence mais a seus sentimentos, e menos a seus calculos, o encanto deveria entã desfazer-se.”

“ As duas Potencias auxiliares que fizéram que Napoleaõ fosse bem succedido em todas as suas campanhas; isto he a mentira, e o terror, faltaram-lhe na sua invasaõ da Russia.”

Passa o A. depois a mostrar como na Russia, na Hespanha, e em Portugal, as naçoens deixáram de raciocinar sobre os bulletins, e proclamaçoens insidiosas dos Francezes, attendêram unicamente aos sentimentos do patriotismo, e bastou isto para derrotar os exercitos veteranos da França. Queimáram-se alguns edificios, perecéram gloriosamente alguns milhares de patriotas; mas sugeitando-se a estes sacrificios as naçoens conserváram a sua independencia, e a soberania de seus Governos.

Havendo o A. demonstrado o progresso rapido, e as causas da decadencia do usurpador, examina as vistas moderadas dos Alliados, e a necessidade em que estáo de se pôr ao abrigo de novas tentativas; e o interesse dos mesmos Francezes em não favorecer as vistas de Bonaparte, o qual, segundo o A., “ podendo remediar todos os males da França, e talvez da Europa, não fez senã destruir tudo que havia de bom.” E diz assim a p. 16.

“ Para reconquistar alguma influencia maritima, se perdêram 60.000 homens, 80 milhoens, e S. Domingos. Para rivalizar o commercio de Inglaterra, se arruináram todas as manufacturas de França. Para abater a casa de Bourbon na Italia, para a annihilar na Hespanha, se levantáram 600.000 soldados: para sustentar um systema Continental inadmissivel, se desvanecêram quinze annos de gloria: para comprar cumplices, visto que um usurpador não tem subditos, se entregáram as Finanças ás mais horrorosas concussoens: o sorvedouro da divida publica se tornou a abrir para adquirir riquezas, e se segou a populaçaõ, a fim de poder dispôr de uma populaçaõ mais numerosa.”

Como Bonaparte tem já proposto duas vezes a paz, depois da derrota de seus exercitos, o A. considera quaes seriam os effeitos de tal paz, se os Alliados deixassem á França o poder de tornar a declarar a guerra, quando achasse occasião oportuna; e diz assim a p. 36.

“ Ha certas precauçoens, que se devem tomar, fazendo a paz, de que os Alliados se não pôdem aproveitar como elle (Bonaparte) que em iguaes circumstancias lhe tem dado taõ despoticamente o exemplo: assignando-a nas margens do Rheuo, sobre o terreno exausto da Alemanha; e poderaõ elles deixar grandes exercitos para observar os movimentos deste Bonaparte, que, sêja qual for a denominação que se lhe der, seja qual for o character que elle mostrar apparencias de assumir, será sempre o seu inimigo? Se não saõ os paizes reconquistados os que haõ de manter semelhantes exercitos; e poderá a Russia manter por longo tempo cem mil homens a quinhentas leguas de distancia de suas fronteiras? Será a Succia que tem feito taõ grandes esforços para se privar de seu Principe, e de seu exercito? e se as Potencias mais distantes não podem fazer taes despezas; até que ponto convem confiar similhante vigilancia ás Potencias, que estaõ mais proximas para se encarregar della? A paz, portanto, lançará o germen da inquietação entre os Gabinetes, que tem mostrado tanta boa fé durante a guerra, e Bonaparte assignando-a terá já ganho a primeira victoria.”

O Leytor porem não deverá concluir do que copiamos acima, que o systema do A. suppoem a conquista, ou a desmembração das provincias da França: pelo contrario elle estabelece por uma indução de raciocinios, que tal plano he contra as intençoens, e contra os interesses dos mesmos Alliados; como se vê da seguinte passagem.

“ Se a conquista da França (diz o A. a p. 44) apresenta grandes obstaculos, os que se oppoem á sua divisaõ não saõ menos insuperaveis. Os Alliados os conhecem, e os Francezes não tem nada que temer a este respeito. Em vão o tyranno, para os persuadir que he contra elles que se dirige o odio que se tem a elle só, lhes grita — Ameaçam-vos com a escravidão — he preciso que a França saiba, que a não ameaçam senaõ com a liberdade. Não se lhe apresenta um novo jugo, mas sim a offerta de a libertar do jugo que soffre.”

O A. desenvolve, com precisão e clareza, as circum-

stancias que eleváram Bonaparte ao throno da França; e depois as causas immediatas que operáram a sua ruina; a este respeito he digna de copiar-se a recapitulaçaõ, que que o A. faz. a p. 72.

“ Admirando os homens, que não são outra cousa mais do que os instrumentos, he sempre ao principio das cousas que se deve voltar. A Providencia que castiga, mas que nunca desampara, abandonando a Europa a um Conquistador, tinha reservado tres grandes meios para a restabelecer: uma ilha rica e poderosa, uma península, que era impossivel rodear; em fim um grande povo digno de usar do nome de *Slaves*, (esta palavra significa, na lingua Russiana, Gloria) de quem descendem, e de derramar, como elles, na Europa as multidoens de barbaros, que a fizéram succumbir.”

O Leytor facilmente conheccrá daqui, que segundo o systema do A. as tres poderosas causas da regeneraçã da Europa fõram a perserverança da Inglaterra, que com as suas riquezas conservou no continente o espirito militar: o patriotismo da Hespanha, que demonstrou quanto pôde o entusiasmo nacional, ainda sem os recursos necessarios: e o valor dos Russianos, que reanimou todo o Norte da Europa.

Resta por tanto expôr a maneira porque Bonaparte conservava o seu poder; e por fim o modo de annihilar completamente o despotismo da França, e lançar os fundamentos da uma paz solida, e duravel. Quanto aos meios por que Bonaparte extendeo, e conservou a sua dominaçaõ, daremos a conhecer os sentimentos do A. com um extracto, p. 88.

“ O oppressor da Europa governava metade de seu territorio; tinha enganado a França com a esperança de ser feliz; a Italia com as vistas de se ver reunida; a Confederaçaõ do Rheno pelo temor da Prussia e da Austria; a Hespanha pela traiçaõ; a Hollanda pela perfidia; a Austria por suas negociaçoens; a Prussia por suas intrigas; a Saxonia por sua hypocrisia; a Polonia por falsas esperanças; a Russia em fim com a promessa de tornar a estabelecer a tranquillidade.”

He claro que o poder de Bonaparte fundado em bases

taõ precarias não podia ser de alguma duração; e somente a sua ambição desmedida o poderia cegar ao ponto de não conhecer que eram applicaveis á sua situação, os muitos exemplos dos conquistadores, que tem succumbido debaixo das ruinas de vastos dominios mal adquiridos, e sustentados pela força armada, sem o favor da opinião. He desta theoria, que o A. deduz a necessidade que ha de restituir a familia dos Bourbons ao throno da França; e entãõ não haverá nação, que tenha cousa nenhuma a recear da coalizaõ, que se acha formada contra Bonaparte.

“ Para dissipar (diz o A. p. 90) toda a inquietação a respeito da Coalizaõ de hoje, he preciso perguntar, aonde está o poder que pode destruir a opinião: o oppressor da França levantaria ainda ali 1.100.000 soldados, e com tudo não poderia vencer 20 naçoens que se tem constituido o deposito de seus exercitos. ; Quaes seriam os resultados de suas victorias? Fariam ellas com que as ideas retrogradassem? Ha vinte annos, os Soberanos hiam como por um rio acima, contra a torrente da opinião; presentemente vem com a torrente, trazendo com sigo os votos e desejos dos povos a seu lado.”

Em quanto os Soberanos combatiam contra a Nação Franceza, a luta éra penosa, e deviam succumbir; porém depois que são as naçoens as que combatem contra um Corso, a opinião mudou de lugar, e passou para o campo dos vencedores. Porém se todos os principios, todos os sentimentos de reuniaõ estão da parte dos Alliados, um golpe de vista rapido fará ver, que quasi todos os recursos são tambem por elles.”

“ A Prussia tem sido devastada; mas os seus habitantes se tem convertido em soldados invenciveis; a necessidade e a desesperação tem feito mais do que a economia de Frederico Guilherme I., e o genio de seu filho. Os exercitos se tem feito mais numerosos, a affeição á causa tem suprido o *material*, a disciplina tem nascido da necessidade de a restabelecer: gente util se tem apresentado de todas as partes, as nuvens, que occultavam os generaes habeis, se tem dissipado; Blucher salvou a sua Patria, e a Prussia de hoje não tem nada a invejar á do Grande Frederico.”

“ Instruido pela experiencia, a Confederação da Rheno ja não

procura o seu apoio na tyrannia ; ella não tentará mais subtrahir-se ás leys, que tinha feito, para se lançar em um systema que ainda ignora ; ella não verá na França senão uma barreira á ambição das Potencias, senão um freio, á ambição dos Francezes.

“ A Austria, que encerra em si, tudo quanto constitue a verdadeira força de um Estado ; Monarchia como o mesmo Tayllerand confessa, cujas raizes penetram até o centro da terra, a Austria terá aprendido, que o egoismo em politica he a mais funesta de todas as combinaçoens.”

“ Talvez demasiado inclinada a tomar as agitaçoens das facçoens, pela salvação do Estado, a Suecia sente ja todo o valor de sua situação brilhante ; ella vê no grande homem, que entre Lutzen e Leipsic traz á lembrança o grande Gustavo, o remediador dos males que Carlos XII. lhe tinha occasionado, e agradece ao Ceo o ter tirado do seio da desordem o heroe, que lhe dá o socego, e prepara a sua prosperidade.”

“ A Dinamarca corrigida pela experiencia aprenderá talvez, que he preferivel o participar das infelicidades dos valorosos, antes do que da fortuna dos máos : ameaçada com uma lição severa, se apressará a comprar a estimação dos distribuidores da justiça Europea.”

“ A Hollanda, cuja boa fé he o seu verdadeiro poder, entregando de novo os seus capitaes ao commercio, a sua industria ao trabalho, a sua paciencia ao elemento que a cerca, não se esquecerá, que á sabedoria de adquirir he preciso unir a energia que conserva ; e a barca do Estado, fatigada com as tempestades republicanas, vai lançar a anchora verdadeira, que somente pode segurar a sua tranquillidade.”

“ A Italia mais impaciente do jugo que nenhum outro paiz, porém mais vigiada, espera, e provavalménte conspira. Ja não ha temores a seu respeito, so se teme por estes infelizes Francezes, innocentes por assim dizer dos crimes que cometem. Não se pode trazer á lembrança sem tremer as Vesperas Sicilianas ; e o pensamento, retrogradando, com dôr, na historia, vê estes bellos paizes serem o tumulo de seus conquistadores.”

“ Tal he o quadro das Potencias, que tem recebido um grande exemplo da Inglaterra, da Hespanha, e da Russia. Se a força da opiniaõ, que levanta a Europa, a generosa mas previdente Inglaterra continua a unir as suas riquezas, a Peninsula a sua energia, A. Russia o seu admiravel interesse, está segura de reconquistar a sua tranquillidade.”

“ A revolução que se fez ha 25 annos, se aproveitou dos erros de todos os reys ; a revolução de hoje se deve aproveitar de seus talentos, e de suas virtudes : os Alliados não podem ignorar os recursos que possuem ; os acontecimentos acabam agora de lhos revelar.”

“ Mas quaes são estes recursos, que o Ceo lhes tinha, por assim dizer occultado, a fim de produzir a epocha, em que cessaria de os punir ?”

“ A Hespanha estava quasi conquistada : um throno, um altar acabam de fugir : a patria em Portugal não é ja patria ; mas Wellington estava reservado pela Providencia, e duas naçoens valentes fôrã salvas.”

“ A França, depois de 25 annos, tem necessidade de descanso ; a Europa necessita não a temer ; o mundo inteiro tem necessidade de lhe prestar a sua estimaçã, e ésta mesma Provideucia lhe conservou um rey justo, sem ambiçã, uma familia sem resentimento, principes generosos, que até tremem de ser confundidos com o seu tyranno.”

“ Os Alliados para evitar as exacçoens, que os fariã odiosos, tem necessidade de subsidios, e ésta Providencia concentra todas as riquezas do Mundo naquelle povo do Universo, que he o mais digno de fazer dellas um uso nobre.”

“ Desencaminhando os principes da Confederaçã dos Rheno, fechando por longo tempo os olhos aos erros da Prussia, e aos da Austria, tem mantido no throno Soberanos cheios de honra, e dignos de ouvir a verdade.

“ Não podendo de um só golpe dar á Suecia a sua preponderancia dos seculos passados, ella tem ligado a sua gloria á do chefe que deo a seus soldados, e lhe prepára um glorioso futuro.”

“ Em fim para corôar tantos beneficios, reunir tantos elementos differentes, derribar tantos obstaculos, suffocar tanta ambiçã ; moderar tantos zelos, consolidar taõ vasto edificio ; ella poem a sua obra debaixo da guarda da probidade, da honra, e todos os sentimentos heroicos ; e põem as virtudes no coraçã do Imperador Alexandre.”

Noticia de novas publicações em Inglaterra.

Semple's Tour from Hamburg, 8vo. preço 7s. Observações feitas em uma pequena viagem de Hamburgo, por Berlin, e Breslau, até Silberberg; e dali até Gottenburgo, passando por onde estiveram os Alliados com o seu quartel-general. Por Roberto Semple: Author de duas viagens à Hespanha, e um eboço de Caracas.

Cuvier's Theory of the Earth, 8vo. preço 8s. Ensaio sobre a theoria da terra, traduzido do Francez de Mr. Cuvier, Secretario perpetuo do Instituto Francez, Professor e Administrador do Museum de Historia Natural, &c. Traductor Roberto Kerr, F. R. S. e F. A. S. de Edinburgo, com notas mineralogicas, e uma conta das descobertas geologicas de Cuvier, pelo Professor Jameson: e duas boas estampa.

Esta obra deve ser extremamente util ao estudante de geologia; porque contem vistas originaes e mui importantes sobre este objecto; e se occupa mais com as importantes particularidades de factos e observaçoens, do que com estabelecer theorias engenhosas. O Christão pode munirse, por esta producção de um philosopho Parisiense, com armas para dafender a sua fé, contra aquelles escriptores que tem trabalhado pela destruir com objecçoens contra a narrativa do diluvio de Moises, e antiguidade da especie humana. E o Ensaio he escripto em estylo taõ elegante, e taõ claro em sua narraçãõ, e ministra tanta informaçaõ em uma interessantissima parte da Historia Natural, que não pode o Leitor deixar de tirar delle grande porçaõ de instrucçaõ e divertimento.

Lyon c. Fruit Trees, 8vo. preço 5s. Observações so-

bre a esterilidade das arvores fructiferas, e meio de a precaver e curar. Com uma Estampa. Por P. Lyon.

Neste pequeno tractado se indica um methodo pelo qual se pode fazer com que as arvores de qualquer idade que sêjam dem immediatamente fructo, se augmente a sua quantidade, e melhore a sua qualidade; se renovem as arvores velhas, se promova o crescimento das novas, e se remova completamente a gangrena; que he molestia universalmente fatal ás arvores de fructo, e que ate aqui se julgava incuravel.

Musical Biography, 2 vols. 8vo. preço 1l. 4s. Biographia Musica, ou Memorias das vidas e escriptos dos mais eminentes compositores, e escriptores, que tem florecido em differentes paizes da Europa, durante os ultimos tres seculos, e incluindo memorias dos que ainda vivem.

A intençãõ do A. na execuçãõ desta obrá, foi supprir aos amantes da musica com anedotas das vidas, e observaçoens sobre os escriptos impressos ou manuscriptos, de eminentes mestres, e que naõ sómente sirvam de recreio, e instrucçãõ, mas tambem sirvam de guia para quem quizer compar as suas obras.

Goldoni's Memoirs, 2 vols. 8vo. preço 1l. 1s. Memorias de Goldoni (o celebre poeta dramatico) escriptas por elle mesmo. Traduzidas por Joaõ Black.

MISCELLANEA.

Bulletins do Exercito do Norte de Alemanha.

BULLETIM XXIV.

Quartel-general de Muhlhausen, 28 d'Outubro, de 1813.

O PRINCIPE da Coroa mudou hontem o seu quartel-general para Muhlhausen, para cujo sitio tinha avançado por Mersburg, Artem, e Sandershausen. Os grandes resultados da batalha de Leipsig, cada dia se fazem mais e mais visiveis. O exercito do Imperador Napoleaõ vai-se retirando a marchas forçadas, e cada dia soffre perdas consideraveis. Elle marchou em direcção a Erfurt; porem, segundo as ultimas noticias, aquelle ponto está na posse dos alliados. O General Blucher segue apertadamente todos os vestigios do inimigo; em quanto o grande exercito de Bohemia, cujo quartel-general estava no dia 4 em Weimar, vai marchando pelo seu flanco esquerdo, e o exercito do Norte da Alemanha está em parte sobre o seu flanco direito, e em parte se estende mais alem.

Os Generaes Yorck, e Wasilschikow, cujos corpos formam a vanguarda do exercito da Silezia, atacaram a rettaguarda do inimigo perto de Weissenfels, e Freyberg, e tomaram para cima de 4.000 prisioneiros, 40 peças d'artilheria, e um numero de carros de bagagens e muniçoens. O General Bubna tomou 800 ppisioneiros da Guarda Imperial, em Buttlistadt, e o General Bennigsen, que marchou pela estrada de Bebro, achou um grande numero de extraviados, e de canboens abandonados, e carroças das bagagens, tudo ao longo da estradas. Na estrada de Erfurt, o mesmo Imperador Napoleaõ mandou queimar mais de 600 carros de polvora. O Coronel Chrapowitski tomou posse da cidade de Gotha no dia 22, e entaõ fez prisioneiros o Ministro Francez, Baraõ de Aynon, 73 officiaes, e 900 homens. Fez voar 30 carros de polvora, e depois disto reunio-se em Molschleben, ao General Slowaisky no dia 12; o qual tinha sido destacado do grande exercito para se por em roda do exercito Francez. O Coronel Bekeudorf, ao mesmo tempo incomodou o inimigo em toda a sua marcha para Erfurt, foi continuamente escaramuçando com a cavallaria do General Sebastiani, e tomou uma quantidade de prisioneiros. O General Czernitscheff, a cujo corpo estes partidistas pertencem, marchou para Eisenach para prevenir a testa da columna inimiga. O Imperador Napoleaõ, no dia 19, dormio em Mark-Raustadt, no dia 20 em Weissenfels, em 21 em Eckarstberg; na madrugada do dia 23 estava em Erfurt, donde partio para Gotha.

Cartas interceptadas dizem, que naquellas vizinhanças, as estradas reaes estavam cobertas, e, como se estivessem semeadas de fugitivos, sem armas, nem fardamento. O Marechal St. Cyr fez um movimento de Dresde para Torgau; provavelmente com o intento de tirar as guarniçoens daquela fortaleza, e de Wittenberg, e unillas ao seu corpo, avançar até Magdeburgo, e dali para França. Varios corpos de exercito estam avançando, de differentes pontos, uns para os outros, reunindo se para o accometerem, e cortallo. O General Tauenzien está na vizinhança de Rostau; e hade reunir os corpos dos Generaes Von Hirschfeld, e Von Thumen ao seu. O General Conde Tauenzien segue os movimentos do General St. Cyr, e o General Bennigsen cujo exercito se tinha ja reunido ao do Principe da Coroa, ha de mandar que o corpo do General Doctoroff tome a mesma direcção, e ha de tomar sobre si o commando de todas as tropas Russianas, e Prussianas, que estão destinadas para manobrar contra os corpos inimigos. O General Strogonoff ha de reunir-se ao exercito do Principe da Coroa.

O General Tettenborn, que estava com um corpo de tropas ligeiras, perto de Lunembourg tomou posse, no dia 15 d'Outubro, da cidade de Bremen, por capitulação. O General Conde Walmoden está de observação ao exercito do General Davoust que, mui provavelmente, pouco hade tardar que não se retire. A perda total do exercito alliado do Norte da Alemanha, não excede de 2 a 3.000 homens, entre mortos e feridos. A do General Conde Langeron foi mais consideravel. Este General faz os maiores elogios ao comportamento dos Generaes Keptzewitzch, do Conde de St. Priest, e Rondzewitzsch, e igualmente a todos os officiaes e soldados debaixo do seu commando. Na batalha de 18 d'Outubro, o Tenente-general Sir C. Stewart collocou elle mesmo os fogueteiros Inglezes, no meio do fogo mais vivo, e voluntariamente emprehendeo a execução de varias ordens de S. A. R. o Principe da Coroa, e o fez a inteira satisfacção de S. A. R. Os Generaes Tawast, e Lawioheilu, distinguiram-se; o primeiro conduzio 2 baterias de 12 canhoens a um ponto que estava mui fortemente atacado pelo inimigo, e por este modo contribuiu para a segurança deste flanco do exercito. O General Suremain dirigio elle mesmo a artilheria Sueca a qual fez fogo sobre a porta de Leipsig, e depois nas ruas daquela cidade. A cavallaria de Winzingerode avançou até Vach, e segue os movimentos do inimigo, que em parte parece tomar a direcção de Witzlar. Este General mostrou na batalha de Lepsig os mesmos talentos, e valor, de que d'antes tinha dado tantas provas. A infantaria Russiana tem sus-

tentado sua antiga fama por uma firmeza, que sempre a distinguiu. Os Generaes Woronzoff, Laptieff, Harpe, e Wonitsch, deram a S. A. R. a maior satisfacção pelo seu comportamento.

BULLETIM XXV.

Quartel-general de Heiligenstadt, 30 d'Outubro, de 1813.

O Principe da Coroa mudou hoje o seu quartel-general para este sitio. O Imperador Napoleão continua a sua retirada para o itheo. Os exercitos alliados seguem-o, e estam-o incomodando continuamente. Todas as informaçoes recebidas nos asseguram que elle não tem consigo mais de 50, à 60.000 homens; o resto do seu exercito está disperso, e anda errante pelas montanhas, sem guia, nem armas. O General Czernitscheff, que commanda uma das vanguardas do exercito alliado do Norte da Alemanha, no dia 25 do corrente, junto a Elstode, não longe de Eisenach, mandou atacar um destacamento de cavallaria de 800 homens, commandado pelo General de Divisaõ Fournier: meteo-o para dentro de um desfiladeiro aonde a maior parte destes homens foram passados à espada, e 300 feitos prisioneiros. Os Cossacos que fizeram este ataque não eram mais de 200, ou 300 homens mas valentes. Tendo-se no dia 27, recebido informaçõ de que as novas guardas Francezas tinham passado a noite em Fulda, o General Czernitscheff fez seu immediato o General Ilowaiski e destacou o Coronel Benkendorf para Fulda. Este General fez fugir o inimigo, tomou-lhe 500 prisioneiros, e destruiu o almazem de trigo que ali estava estabelocido. Como se soube que as novas guardas formavam a vanguarda do exercito Francez; o General Czernitscheff collocou-se entre ellas, e o exercito que as seguia, debaixo do commando do Imperador Napoleão, e assim esperou a approximação das columnas inimigas. Logo que elle lhe percebeo a frente, mandou-a atacar. Tres esquadroens de gendarmes das guardas foram atacados e feitos recuar sobre as tropas que os seguiam. O General Czernitscheff dispersou a vanguarda do Imperador Napoleão destruiu-lhe os almazens donde elle pensava suprir o seu exercito e pôs-lhe as estradas impracticaveis. O Tenente-general Conde Woronzoff no dia 28, mandou guarnecer Cassel por uma parte da sua vanguarda; poucas horas depois, o Conde de St. Priest, do exercito da Silesia, entrou naquella praça. O Conde Von Woronzoff tambem para la foi hoje, e ha de ir tambem o General Barão Von Winzingerode com todo o seu exercito. O Rey de Westphalia, ignorante do resultado da batalha de Leipzig, estava ainda socegado em Cassel no dia 24, e não tinha com si mais de 4 ou 5.000 recrutas. So ao outro dia, 25, soube quam mal seu

irmaõ tinha sido tractado, e no dia 26 partio sem demora para Coblentz, pelo caminho de Wetzlar. O General Carra St. Cyr tornou a entrar em Bremen, porem provavelmente naõ ha de lá estar muito tempo. O Marechal Principe de Eckmuhl ainda estava aos 26 na posiçaõ que tinha tomado no Steiknitz, porem observou-se que se andavam fazendo preparaçoens para lançarem uma ponte junto a Zollenspecker. O que elle intenta fazer ainda se naõ sabe exactamente. Algumas pessoas que se julgam bem informadas, dizem que o Imperador Napoleaõ lhe dera ordens de se defender em Hamburgo até a ultima extremidade, para prevenir, o mais que podesse, que os Dinamarquezes declarassem guerra contra a França. Os Francezes naõ se daõ bem com os Dinamarquezes; estes, nada mais dezejam sinceramente, do que fazer causa commum com os Alliados, e esperam com impaciencia a declaraçaõ do seu Rey.

O exercito Saxonio que se unio aos alliados, e recebeu o exercito do Norte debaixo d'armas quando elle entrou em Leipsig; ha de por-se em campo sem demora. Os seus Generaes, Officiaes, e soldados, dezejam vingar os insultos que se lhes tem feito. O Rey de Wirtemberg declarou-se a favor da boa causa dos alliados. As suas tropas ja chegaram a Aschaffenburg, e estam em marcha para se unirem ás tropas Austriacas, e Bavaras, debaixo do commando do General Conde Wrede. A libertaçãõ de Hanover cedo ha de acontecer. O Poder, e a Justiça estam a ponto de destruir o edificio levantado pela oppressãõ, e força superior.

Carta do Principe Hereditario de Suecia ao Tenente-general Stewart.

O zelo no serviço, os talentos, e o valor que tendes mostrado em todas as occasioens, no serviço da boa causa em que estamos empenhados, e de que tendes dado ultimamente tantas provas nas batalhas junto a Leipsig, nos dias 18, e 19 do corrente, tem-me induzido a pedir para vos, ao Rey, meu amo, as Honras de Gram Cruz, e Commandante da Real Ordem Militar da Espada. Eu reservo para mim o entregar nas vossas maõs a Insignia desta Ordem. Julgo-me feliz em dar-vos com isto uma prova da bem merecida estima que eu tenho para com vosco, e do valor em que tenho os serviços feitos por V. Ex^a.

Concluo com pedir a Deus que vos tenha, Tenente-general Stewart, debaixo da sua altissima e graciosissima protecçaõ.

Vosso bem affeiçoado, &c.

(Assignado) CARLOS JOAÕ.

Do meu quartel-general d'Artem, 25 d'Outubro, de 1813.

BULLETIN XXVI.

Quartel-general de Hanover, 10 de Novembro, de 1813.

O Principe Real transferio o seu quartel-general para Hanover, tendo passado por Gottingen, Eimbeck, e Ettzi.

O Imperador Napoleaõ repassou o Rheno em Mentz ; deixou as estradas cubertas de mortos, e moribundos : estes tristes, e irrefragaveis testemunhos das suas derrotas tem mostrado aos exercitos alliados a estrada que elles devem seguir ; Hanau, em fim, veio a ser para Napoleaõ uma nova Beresyna. He somente ao heroismo de seus soldados, e aos talentos de seus Generaes que elle deveo a sua salvaçaõ. O General Czernischeff, que constantemente formou a guarda avançada contra o exercito Francez durante a sua retirada para o Rheno, contribuiu grandemente para o resultado da batalha de Hanau. Aquelle general cançou o inimigo durante todo o dia 30 de Outubro ; e tendo sido informado no dia 31, que um corpo de 10.000 homens de cavallaria ia escoltando o Imperador Napoleaõ, resolveo atacallos com 5 regimentos de Cossacos, no que foi muito mais bem succedido do que esperava, porque por varias vezes rechaçou o inimigo, que foi obrigado a retirar-se debaixo do fogo dos seus canhoens, e tomou-lhe 400 prisioneiros. Este General desde Erfurt até as margens do Rheno foi incessantemente o perseguidor de Napoleaõ ; umas vezes atacando a sua guarda avançada, outras vezes retardando-lhe a marcha, fazendo-lhe voar as pontes, cortando-lhe as estradas, ou entulhando-lhas. Estas operaçoens, que o Imperador Napoleaõ affecta considerar como um indigno modo de fazer a guerra, porque ellas lhe saõ perniciosas, obrigaram-o a entrar muitas vezes em combates, em os quaes o General Czernischeff tomou 400 prisioneiros, incluindo dous coroneis, e 30 outros officiaes. Este General de divisaõ tem obrado sempre como o corpo ligeiro do Exercito do Norte da Alemanha, daquelle exercito, que Napoleaõ encontrou em Gros Beuren, em Dennewitz, e em Leipsig. O Tenente-general Conde Woronzoff louva altamente os talentos do Tenente-coronel Chrapowitski, o qual encostando-se aos flancos do inimigo durante a sua retirada, fêz 500 prisioneiros. A guarda avançada do General Baraõ Winzingerode, perseguiu o corpo do General Rigaud, e outros destacamentos inimigos sobre a estrada de Wesel, e Dusseldorf. A vila de Munster foi occupada no dia 5 por tropas Russianas. Esta força do inimigo perdeu em sua retirada mais de 600 prisioneiros, dos quaes o Major Cziczewsky tomou 500. O General Tettenborn com os seus corpos repimto a divisaõ do General Carra St. Cyr, e as tropas que vinham de Hollanda, as quaes dezejavam reoccupar Bremen. O Principe Real está muito satisfeito com a actividade daquelle General

O Marechal Davoust ainda occupa a sua antiga posiçãõ sobre o Stecknitz, e ja não pode effectuar a sua retirada para França. O General Baraõ Winzingerode está a um dia de marcha de Bremen, e ha de estender as suas tropas por todo o paiz de Oldenburg mesmo até as fronteiras de Hollanda, para onde elle ja mandou o Coronel Narishkin. O General Bulow está em Minden; ha de mandar um corpo para Munster, e a sua cavallaria está prompta para formar uma junçãõ com a do General Czernicheff sobre as margens do Rheno. O General Conde Woronzow está em marcha sobre Luneburg. Uma divisaõ do exercito Sueco, commandada pelo Tenente-general, o Baraõ de Sandels está em Brunswick; a divisaõ do Major-general de Posse, em Hanover, e a do Major-general de Boye, em Hildesheim. A cavallaria debaixo do commando do Tenente-general Shildebrand, occupa as aldeas em roda de Hanover.

O exercito está recobrando-se das suas fadigas, e reparando o seu fardamento, e suas equipagens. A Regencia do Eleitorado de Hanover foi restabelecida, e o inimigo agora somente occupa sobre o baixo Elbe, Harburg, Stade, e o pequeno forte de Hope; porem pode-se presumir que não poderá defender-se muito tempo. Em Hanover, os habitantes de todas as classes tem dado provas do mais terno affecto para com o seu Soberano, e o mesmo em todas as outras partes do Electorado. O Principe Real, cuja fortuna foi tellos commandado em outro tempo como um General do inimigo, tem recebido com sensibilidade os signaes de lembrança, e de reconhecimento, que elles lhe tem dado pelo modo com que elle se comportou para com elles.

O quartel-general do Grande Exercito Alliado estava no dia 5 em Frank fort. Assim os inauditos esforços que a França féz em 1813, tiveram os mesmos resultados que os de 1812. As legioens Francezas, que faziam tremer o mundo, estam-se retirando, buscando a sua salvaçãõ para de traz do Rheno, natural barreira da França, e que seria mesmo uma barreira de ferro; se Napoleaõ não tivesse desejado subjugar todas as naçoens, e extorquir-lhes as suas terras.

Ainda que os limites parecem fixados pela natureza, o exercito Russiano apprezenta-se diante delles, porque Napoleaõ foi buscar os Russianos a Moscow, o exercito Prussiano apparece diante delles, porque em quebrantamento de sua fé jurada, Napoleaõ ainda possui as fortalezas daquella Monarquia, o exercito Austriaco apparece defronte delles, porque a Austria tem insultos que vingar, e porque ella se lembra que depois da paz de Presburg, o titulo de Imperador de Alemanha foi arrancado ao seu Supremo Chefe; se os Suecos tambem lá

estão, he porque no meio de uma profunda paz, e em violação dos mais sollemnes tractados, Napoleaõ traidoramente os sorprendendo em Stralsund, e insultou-os em Stockholm. Os Alliados tem pezar das desgraças dos Francezes, lamentam as calamidades que a guerra traz com sigio, e longe de serem deslumbrados, como Napoleaõ, pelos successos com que a Divina Providencia tem favorecido as suas armas, estam so ardentemente desejozos de paz. Todas as naçoens suspiram por aquella dadiua do ceo, e até aqui so Napoleaõ se tem opposto á felicidade do mundo. Daqui vem que todos os Principes, ultimamente seus Alliados, se apressam a abjurar os vinculos que os uniam com elle, mesmo aquelles cujos estados tinham sido engrandecidos em consequencia de seu poder, ou de sua influencia, renunciam sua grandeza, e a sua apparente amizade.

BULLETIM XXVII.

Quartel-general de Lubeck, 6 de Dezembro, de 1813.

O General Bulow com as suas tropas tomou de assalto a fortaleza de Arnheim; praça da maior importancia para a defeza da Hollanda. Tinha uma guarnição de 4.000 homens e ordinariamente armada. Os Prussianos deram nesta occasião uma nova prova da intrepidez que os caracteriza. A perda do General Bulow, em mortos e feridos, foi de 300 homens. A do inimigo deve ter sido consideravel, Tomaram-se alguns centos de prisioneiros. O Major Marklay com um destacamento que formava parte da guarda avançada do General Winzingerode, entrou em Amsterdam em 24 de Novembro, no meio das aclamaçoens dos habitantes. Seguiu-se-lhe o General Benkendorff. No dia 27 de Novembro o General Gagarin, com 300 Cossacos desmontados, atacou a guarnição de Deventer que tinha sahido fora para queimar, ou occupar um dos suburbios, e depois de um combate mui profiado, fez recuar o inimigo ate á ponte matou uma quantidade, e tomou 60 prisioneiros. No dia 28 o Coronel Narisckin occupou Amersort a guarnição da qual se retirou para Naarden. Os dous ortes de Cuxaven, Faro, e Napoleaõ, foram tomados. A guarnição foi prisioneira de Guerra.

Nos estamos melhorando as fortificaçoens de Doesburg, e Zutphen. O General Winzingerode enviou ao Principe da

Coroa as chaves da cidade Utretcht, tomada pelas tropas do Coronel Narischkin.

O Principe Real transmitio-as ao Imperador Alexandre. O Conde Strogonoff está encarregado do bloqueio de Harburg.

O Exercito Sueco tendo-se approximado de Stecknitz, com o corpo de Lutzow, occupou os pontos desde a embocadura do rio até os arredores do Buchen. Fizeram-se disposicoens para atacar o inimigo no dia 2 de Dezembro. O General Conde Woronzow, e o General Tettenborn, tinham recebido ordens para atravessar o Elbe em Boitzenburg. O Marechal Principe de Eckmuhl abandonou a sua posicao pela noite, e retirou-se para traz de Bille. O Major Cederstrom, com um corpo ligeiro, passou ao mesmo tempo o Elbe em Geschstadt. As tropas atravessaram o Stecknitz, perseguiram a rettaguarda do inimigo, e tomaram alguns prisioneiros. A margem esquerda do Stecknitz, apresenta em certos pontos, cabeços, e posicoens que parecem inconquistaveis. As bordas do rio que o inimigo occupava saõ muito asperas, e a outra margem he quasi toda ella pantanoza. Os pontos accessiveis apresentam entrincheiramentos construidos com grande cuidado, estacadas, e frizados por um modo, que podiam fazer parar por muitos dias os progressos das mais intrepidas, e guerreiras tropas. O exercito fez um movimento sobre a sua direita. O General Woronzow avançou sobre Launberg; o exercito Sueco, sobre Mollen, e Ratzburg. No dia 3 o General Woronzow marchou sobre Schwarzenbeck, e tomou Bergedoaf por assalto. A cavallaria fez alguns prisioneiros. O General Tettenborn avançou sobre Amfeld, unindo-se com a cavallaria do Conde Woronzow, e cortou a communicao entre Hamburgo e Lubeck.

No dia 4, o General Walmoden passou o Stecknitz, e reunio a maior parte das suas tropas, em Klinkrade. A sua guarda avançada encontrou o inimigo na aldea de Sievembaum e arrojou-o de lá depois de ter tomado alguns prisioneiros. O exercito Sueco marchou entre o Wacknitz, e o Stecknitz, fez adiantar os seus postos avançados até á margem esquerda deste ultimo rio, e expulsou o inimigo. O General Vegesak atravessou o Wacknitz em Grunau, e restabeleceo a ponte em Crumessen; tomando a esquerda do exercito Sueco. Um forte destacamento de todas as armas, commandado pelo Tenente-

coronel Anckaroward, permaneceu entre o Wacknitz, e o Trave para observar Lubeck por aquella banda, e ajuntar os materiaes para a construcção de uma ponte defronte de Schwartau. Na manhã do dia 5, o General Posse fez atacar a posição do inimigo com o Landwehr, e por uma divisaõ da brigada do General Schultzenheim, e depois de um pequeno fogo de musqueteria tomou os reductos, e restabeleceu a ponte. Alguns homens foram mortos, e feridos. O Baraõ de Melin, do primeiro regimento das guardas, official de distincção, foi morto nesta occaziaõ. O General Vegesack passou em Stecknitz, em ordem á reunir-se ao Conde Wallmoden que devia avançar sobre Oldeslohe. Como se intentava tomar Lubeck á escala, o Marechal Conde Stedingk fez avançar o exercito Sueco. Quando chegou a meia legoa distante da cidade, mandou fazer alto, para esperar pelas escadas; durante o intervalo entrou em conferencias com o inimigo. Eram ja 3 horas, e as escadas não eram chegadas; o conhecimento que o General Stedingk tinha da fortaleza de Lubeck, e dos meios de defeza que ella offercia a um homem de talento, e resoluzaõ induziram-o a não rejeitar proposiçoens. O General Lallemand assignou com o Coronel Biornstierna, chefe do estado-maior do exercito Sueco, uma capitulaçaõ stipulando que as tropas inimigas haviam de evacuar a cidade ás 10 horas da noite, largar ás 6 da tarde a porta de Mollen, e não ser perseguida até o romper da manhã do dia seguinte. Como o inimigo não tinha para defender mais que a porta de Mollen, coberta por um doble fosso cheio de agua, e obras avançadas, sempre estava na sua mão o fazer a sua retirada, em quanto não houvesse ponte sobre o Trave, e segundo as uniformes relaçoens de todos os engenheiros, eram precisas 24 horas para lançar uma. As tropas entraram na cidade ás 10 da noite. O inimigo retirou-se sobre Segeberg. O General Wallmoden vai marchando sobre aquelle ponto; e o General Shieldebrand começou esta manhã ás 6 horas no perseguimento do inimigo com a sua cavallaria. Ja se tem feito alguns centos de prisioneiros. Os habitantes de Lubeck estavam determinados a ajudar, por meios mais efficazes do que meros dezejõs, os esforços do exercito que foi restaurar-lhes o seu nome, os seus direitos, e independencia; elles estavam promptos para a juntarem as suas ar-

mas ás dos assaltantes. Esta valente resolução he uma appellação aos habitantes de Hamburgo. Agora Lubeck toma a sua antiga denominação de Livre Cidade Hanseatica, outra vez a bandeira da civilização, e do commercio tremûla nos seus muros. He por este modo que sempre a justiça ha de destruir o edificio levantado pela violencia. O Rey de Dinamarca deve ver na capitulação concedida ás suas tropas, que a porta de reconciliação com a Suecia ainda não está fechada. Elle não tem mais que fazer que dar ouvidos ás supplicas dos seus vassallos, aos desejos dos habitantes do Norte, e ás generosas proposições da Suecia e seus Alliados.

EXERCITOS ALLIADOS NA ALEMANHA.

Officios dos Agentes Inglezes nos Exercitos Alliados, ao Ministro dos Negocios Estrangeiros em Londres.

Gottingen, 2 de Novembro, de 1813.

MY LORD,—A intentada marcha do Exercito do Norte sobre Cassel, como circumstanciei no meu ultimo officio, foi demorada, e o Principe Real foi persuadido a dirigir as suas operações para Hanover, e para o Norte, pelas seguintes razões:—O Marechal Davoust, ainda está em posição sobre a margem direita do Elbe, e parece que não tem vontade de se separar dos Dinamarquezes, em quanto poder manter-se ali; o corpo do Tenente-general Walmoden não tem força bastante para tomar a offensiva sem apoio consideravel. A exterminação do inimigo do Norte da Alemanha, a posse de Bremen, bocas do Weser, e do Elba; a prompta tomada de Hamburgo, a vantagem de abrir uma immediata communicação com Inglaterra durante o inverno; a libertação dos dominios Electoraes de S. M., e a organização do seu poder civil, e militar; a facilidade que haverá para as futuras operações do Exercito do Norte, tanto em Hollanda, como no Rheno, quando sua rettaguarda estiver inteiramente segura; e ultimamente, a esperança de completamente cortar de Hollanda o Marechal Davoust, são as unidas considerações que tem determinado S. A. R. a alterar a sua proposta marcha, e o Exercito do Norte está agora em marcha para Bremen, e Hanover, de onde ha de ser dirigido contra as restantes forças inimigas no Norte da Alemanha.

O Principe Real transferio o seu quartel-general de Muhlhausen

para Dingelstadt no dia 29; no dia 30 para Heiligenstadt, e hontem para este sitio. A guarda avançada, commandada pelo Tenente general Woronzoff, e os Russianos, pelo General Winzingerode, entraram em Cassel no dia 30. Os Suecos, e Prussianos, estavam na vizinhança de Heiligenstadt, na quelle dia em que S. A. R. determinou a mudança na linha da marcha. Chegaram noticias do General Czernicheff, datadas de Neuhaus 27. Conta elle, que tendo-se reunido ao General Slowski, com outro corpo de partidarios do exercito grande, marchou para Fulda, cuja cidade occupou fazendo 500 prisioneiros; destruiu depois os almazens do inimigo, e marchou a destruir as pontes, e tornar as estradas impracticaveis o mais possivel, tendo alcançado o postar-se entre o principal corpo do inimigo, e a sua guarda avançada. A maneira porque o General Czernicheff os fatiga, não se pode descrever. Estando na sua posição de Fulda, percebeo as avançadas de suas forças reunidas, consistindo de alguns esquadroens de gendarmes, marchando para a cidade, então elle immediatamente avança com os seus Cossacos, ataca-os, destroe-os, e depois volta a seguir a guarda avançada sobre a estrada real de Frankfort; levando a destruição a todos os pontos do inimigo, antes da sua chegada. O General Czernicheff diz, que Bonaparte foi de Eissenach para Vach, e que tinha tenção de ir ao Weser, porem a marcha do Principe Real, e do Marechal Blucher prevenio-o, e suppoem que a linha de Bonaparte ha de ser agora Wetzlar; e accreenta que o seu exercito está reduzido a 50.000 homens armados e reunidos, entretanto muitos do inimigos vam-se retirando em diferentes direcções, mesmo desarmados; a retirada parece-se inteiramente com a da Russia. Uma partida de Cossacos apanhou um Coronel Francez, com uma carta de Jeronimo Bonaparte, para Murat; e mando incluza uma copia della, porque he um documento interessante. Muitas noticias concordam em que reyna a maior consternação em França, e que o descontentamento no interior, vai-se manifestando mui geralmente. Das intrepidas, e nobres façauhas dos partidistas, podemos tornar com igual prazer para os grandes movimentos dos Alliados. O quartel-general do Imperador, em 31 do passado, estava em Melrichstadt, no 1.º do corrente, em Muners-tadt, e hoje ha de ficar em Heldersheim. O grande exercito continua a marcha de suas columnas, sobre Frankfort; no dia 7 ha de chegar a Aschaffembourg, e no dia 9 ao Meyn. Por cartas do General Conde Wrede, datadas de 28, sabemos que elle tinha atacado, e tomado a cidade de Hanau naquelle dia, com a primeira divisaõ de Austriacos, e Bavaros; e fêz um grande numero de prisioneiros,

mais duas divisões do seu exercito deviam reunir-se-lhe no dia 29, e todas as tropas Wurtemberguezas no dia 30. O General Wrede estava em communicação com Orloff, Mensgikoff, e com o corpo ligeiro de partidistas do grande exercito. O General Wrede confirma a noticia do inimigo ter somente 6.000 homens em Frankfort: provavelmente haõ de retirar-se para Cassel: tambem faz menção da retirada do inimigo por Wetzlar, e Coblenz, e diz mais, que ha de tomar as suas medidas á proporção. O General Blucher, com e exercito de Silezia, noticia de Philipstadt, e Hunsfeldt, em 29, que he tal a dezordem na fugida do inimigo, que elle não pode desistir um momento de o perseguir, muito cançadas que as suas tropas andem. S. E. está diariamente fazendo prisioneiros, e vai marchando para Wetzlar. O General Bennigsen chegou a Halle no dia 29. Parece que o corpo do General Gouvion St. Cyr, que originalmente se attestou que tinha partido de Dresden para Torgau, e Wittenberg, e que ultimamente se suppôs que tinha marchado para Chemnitz, não tem, comtudo, deixado Dresden. Uma parte do corpo do General Regnier [provavelmente separado do exercito Francez pelas operações dos Alliados, e pela batalha de Leipsig] foi o corpo que se tomou pelo do General St. Cyr. Este corpo está agora acampado junto a Torgau sobre a margem direita do Elbe. O General Bennigsen vai marchando para o Elbe, para manobrar com todos os diferentes corpos debaixo das suas ordens, na mais vigorosa maneira. Ha informação de um corpo do inimigo que anda por 18.000 homens, marchando de Hollanda, debaixo do commando do General Molitor, porcm eu não creio que elle tenha avançado mais do que até Kovesden, e Bourtanger. O General Carra St. Cyr reoccupou a cidade de Bremen com uma parte da sua força ha poucos dias; evacuando-a o General Tettenborn. Comtudo, cedo será restaurada.

A marcha das columnas do Principe Real he da maneira seguinte.

Os Russianos marcham de Cassel por Paderborn, para Bremen, e Oldenburg; os Prussianos as ordens do General Bulow, para Minden, e os Suecos para Hanover. He com inexplicavel satisfação que dou parte a V. S. da entrada que hontem fizeram as tropas alliadas dentro dos Electoraes dominios de S. M. O entusiasmo, lealdade, e desmarcada alegria do povo, não se podem descrever; e posto que ha 10 annos que este paiz está separado de seu legitimo Soberano, he claro que elle vive tendo arraigado no seu coração o mesmo profundo affecto como sempre. A recepção do Principe Real deve ter sido muitissimo agradavel a S. A. R. ao mesmo tempo que os poucos Inglezes que estavam presentes, foram festejados com desmedidas aclamações.

He de notar, e mui agradavel a anecdota, que durante a elevação de uma nova authoridade, e a destruição de todas as memorias antigas, o busto do nosso reverenciado Monarcha [que eu julgo que foi um presente de S. M. a Raynha, aos Professores, e Estudantes] tem sido conservado no seu lugar, em a Universidade, e nunca maõ sacrilega se offereceo para o mover dali.

Estam-se tomando medidas debaixo da authoridade da Regencia para o restabelecimento de todas as authoridades civis; e S. A. R. o Principe de Suecia, com a maior attenção, e cuidado em providenciar ás suas tropas por meio de requisições, tem feito arranjos para pagamento, e em tudo tem attenção para com o paiz, e seus habitantes, como um paiz o mais de seu gosto.

Tenho a hora de ser, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-general.

Ao Visconde Castlereagh, &c. &c. &c.

Copia de uma carta de Jeronimo Bonaparte ao General Murat.

MEU CARO IRMAÕ,—Consta-me que tendes chegado a Vach; esta nova desinquieta-me. A minha situação he horrivel, dizei-me a verdade, e se eu deverei recuar: porque tenho commigo apenas 4, ou 5.000 miseraveis conscriptos, como está o Imperador, naõ me façais esperar pela resposta, bem conhecereis a minha anxiedade.

Eu vos abraço como vos amo,

(Assignado) JERONIMO NAPOLEAÕ.

Hanover, 11 de Novembro, de 1813.

MY LORD,—Tenho pouco que circumstanciar á V. S. depois do meu ultimo officio: assim como tambem ainda naõ vi uma conta official pela qual possa formar juizo da maneira porque Bonaparte, com os restos de seu exercito, se desembaraçou de Hanau, e Frankfort, e atravessou o Rheno em Cassel. As sanguinolentas e disputadas acções pelo General Wrede, merecem inquestionavelmente os maiores elogios. A força de Bonaparte, como elle se retirou pela grande linha das suas communicações, foi provavelmente augmentada por tropas de Erfurt, e de outras praças em seu caminho, e nas batalhas com o General Wrede, parece que apprezentou de 70, a 80.000 homens; força muito superior áquella que nos julgavamos que elle possuia, depois de suas diversas perdas. Comtudo, está bem claro que elle naõ se julgava seguro com este numero, pois sabe-se, que durante a ultima batalha, tractou de se salvar com uma escolta de 10.000 de cavallaria; a qual o General Czernicheff mui valorosamente accometeo, e maltratou.

O exercito do Marechal Blucher, parece ter-se dirigido por fora da grande linha da estrada de Frankfort, sobre a qual ia seguindo o inimigo, e marchando sobre Wetzlar, e Coblantz. Foi previsto, que quando o General Wrede occupou Hanau, e Frankfort, Bonaparte havia de marchar sobre Coblantz: porem como o Marechal Blucher tomou outra direcção, está visto que nenhuma parte do grande exercito chegou, nem podia chegar a tempo de poder tomar parte nas acçoens com o General Wrede: o que hé para lamentar.

O Principe Real mudou o seu quartel-general para Hanover no dia 6. Os Prussianos do commando do General Bulow, estam em Minden, e o General Winzingerode hade chegar a Bremen em um ou dous dias. Os Suecos estam em marcha para Harburg. O corpo do General Bennigsen está descendo o Elbe, e chegou a Lutzen. Este General com o Tenente-general Conde Walmoden haõ de manobrar sobre a margem direita contra a posição do Marechal Davoust sobre o Stecknitz. Os Generaes Winzingerode e Bulow naõ teraõ demora em começar a sua marcha para a Hollanda. O General Bennigsen traz consigo amplas forças. O General Bulow terá, em poucos dias, recrutado o seu exercito nos antigos dominios de S. M. Prussiana, até o numero a que montava antes da abertura da campanha. A ampla, generosa, e liberal ajuda do Principe Regente, em armas, e fardamento, he de uma inestimavel consequencia nesta occasião para estes bravos Prussianos. Os ultimos combats para os exercitos do Marechal Blucher, e General Bulow, todos estam no caminho; e saõ os meios de recquipar, e armar estes corpos de exercito, promptamente, quasi como no seu original estabelecimento. Deve ser taõ agradavel para a nação Ingleza, como honroso para o seu Governo o ver quam opportunamente este soccorro está á mão. A gratidão do General Blucher, e do General Bulow, segundo me foi expressada, deve ser agradavel á V. S. A derrota do Marechal Blucher, he (creio eu) como vou a dizer: no dia 10 á Freyburg, no dia 11 a Wegerbush, no dia 12 a Freburg, e no dia 13 a Muhlheim, junto a Cologne. Abstenho-me de recapitular as entusiasticas demonstrações que se seguiram á entrada dos Alliados outra vez nesta capital. Remeto inclusa a V. S. uma Gazeta de Frankfort, e vós haveis, sem duvida, observar com prazer a collecção das reservas Austriacas, e a admiravel proclamação do Barão Hiller; ella foi certamente publicada antes que as noticias da batalha de Leipsig podessem chegar ao seu conhecimento.]

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.

5 U 2

P. S. Acaba de chegar a noticia de que uma parte da guarnição Franceza de Magdebourg foi inteiramente destruida e repellida para debaixo dos muros da praça. Foram tomados 700 infantes, e 6 canhoens. Remeto incluzo o bulletim publicado em Halle, em 9 do corrente. C. S.

Hanover, 11 de Novembro, de 1813.

MY LORD,—Depois de ter fechado o meu officio, vi o incluso Supplemento á Gazeta de Frankfort, de 4 do corrente, que contem uma conta das operaçoens do General Wrede, em Hanau, e Frankfort, em 29, 30, e 31 do passado. Tambem annexo a Proclamação publicada pela Regencia de Hanover.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.

*Copia do Supplemento á Gazeta de Frankfort, de 4 de Novembro.
Quartel-general de Frankfort, 3 de Novembro, de 1813.*

Depois da tomada de Wurtzburg, os exercitos combinados, Austriaco, e Bavaro, dirigiram a sua marcha sobre Hanau, em ordem á accometer o exercito grande Francez, que se hia retirando por aquelle sitio. Em 19 d'Outubro a nossa guarda avançada atacou o inimigo entre Rottenbach, e Gelnhausen; e depois de um aspero combate, o General de Divisaõ Delamotte tomou-lhe dous canhoens, e 4.000 prisioneiros, entre os quaes havia dous generaes e 150 officiaes. No dia 3, pela manhaã, o General-em-Chefe Conde Wrede fez um reconhecimento pelo qual se verificou positivamente, que o inimigo tinha ainda de 60, a 80.000 homens. Em consequencia dos destacamentos que o exercito combinado havia feito, tinha entaõ defronte de Hanau tam somente 30.000 homens; e o General-em-Chefe, que, com forças taõ desiguaes, não podia impedir o inimigo de fazer a sua retirada pela estrada de Frankfort; determinou fazer-lhe ao menos aquella operaçãõ o mais difficulতোza possivel. Em consequencia postou o exercito combinado defronte de Hanau, a direita apoiada sobre Renzing, e a esquerda a cavalleiro sobre as estradas que vam para Gelnhausen, e Frankfort. A guarda avançada tinha ordem para retirar-se para dentro da posiçãõ do exercito; movimento que o General Delamotte executou com a maior regularidade. Sobre o fianco esquerdo do exercito combinado, na planice entre a valla de Hanau, e a mata de Lampner, diversas baterias tinham sido colocadas para receberem o inimigo quando houvesse de desfilar. Tambem a maior parte da cavallaria tinha sido postada ali, para, e

mais que pudesse, impedir o inimigo de se formar. No dia 30, ás 11 da manhã, avançou o inimigo sobre a estrada, em columnas pedradas, a tempo que os seus atiradores, passavam ao travez da mata. Cento e oitenta peças de canhão saíram á frente para obrigar o exercito alliado a dar passagem. O Imperador Napoleão fêz todos os esforços para conseguir este objecto, porem em vão. O exercito alliado, com valor heroico, possuiu o campo da batalha até á noite. Os violentos ataques de cavallaria sobre o flanco esquerdo, e todos os ataques sobre o direito foram repellidos. O General Bavaro Conde Rekers, com a sua divisaõ, particularmente contribuiu por meio da mais gloriosa firmeza, para este successo. O inimigo tinha soffrido damno consideravel, particularmente nas suas guardas antigas. O objecto do Commandante, em impedir a retirada do inimigo, foi completado, e pela noite retirou o flanco esquerdo para traz de Hanau, afim de o não expor sem necessidade, assim como tambem para poder renovar o ataque no dia seguinte.

O inimigo começou a sua retirada. Em ordem a cobrilla fêz um assalto em Hanau, que estava occupada pela brigada de Dimar, Austriaca; suas diversas tentativas foram sem fructo, e foi obrigado a contentar-se com lançar algumas bombas dentro da vila. Este fogo, porem, fêz pouco damno durante a noite. Em ordem a poupar a vila, e previnir a renovação do bombardeamento, o General-em-Chefe retirou a guarnição em 31 d'Outubro ás oito da manhã. Os Francezes, entretanto tornáram a entrar em Hanau tendo começado a roubar, e a expulsar os habitantes que estavam occupados em apagar o fogo; resolveo-se o General-em-Chefe a prevenir a destruição da villa, e mandou que fosse tomada ás duas horas da tarde do mesmo dia. O General acompanhado pela sua comitiva, e pelo General de Geppert, Austriaco, á frente de uma columna de granadeiros, e caçadores Austriacos, dirigio o assalto em pessoa, o qual se executou com a maior regularidade. Em meia hora a villa foi tomada, porem o Commandante-em-Chefe, foi mortalmente ferido. Esta irreparavel perda para o exercito alliado, enfureceo as tropas a um ponto tal, que não foi mais possivel podellas conter; todo o Francez que foi encontrado na villa, foi passado á bayoneta. O inimigo postou-se alem das portas sobre a ponte do Renzing, porem, apezar da mais animoza resistencia, foi immediatamente expellido da sua posição, e na manhã seguinte, completamente effectuou a sua retirada. O exercito alliado vai no perseguimento delle. Os corpos do exercito combinado profiavam um com o outro, em darem provas do mais distincto valor. A sua perda he comparativamente

inconsideravel. O total monta a 7.000, entre mortos, feridos, o alguns extraviados; o exercito naõ perdeu bandeiras, nem canhões; o inimigo pelo contrario deixou sobre o campo da batalha 15.000 mortos, e feridos. A maior parte destes ultimos pereceram na mata de Lampner, pela rapidez com que o inimigo se retirou naõ lhe dar lugar a leválos dali. A estrada de Hanau para Frankfort está coberta de corpos mortos, de cavallos mortos, e de carros de muniçoens desmontados: o que prova a dezordem com que os restos do grande exercito Francez fugio. Apanham-se fugitivos em todas as estradas, e além dos ja mencionados, 15.000 prisioneiros foram modernamente trazidos: o numero delles augmenta a todos os instantes. Entre estes prisioneiros acham-se os Generaes Morsell, e Avesani, e 280 officiaes.

FRESNEL.

◆
Proclamação.

As victoriosas armas das potencias alliadas, tem, debaixo da manifesta protecção da Divina Providencia, quazi completado a libertação do paiz dos seus dez annos de soffrimento. O valente exercito do Norte ja se está avizinhand, elle he commandado por S. A. R. o Illustre Principe Hereditario de Suecia, cujo amor da justiça e heroismo, o tem disposto e qualificado para vir a ser o libertador dos Alemaens. As tropas do nosso Rey, unidas a este exercito, tem ja occupado a capital, e grande parte do paiz. Todos os fieis Hanoverianos haõ de venerar agradecidamente nesta consoladora mudança de coizas, aquellas sabias medidas que o nosso bem amado Rey, tem sempre firmemente seguido durante as mais calamitosas circumstancias, e as quaes S. A. R. o Principe Regente, que he com igual fervor interessado no bem de seos hereditarios Estados Alemaens, tem com igual constancia continuado, e completado. Em vez de gemermos debaixo do jugo de um governo estrangeiro, para quem a anniquilação de nossa constituição e liga, a destruição da nossa propriedade, e a efuzaõ do sangue de nossos filhos, era somente um pretexto para a gratificação de uma vã ambição, somos outravéz abençoados pelo paternal Governo de Principes Naturaes, que estam acostunados a procurar a sua gloria, e felicidade, em fazer a nossa. Um filho do nosso mui reverenciado Monarcha, S. A. R. o Duque de Cumberland, que sempre depois da sua primeira residencia entre os Hanoverianos, tem concebido o mais vivo affecto para elles, está presente em pessoa, e tem-se generosissimamente resolvido a contribuir activamente para se effectuar o bem da antiga herança de seus illustres antepassados.

Nesta alegre mudança de circumstancias, naõ temos hesita-

do, de resumir em o nome do legitimo Soberano, o Governo do Dominios Electoraes. Nos temos-nos lizongcado, de ter a satisfacção, mesmo nesta primeira notificação, de communicar aos fieis Alemaens vassallos de S. M. as primeiras expressoens, que S. A. R. o Principe, nosso actual Regente, foi servido dirigir-lhe, tam cedo, em 15 d'Outubro proximo passado, em ordem a assegurarlos das suas graciosas intençoens, e dos seus indefatigaveis esforços para a sua felicidade. Accidentaes circumstancias nos tem impedido de recebermos esta tam condescendente Proclamação de S. A. R. Nos devemos portanto contentar nos, por agora, com a segurança de que S. A. R. está particularmente cuidadoso de restaurar, o mais depressa possivel, para os seus vassallos, a disfructação da sua antiga feliz constituição.

O executar este alto projecto será o nosso mais agradavel dever. Porem tudo tem sido demaziadamente transtornado, para que este objecto se possa conseguir de uma vez. Nos, portanto, confirmamos, preliminarmente, as provisionaes Comissoens do Governo, que foram nomeadas pela authoridade militar, e que debaixo da nossa superintendencia, haõ daqui em diante immediatamente prover ás diversas provincias, tudo aquillo que for da primeira, e mais instante necessidade, naõ duvidando, que apoiados pela experimentada fidelidade dos Hanoverianos havemos de ver bem depressa entre nos, a restauração da nossa primeira felicidade, e de nossas primeiras comodidades, no cazo que uma paz duravel segure o que até aqui se tem ganhado. Porem se obtivemos isto; ainda naõ he tempo de pormos de parte as armas. O inimigo foi destruido, foi humilhado mais que em tempo nenhum, porem elle pode, e ha de levantar-se outra vez, se os Alemaens prematuramente julgarem que podem por-se em descanço. Naõ se deve occultar que para o futuro saõ indispensaveis amplos sacrificios, e posteriores esforços daquelle nosso ha tanto tempo experimentado valor. O espirito publico, e antiga gloria militar dos Hanoverianos saõ penhores de que elles tem vontade e estam promptos para os fazerem; e que depois de tantos successos, naõ haõ de negar-se a algum convite, principalmente para sustentar o ultimo esforço. Concordia, corage, confiança, e patriotismo infalivelmente asseguram o bom exito.

Os Conselheiros Privados do Rey da Gram Bretanha nomeados para o Electoral Ministerio de Brunswick-Lunebourg, para Estado, e Gabinete.

DECKEN. BREMER.

Hanover, 4 de Novembro, de 1813.



Repartição dos Negocios da Guerra, 27 de Novembro.

O officio de que o seguinte he uma copia foi hoje recebido pelo Conde Bathurst, vindo do General Conde Nugent, commandante de um exercito de S. M. I. em Italia :—

Trieste, 1 de Novembro, de 1813.

MY LORD,—Como as tropas debaixo do meu commando foram augmentadas por um corpo de tropas Inglezas, que se reuniram a mim debaixo das ordens do Coronel Robertson, parece-me razãõ iuformar á V. S. das suas posteriores operaçoens.

Pela minha primeira carta ficou V. S. sabendo as minhas operaçoens ate a tomada de Fiume, e a primeira operaçaõ nas vizinhanças. Eugenio Beauharnois tinha a sua força principal em Laybach, e a minha posiçaõ como lhe prejudicasse á retta-guarda, e á communicaçãõ, mandou-me atacar por uma força seis tantos maior que a minha, composta de 16 batalhoens, com 20 peças. Depois de uma mui bem disputada acçaõ no dia 14 de Septembro, e muitos movimentos que tinham sido concertados de antemaõ com o Almirante Freemantle, fallou inteiramente o projecto do inimigo, e nós tomamos posse de toda a Istria, guardando o cordaõ de montanhas que se estende de Trieste ate Fiume. No dia 21 encontrei o Almirante Freemantle, com parte do esquadraõ Britannico em Capo de Istria cujo posto fortificámos fortemente. Alongando-se a nossa posiçaõ pelo flanco do inimigo, ainda mais que de antes, obrigou o a ter uma grande força de frente de mim; o General Radavojavich fez um uzo mui habil desta circumstancia, e impellio o inimigo de todos os lados para a banda de Laybach. No dia 23 fez-se um movimento geral; eu marchei para Bassavizza, junto a Trieste, e cobrindo a minha esquerda contra aquella praça, passei para a banda de Prevalde, e Adelsberg. O inimigo foi entaõ forçado a retirar-se precipitadamente; e Eugenio Beauharnois depois de ter perdido em differentes acçoens perto de 10.000 homens, principalmente em prizioneiros, chegou no dia 2 d'Outubro a Prevald com perto de 20.000 homens; formando uma linha entre aquella praça e Optshina, em communicaçãõ com Trieste.

Pelo meio da noite de 23 para 24 d'Outubro, ataquei a sua direita em Optsihna, e o forcei a retirar-se para o lado de Gorizia. No dia 5 as brigadas de Staremborg, e Czirik forçaram a posição do inimigo em Santa Cruz ao tempo em que eu tomei a ponte de Merna, junto a Gorizia. O inimigo pela noite passou o Isonzo, e nos tomamos posse de Gorizia. Offerecendonos entã o Isonzo uma posição forte, marchei para tráz sobre Trieste com parte das minhas tropas. O Almirante Freemantle ja entã tinha desembarcado marinheiros, e feito preparaçoens para o cerco. A rapidez dos nossos movimentos naõ nos permittio que trouxesse mos um trem de bater; portanto naõ havia ali outras peças senaõ as da Esquadra, as quaes o Almirante Freemantle desembarcou com grande actividade, ao mesmo tempo se começaram as baterias. No dia 12, a cidade de Trieste foi tomada pelo Baraõ Duque Aspre e nós adiantamos os nossos postos daquella banda unidos com as muralhas. O Coronel Robertson desembarcou de Lissa com destacamentos do regimento 35, De Roll, os Corsos, Calabrezes, e da Leva Italiana, com 6 peças de artilharia de campanha, e dous morteiros. No dia 16 começou o nosso fogo, e de tarde occupamos o moinho de vento, que hé uma torre forte, e redonda. As nossas obras tinham-se approximado em differentes pontos, e os postos avançados do inimigo foram tomados, excepto o Schanza Vena: a companhia de Croatas appoderou-se de um bosque, trezentas jardas distante dos muros deonde elles, durante o cerco, fizeram muito damno ao inimigo nos seus baluartes. Em 23, foi o Schanza tomado, o que se deveo em grande parte á coragem, e esforços do Rowley. Duas baterias para calibre de 18, e 32, foram immediatamente começadas, e o Capitam Rerenstil abriu um fosso o qual formou a primeira parallela na distancia de 400 jardas. Estableceo-se uma bateria de morteiros junto ao Schanza e uma para obuzes no meio tempo do ataque em frente. O Capitam Rains occupou com dous morteiros uma bateria na rettaguarda, que jogou com grande effeito. Logo que estas baterias foram promptas capitulou o inimigo.

O trabalho de todas estas obras foi incrível, em razaõ da moleza do terreno occazonada pelas continuas chuvas, e pelo

fogo do inimigo ; e a não ser o extraordinario trabalho de todos os homens, e a perfeita harmonia que reinava, coiza nenhuma poderia vencer as difficuldades. Os officiaes, soldados e marinheiros da Esquadra Britannica trabalharam com distincção, e animados pela presença do Almirante, que prezidia em pessoa, ás obras, e dirigia as baterias. Das tropas Inglezas de terra, os Calabrezes foram os que tiveram mais opportunidade de se distinguirem. O Capitão Ronca, valente official, foi ferido ; depois do que o commando passou ao Tenente Butler, que mostrou coragem e actividade. O Coronel Robertson foi destinado para a direita do ataque, se elle houvesse de continuar. O Tenente Rains da Real Artilheria, dirigio o fogo dos morteiros com grande effeito e intelligencia. O Capitão Angelo, do regimento 21, que esteve comigo durante as operaçoens que precederam o cerco, fez serviços mui essenciaes. O Capitão Berenstil, da Leva Italiana, fez as vezes de engenheiro ; merece ser recommendado com a maior particularidade : esteve continuamente nas trincheiras sem ser rendido. O rendimento do castelo de Trieste remata uma das mais interessantes partes das nossas operaçoens e da-nos a posse da costa desde a Damalcia até a ponta do Adriatico, e de todas as estradas que dali partem. Todas estas operaçoens provam como, pela mutua assistencia do exercito e da marinha, uma força mui superior pode a final ser rebatida. Sempre achei o Almirante Freemantle prompto para me apoiar ; e pela confiança que isto me inspirava pude eu emprehender operaçoens, que de outra sorte teriam sido destructivas : foi a isto que eu devi o poder manobrar na rettaguarda do inimigo, e perder frequentemente a minha communicação de terra, convencido de que em breve a tornaria a ter aberta. Em quanto ao cerco do castelo de Trieste, pelo que fica dicto, V. S. conhecerá que a maior parte da honra deve-se ao Almirante Freemantle, e á marinha ; e he do meu dever o confessallo. O resultado desta primeira campanha he, que alem dos mortos e feridos nas differentes acçoens, tem o inimigo soffrido em prizonceiros uma perda que he maior do que o numero das tropas que eu commando.

Tenho a honra de ser, &c. &c.

(Assignado) NUGENT, Major-general.

SECRETARIA DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS, 25 DE NOVEMBRO.

Os officios, de que o seguinte saõ copias, e extractos, foram hoje recebidos pelo Visconde Castlereagh, Principal Secretario de Estado de S. M., da Repartiçaõ dos Negocios Estrangeiros; vindos de S. E. o Conde de Aberdeen K. T., de S. E. o General Visconde Cathcart, K. T., do Tenente-general o Honr. Sir Carlos Guilherme Stewart, e de Duarte Thornton, Esq.

Officio da Conde de Aberdeen, K. T. datado de Frankfort, 7 de Novembro, de 1813.

MY LORD.—S. M. Imperial fez a sua entrada publica em Frankfort hontem pela manhaã.

O Imperador Alexandre, e a sua comitiva, foram-lhe sair ao encontro a alguma distancia da cidade. S. M. recebeo as chaves da cidade da maõ dos Principaes Magistrados á Porta de Hanau e depois continuou a cavallo, passando pelas ruas principaes até a Igreja Cathedral aonde se cantou um *Te Deum*. Como eu acompanhava S. M. I. nesta occaziaõ, fui uma presente testemunha do entusiastico applauso com que foi recebido. As ruas, as janelas, e mesmo os telhados estavam cheios de espectadores, que pareciam porfiar uns com os outros sobre quem havia de dar maiores demonstraçoens de alegria, éra impossivel poder-se interpretar mal a sinceridade, e os sentimentos do coraçãõ que foram manifestados.

O affectuoso olhar dos habitantes foi mui bem provado ao verem o Soberano, que 21 annos antes tinha sido coroado dentro dos seus muros, reaparecer no character de seu libertador. A noite, os dous Imperadores foram para o theatro, e foram recebidos com acclamaçoens. Todo o sentimento da peça que tinha relaçaõ ás proezas que se faziam na cauza da Europa foi vivamente applaudido.

Ainda que seja mui agradavel o demorar-me sobre estas circumstancias, sou com tudo igualmente feliz em poder informar a V. E. dos continuados progressos dos Alliados; e da substancial acquisiçaõ, que recentemente se tem feito, pela accessãõ de differentes Principes á causa commum. Os Estados de Hesse Darmstadt, Nassau, e Baden, tem-se respectivamente dirigido a

S. M. I. tem abjurado a Confederação do Rheno, e implorado a mediação de S. M. para com as Potencias Alliadas, tem exprimido o seus desejos de se unirem á Alliança. Outros Estados de menor importancia tem seguido o mesmo caminho, e posso agora aventurar me a dar a V. S. os parabens pela dissolução daquella formidavel Confederação, instituida por Buonaparte para o duplo fim de ser um indestructivel baluarte para França, no cazo de invasaõ estrangeira, ou o instrumento de suas mãos para a subjugação do resto da Europa.

Tenho a honra de ser, &c. &c.

(Assignado) ABERDEEN.

Ao Right Hon. Lord Visconde Castlereagh, &c.

Extracto de um officio do Visconde Cathcart, K. T. datado de Frankfort, sobre o Maine, 8 de Novembro, de 1813.

(Este officio, tendo descrevido a entrada do Imperador da Austria em Frankfort, com menos particularidades que este ultimo de Lord Aberdeen, prosegue assim :)—“ O ultimo officio que tive a honra de dirigir a V. S. era datado de 30 do passado em Meiningen. Napoleaõ escapou aos Cossacos, e aos seus outros perseguidores, e levou consigo as reliquias da sua guarda, e alguns outros corpos para a margem esquerda do Rheno, deixando aqui mui poucas tropas. A possessaõ de uma fortaleza em Erfurt foi o grande instrumento porque esta retirada se effectuou. Pensava-se que era possivel que elle houvesse de fazer alguma para da por detraz deste posto, porem pelo contrario, redobrou a marcha, e estando em posse da melhor estrada, em quanto os atalhos por onde os alliados se esforçavam para o interceptar eram quazi intransitaveis, ganhou elle varias marchas. O General Conde Wrede demorou-lhe valorosamente os progressos por dous dias em Hanau ; no primeiro particularmente, pelejaram os Francezes com grande obstinaçaõ, e a perda foi consideravel de ambos os lados. Ha ali um pequeno campo, aonde um official de graduacaõ, que vio, me assegura, que a carniceria de homens e cavalloos foi mui extraordinaria. Os esforços deste exercito Austriaco-Bavaro, ainda que demoraram o inimigo por dous dias, com tudo naõ podiam prevenir que elle chegasse a Mayence primeiro que as columnas, ás ordens do

Marechal-de-Campo Principe Schwartzcmberg, podessem apahallo.

Ha diferentes calculos a respcito das forças do inimigo ; porrem considerando o numero deixado sobre o campo da batalha em Leipsig, e naquella cidade, o numero dos prisioneiros mandados para a rettaguarda, durante a retirada, por todos os corpos que seguiram o inimigo, e as perdas inseparaveis de todas as retiradas de uma natureza taõ difficultoza e taõ extensa, parece impossivel que tenha levado com sigo 50.000 homens, posto que ha pessoas que calculam um numero maior. Bonaparte estava presente na batalha de Hanau, e diz-se que os seus officiaes mostraram maior talento militar nesta occasiaõ, do que na passada. O grosso do exercito esta-se ajunctando aqui, e sera immediatamente appromptado para ulteriores operaçoens. O exercito do Feld-Marechal Blucher está em marcha para o Rheno, na direcção de Ehrenbreisteim. O seu quartel-general está hoje em Limbourg.

O Rey de Prussia tem estado em Berlim, e em Brelau depois da batalha de Leipsig. S. M. espera-se aqui immediatamente.

Officio do Visconde Cathcart, K. S. datado de Frankfort, sobre o Maine, em 10 de Novembro, de 1813.

MY LORD.—O inimigo tinha retido uma posição em Stockheim, e estava empregado em restaurar as linhas antigas, que passavam desdea testa de ponte em Cassel, em roda daquella posição, e para traz até o Rheno. O Marechal Principe Schwartzenberg determinou fazer parar esta obra e occupar mesmo a posição ; e com este intento fez-se hontem um ataque em que as linhas foram levadas por assalto, e o inimigo foi repellido para dentro das obras de Cassel, com perda de varios centos de prisioneiros e quatro peças de canhaõ. Tenho a honra de remeter com este officio a relação deste valente ataque, a qual neste momento me euviou o Major-general Sir Roberto Wilson. A constante practica do Major-general, tanto nesta como na ultima campanha, tem sido o acompanhar todo o ataque de consequencia, que se tem feito dentro do seu alcance,

e nesta occasiã esteve unido a uma das partidas assaltantes. O advertir esta circumstancia não he senã para fazer justiça a este official, para manifestar, que o zelo, actividade, e intrepidez, que elle tem mostrado em todas as occasioens, tem-lhe conciliado a estima de todos os officiaes, de todas as graduaçoens, e naçoens, que tem sido testemunhas disto, e tem certamente feito grande credito ao serviço de S. M.

Tenho a honra de ser, &c. &c. &c.

CATHCART.

Frankfort, 10 de Novembro, de 1813.

MY LORD,—Tenho a honra de informar a V. S. que o corpo do Conde Guilay, e o do General Meerveldt, com a cavallaria Austriaca de reserva, marchou para desalojar o inimigo de Stockheim, cuja cidade e posiçã se sabia que elle estava fortificando. O Conde Guilay marchou sobre a calçada de Stockst. O corpo do General Meerveldt, commandado pelo Principe Luiz Lichtenstein, foi dirigido sobre o Donner Muhl, entre Stockst, e Cassel. O ataque começou perto das duas da tarde. O inimigo fez um fogo vigoroso com a artilheria de Stockst, sobre 6 peças de canhaõ, em uma obra que estava na frente da columna do Principe Luiz, e lançou muitas bombas dos morteiros de Cassel. A artilheria Austriaca, não obstante, avançou com tanta corage, e rapidéz, que o fogo do inimigo foi logo diminuindo: a este tempo as columnas de infantaria avançaram e se apoderaram dos entrincheiramentos, e da villa; a qual estava cercada de um alto muro, e dobrada estacada nas entradas.

Os entrincheiramentos ainda não estavam completos porem estavam traçados em uma escala consideravel.

Tomaram-se 4 peças de canhaõ, e o commandante da villa, o Ajudante-de-Campo do General Guilemar, varios officiaes, e varios centos de homens.

O resto do inimigo do corpo do General Bertrand retirou-se sobre Costheim, e Cassel, e occupando o intermedio campo brenhoso, sustentou durante o resto do dia um vivo fogo de attiradores; porcm deve ter com elle soffrido muito, porque os

canhoens Austriacos jogavam sobre elles, de um alto superior á sua posiçaõ, e outras peças sobre a margem esquerda do Maine, faziam fogo de flanco.

A perda Austriaca não he consideravel, porem ha varios officiaes que lamentar.

O Principe Marechal mandou fortificar os cabeços acima de Cassel; até que as obras estejam completas, as tropas que hontem combateram haõ de occupar o terreno.

A vista da bandeira Austriaca, outra vez tremulando victoriosa sobre o Rheno, e do grande deposito militar do inimigo, donde sahiam aquelles exercitos que causaram tanta desolaçaõ, e miseria na Alemanha, excitou um interesse nas operaçoens de hontem, que todo o individuo sentio, e que foi finalmente manifestado pelo retinido das enthusiasticas acclamaçoens quando o Marechal passou.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) ROBERTO WILSON, Major-gen.

Officio do Tenente-general o Hon. Sir Carlos Stewart, K. B. datado de Hanover, 16 de Novembro, de 1813.

MY LORD,—Tenho a maior satisfacçaõ de annunciar a V. S. que esta manhã se receberam aqui, por via de S. A. R. o Principe Hereditario de Suecia, noticias do General Thielman, commandante das tropas Saxonias sobre o Elbe, informando que o General Gouvion St. Cyr, e a guarniçaõ Franceza de Dresden (consistindo de perto de 16.000 homens) despois de infructuosamente tentarem obter uma capitulaçaõ se renderam prisioneiros de guerra, ao General Kleinau, commandante das forças alliadas de frente da praça. Dou a V. S. os parabens por esta boa noticia.

Tenho a honra de ser, &c. &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-gen.

Ao Visconde de Castlereagh.

Extraccto de um officio de Duarte Thornton, Esc. datado de Bremen, 19 de Novembro, de 1813.

Tenho a honra de informar a V. S., que cheguei a esta cidade

hontem a tarde; o Principe Real chegou mais cedo, antes de hontem pela manhaã. Achei aqui o Mensageiro Daniels, que Sir Carlos Stewart despachou de Hanover, e que depois de ter feito uma mal succedida tentativa para ir pelo Weser abaixo, tornou para este sitio. Torna hoje a partir. Por elle tenho a opportunidade de informar a V. S. que o Principe Real recebeu informaçãõ de que as tropas Russianas pertencentes ao corpo do General Winzingerode estam de posse de Groeningen, e tem avançado até Yssel, aonde occupam Zwol, Zutphen, e estam na vizinhança de Deventer. O corpo de exercito debaixo do commando do General Bulow está em marcha sobre Arnheim; por em as fatigantes marchas que elle tem sustentado tem feito necessario dar ás tropas alguns dias de repouso entre Munster, e esta terra.

Esta noticia parece ter determinado S. A. R. a ir em pessoa até Hollanda, á frente das tropas Russianas e Prussianas; deixando os negocios no Norte, Davoust, e a tomada de Hamburgo, ao General Baraõ Aldercrcutz, com as tropas Suecas, e o corpo do Conde Walmoden, e as tropas Russianas do commando do General Bennigssen.

Extracto de uma carta de um official pertencente ao quartel-general de S. A. R. o Principe da Coroa, datada de Hanover, 11 de Novembro.

“ Approuve a S. A. R., em quanto estava em Heiligenstadt, o receber uma deputaçãõ da Universidade e Magistratura da cidade de Gottingen, que foi inuiada para expressar os sentimentos dos habitantes e as suas esperanças de o verem brevemente dentro das suas muralhas. No dia 1 de Novembro o quartel-general passou para Gottingen. Os Magistrados e os moradores armados receberam o Principe da Coroa ás portas, repicando os sinos da terra na occasiãõ; o ar retumbava com as alegres acclamaçoens dos habitantes que vinham em montes ao encontro de S. A. R. Novas donzelas de branco, trazendo nas maõs grinaldas de louro, se juntaram no antigo palacio da prefeitura, aonde S. A. R. se apeou, e formaram uma ala por toda a extensãõ das escadas até as antecameras. A noite, os estudantes moços, seguidos pelos cidadãos, vieram com tochas, e musica, offerecer a sua obediencia com tres vivas. Toda a cidade foi illuminada; as ruas estavam cheias de espectadores que abraçavam e davam parabens uns aos outros, apertando cordealmente as maõs aós soldados Suecos; nunca expressoens de alegria se uzaram com mais vivacidade, nem com mais sentimento do coraçãõ.

O amor, alegria, e admiração dos bons Hanoverianos, tem continuamente acompanhado S. A. R. desde a sua primeira entrada neste paiz. Em muitas das mais pequenas terras, os habitantes não tinham outros meios de exprimir os seus sentimentos senão por creanças, e flores; porem estes mesmos reconhecimentos, por serem procedidos de coração, foram recebidos com benevolencia. No dia 6 do corrente, S. A. R. chegou a Hanover. O Duque de Cumberland, que tinha chegado lá dous dias antes, foi ao encontro de S. A. R. até fora dos suburbios. Um consideravel corpo de cidadãos armados, com lenços nos braços esquerdos em parada. Os canhoens attiraram, e todos os sinos repicaram. As janellas das cazas estavam cheias de senhoras, que participando da alegria geral saudavam o libertador da sua patria com as mais vivas expressoens de alegria, e gratidão. Todos os habitantes da cidade, e das terras vizinhas, se ajunctaram nas ruas, e continuamente repetindo "Viva o Principe Heredisario de Suecia," acompanharam a comitiva ao palacio de Montbrillant, aonde S. A. R. se apeou.

Os ministros de Estado, e a Magistratura, estavam lá promptos para receberem S. A. R. A noite, a cidade esteve brilhantemente illuminada. Exhibio-se um grande numero de transparencias; os sentimentos de lealdade para com o legitimo Soberano do paiz, a alegria pela sua libertação, e a gratidão para com o seu libertador, estavam em muitas partes misturados em uma terna pintura. He impossivel descrever o tumulto da alegria publica com a prezença de S. A. R.

A maneira porque todos os coraçãoes corriam a encontrallo, prova que a lembrança dos antigos beneficios, estava junta com a gratidão pelos presentes; e o exercito vé, com nobre orgulho, o seu exaltado, e amado General rodeado destes reconhecimentos; aquelle que, depois de perto de 200 annos, sobre o mesmo terreno, e o mesmo lugar, tornou a dar ao nome de "um Succo," a mesma significação que a de "um defensor, da liberdade, e da independencia das Naçoens Alemaãs." Que exprobaçoens, que horriveis remorsos de consciencia não attromentariam a alma de Napoleaõ, se elle podesse ser um invisivel espectador daquelle enthusiasmo, que, ao mesmo tempo que exprinia o tributo de gratidão, e de admiração para com o seu libertador, exprimia igualmente a inteligitavel sentença da condemnação contra o oppressor, e contra os seus feitos.

O exercito Succo está agora repousando das suas fadigas, e ao mesmo tempo gozando daquelle descanso de que tanto necessitava. Tem feito mui longas e fatigantes marchas, com os çapatos de todo gastos, e o fardamento em pouco melhor estado, e por maos caminhos. A pezar de tudo as tropas Suecas que aqui estão, coiza de 12.000 homens, em uma revista que S. A. lhes passou, pareceram muito bem aos numerosos espectadores, pela sua excellente postura, e disciplina. Estão actualmente chegando os diversos artigos para seu reequipamento; e este exercito plenamente provido de todos os necessarios, ha de brevemente continuar na sua glorio-

sa carreira, para onde quer que o chamar a ordem do seu Rey, o interesse da sua patria, e o bem das naçoens.

CASSEL, 5 DE NOVEMBRO.—Foi aqui publicada a seguinte proclamação por S. A. R. o Principe Electoral de Hesse:—

“ HESSES!—Outra vèz torno a chamarvos pelo vosso nome, que tinheis perdido, assim como o de Alemaens; porem vos não tinheis perdido a vossa fidelidade, e affecto para com os vossos Principes. Isto conhece-se pelo vivo regozijo com que me recebestes, o que fêz com que o dia da minha chegada haja de lembrarme sempre. Eu, do campo da batalha, aonde a vossa libertação de um dominio estrangeiro foi obtida pelas victoriosas armas das potencias alliadas, corri a vos, e achei-vos semelhantes nos vossos bravos antepassados, que sempre arrostraram com valor os perigos da guerra; bem cedo tambem vos ajuntareis às fileiras daquelles que combatem pela honra, e pela independencia da Alemanha. Declarai vos mesmos, portanto, áquelles quem eu encarregar de vos conduzir a este grande proposito, que vos estais promptos, logo que meu pai, que brevemente voltará para vós, vos chamar. Mostrai-vos dignos do seu amor, do vosso honrado nome, e da vossa libertação; agora, pela vossa moderação, tranquilidade, e boa ordem. e quando em armas, por aquelle valor, e firmeza que sempre vos distinguio.

(Assignado) GUILHERME, Principe Eleitoral de Hesse.

BERLIN, 18 DE NOVEMBRO.—Acabamos de receber a Gazeta de Leipsig, de 16 do corrente, contendo o seguinte

Capitulação da Cidade de Dresden.

ART. 1. A guarnição de Dresden, marchará para fora da cidade, com armas e bagagem, e deporá as armas de frente dos reductos. Os officiaes conservará as suas espadas. Ao exemplo da capitulação concedida no Marechal-de-Campo, Conde Wurmser, em Mantua; um batalhão de 600 homens conservará as suas armas, e duas peças de canhão, com carros de muniçoens, e cavallos de tiro; 25 gendarmes da Guarda Imperial, tambem reterão as suas armas e cavallos; e 25 gendarmes pertencentes à divisaõ, tambem reterão as suas armas, e cavallos.

2. Todos os prisioneiros de guerra que estão actualmente em Dresden serão postos em liberdade immediatamente depois da signatura desta capitulação, e considerados como trocados.

3. A guarnição de Dresden he prisioneira de guerra, e sera enviada para França. O Marechal Conde Gouvion St. Cyr, da-se por fiador de que nem officiaes, nem soldados, haõ de servir contra alguma das potencias alliadas empenhadas na guerra com França, até que sejam completamente trocados.

Sera feita, e entregue uma lista dobrada de todos os officiaes superiores, subalternos, e soldados. A lista dos generaes, Estado-maior, e officiaes superiores será assignada por elles mesmos, debaixo da promessa de não servirem até serem completamente trocados; a lista dos nomes dos solda-

dos, sera assignada da mesma sorte. Sera feita uma similhante lista dos doentes, e feridos.

4. O Marechal Gouvion St. Cyr, empenha-se em fazer effectuar, o mais de pressa possivel, a troca da guarniçaõ por um igual numero de prizioneiros de guerra das Potencias Alliadas, posto por posto.

5. Tam de pressa um numero de prizioneiros de guerra das Potencias Alliadas estiver em liberdade, um similhante numero da guarniçaõ de Dresden sera considerada em liberdade.

6. A guarniçaõ evacuará Dresden em 6 columnas, cada uma das quaes conterà a sexta parte das tropas; o provisionamento dellas deverá ser feito gradualmente e pelo modo Austriaco.

A acomodação, raçoens, marcha e dias de repouso, devem ser fixados segundo um plano de marchar adoptado por S. E. o Conde Kleinau, general da cavallaria. A primeira columna deverá partir no dia 12 de Novembro, e a seguinte seguilla pela mesma estrada em distancia de um dia de jornada. Os gendarmes de cavallo devem acompanhar cada columna para a conservaçaõ da boa ordem.

7. Os doentes e feridos haõ de ser tractados do mesmo modo que os dos Alliados; logo que estejam bons seraõ mandados para França com as mesmas condiçoens da guarniçaõ. Os necessarios cirurgioens, e a gente precisa para tratar delles, deveram ficar atráz, e deveraõ ser postos em uma condiçaõ igual aos das potencias alliadas.

8. As tropas Polacas, e outros alliados de França voltando para lá, seraõ consideradas como Francezas.

9. As pessoas naõ combatentes, naõ devem ser consideradas como prizioneiras de guerra, e haõ de acompanhar as tropas na sua marcha.

10. Todos os Francezes agora em Dresden, que naõ estiverem em serviço militar, teraõ a liberdade de acompanhar as tropas; porem sem terem direito á subsistencia. A estes consentir-se-lhes-ha o disporem como quizerem da sua reconhecida propriedade.

11. O Embaixador Francez, assim como os Embaixadores de todas as Potencias Alliadas da França receberaõ passaportes para suas terras.

12. Em um dia depois da assignatura da presente capitulaçaõ as caixas militares, muniçoens, e provisoens de guerra, canhoens, e tudo o que pertence ás fortificaçoens, sera rendido ao exercito aliado sitiante, assim como as pontes, com os seus pertences, os carros do trem, e cavallos, pertencentes as tropas, e artilheria com uma relaçaõ por escripto.

13. No dia seguinte á assignatura da capitulaçaõ, um dos reductos, e barreiras dos suburbios de ambos os lados do Elbe, e igualmente duas portas da cidade velha, e uma porta da cidade nova seraõ postos em poder das tropas alliadas do exercito sitiante.

14. Os generaes, Estado-maior, e officiaes superiores, conservaraõas suas bagagens, e cavallos que lhes saõ dados pelas ordenaçoens do serviço Francez, e receberaõ forragem para os dittos durante a marcha. As for-

talezas de Sonnenstein seraõ rendidas dentro de 6 horas depois da assignatura da presente capitulaçaõ. A guarniçaõ deve marchar para Dresden, e ali unir-se á sua propria divisaõ.

Feita, e approvada por to-los os Coroneis, Baraõ Rotkirch, e Marawien Chefes do Estado Maior General do corpo de exercito Imperial Anstriaco, e Russiano, que foram nomeados para este proposito pelos seus respectivos corpos. S. E. o Geueral de Cavallaria Imperial e Real, Donde Von Kleinau, e S. E. o Tenente-general Conde Tolstoy, de um lado, e o Corouel Imperial Francez, Merion, do Corpo dos Engenheiros, e Perrin, o Ajudante Commandante, Conde Lobau do outro lado, que estaõ unidos com os necessarios poderes, pelo Marechal Conde Gouvion St. Cyr.

(Assignado) Baraõ VON ROTAKIRCH.

Coronel Imperial e Real, e Chefe do Estado Maior General da Quarta Divisaõ.

Hertzwalde, 11 de Novembro, de 1813.

Coronel MURAWIEN.

Os precèdentes artigos seraõ ratificados pelos generaes commandantes dos Exercitos Alliados defronte de Dresden; pelo General Conde Von Kleinau, e pelo Tenente-general Russiano, Conde Tolstoy, e pelo Imperial Marechal do Imperio Conde Gouvion St. Cyr. Depois do que ficarã tendo a devida força e validade.

(Assignado) O Tenente-general Conde TOLSTOY.

O Tenente-general Conde VON KLEINAU.

EXERCITOS ALLIADOS NA PENINSULA.

Officio do Feld Marechal Marquez de Wellington ao Seerctario da Guerra Conde Bathurst; datado de:—

St. Pé, 13 de Novembro, 1813.

MY LORD,—Os inimigos tem, desde o principio de Agosto, occupado uma posiçaõ, tendo a direita sobre o mar, na frente de St. Jean de Luz, e sobre a esquerda do Nivelles, o centro sobre La Petite La Rhune em Sarrá, e sobre os montes por detraz da aldéa, e a esquerda, consistindo de duas divisoens de infantaria, debaixo do commando do Conde de Erlon, sobre a direita daquelle rio, em uma forte montanha por detraz de Anhoue, e sobre a montanha de Mondorin, que protegia a approximaçaõ daquella villa; o inimigo tinha tido uma divisaõ, debaixo do commando do General Foy, em St. Jean Pied de Port, á qual se reunio uma do exercito de Aragaõ, debaixo do commando do General Paris, ao tempo em que a esquerda do exercito aliado atravessava o Bidassoa, no dia 7 d'Outubro; a divisaõ do General Foy unio-se as que estavam nas montanhas por detraz de Anhoue, quando o Tenente-general Sir Rowland Hill marchava para dentro do valle de Bastan.

O inimigo não satisfeito com a natural fortaleza desta posição, tinha o todo della fortificado, e a direita, em particular, tinha-a fortificado tanto, que eu não julguei conveniente o atacalla em frente. Tendo-se Pamplona rendido no dia 31 d'Outubro, e a direita do exercito ficando desoccupada do bloqueio da praça; mandei marchar o Tenente-general Sir Rowland Hill, no dia 6, e 7, para dentro do valle de Bastan, logo que o estado das estradas, depois das recentes chuvas, o permitisse, com o intento de atacar o inimigo no dia 8 do corrente; porem como a chuva que caio no dia 7, tornasse outra vez as estradas impracticaveis, fui obrigado a differir o ataque até o dia 10, quando completamente fomos bem succedidos em tomar todas as posiçoens da esquerda, e do centro do inimigo, separando aquella, desta, e por este modo rodeando a forte posição do inimigo sobre o baixo Nivelles, occupada pela sua direita, a qual foi obrigado a evacuar durante a noite, e tomamos-lhe 51 peças de canhão, e 1.200 prisioneiros.

O objecto do ataque sendo forçar o centro do inimigo, e estabelecer o nosso exercito na retaguarda da sua direita, foi o ataque feito em columnas de divisões cada uma dellas pelo Official General seu commandante, e formando cada uma a sua propria reserva. O Tenente-general Sir Rowland Hill dirigio os movimentos da direita, que consistia da 2.^a divisão, debaixo do commando do Tenente-general o Hon. Sir Guilherme Stewart, da 6.^a divisão, debaixo do commando do Tenente-general Sir H. Clinton, uma divisão Portugueza, do commando do Tenente-general Sir João Hamilton, e uma divisão Hespanhola, commandada pelo General Morillo, e a brigada de cavallaria, do Coronel Grant, e uma brigada de artilheria Portugueza, debaixo do commando do Tenente-coronel Tulloh, e tres peças de montanha, commandadas pelo Tenente Robe, que atacaram as posiçoens do inimigo por detraz de Anhoue. O Marechal Sir Guilherme Beresford dirigio os movimentos da direita do centro, com a da 3.^a divisão, commandada pelo Major-general o Honoravel Carlos Colville, a 7.^a divisão, commandada pelo Marechal-de-Campo Le Cor, e a 4.^a divisão, commandada pelo Tenente-general o Hon. Sir Lowry Cole, esta ultima atacou os reductos na frente de Sarré, aquella aldéa, e os montes por detraz della, apoiada pela esquerda, pelo exercito de reserva de Andalusia, debaixo do commando do Marechal-de-Campo Don Pedro Giron, o qual atacou as posiçoens do inimigo. na direita de Sarré, sobre os declives de La Petite La Rhune, e os altos alem da aldea sobre a esquerda da 4.^a divisão. O Major-general Carlos Baraõ Alten, com a divisão Hespanhola do

General Longa, atacou as posições do inimigo sobre La Petite La Rhune, e tendo-as tomado, cooperaram com a direita do centro, no ataque dos altos por traz de Sarré.

A brigada de cavallaria do General Alten, debaixo da direcção do Tenente-general Sir Stapleton Cotton, seguiu os movimentos do centro, e havia 3 brigadas de artilheria com esta parte do exercito, e tres peças de montanha com o General Giron, e tres com o Major-general Carlos Alten.

O Tenente-general Don Manuel Freyre, marchou em duas columnas, desde os montes de Mandale, para Ascaiu, em ordem a aproveitar-se de alguns movimentos que o inimigo podesse fazer da direita da sua posição para o centro; e o Tenente-general Sir João Hope, com a esquerda do exercito, forçou as posições exteriores do inimigo em frente dos seus intrincheiramentos sobre o baixo Nivelles, tomou o reducto a cima de Orogne, e estabeleceu-se sobre os altos immediatamente oppostos a Sibour, prompto par se aproveitar de algum movimento que fizesse a direita do inimigo. O ataque começou com dia, e o Tenente-general o Hon. Sir Lowry Cole, tendo obrigado o inimigo a evacuar o reducto sobre a sua direita em frente de Sarré, por meio de uma canhonada, e o outro em frente da esquerda da aldeia tendo sido tambem evacuado; ao aproximar-se a 7.^a divisaõ, debaixo do commando do General Le Cor, para o atacar, o Tenente-general Sir Lowry Cole, atacou e tomou posse da aldeia, que estava rodeada pela esquerda, pela 3.^a divisaõ, commandada pelo Major-general o Hon. Sir Carlos Colville, e pela direita, pela reserva de Andaluzia, commandada por Don Pedro Giron, e o Major-general Carlos Baraõ Alten, tomou as posições sobre La Petite La Rhune. O todo entaõ cooperou no ataque da principal posição do inimigo por detraz da aldeia. A 3.^a e 7.^a divisoens immediatamente tomaram os reductos sobre a esquerda do centro do inimigo, e a divisaõ ligeira, os da direita, em quanto a 4.^a divisaõ com a reserva de Andaluzia, sobre a esquerda atacou as posições do centro. Com estes ataques foi o inimigo obrigado a abandonar as suas fortes posições, que tinha fortificado com tanto cuidado, e trabalho, e deixou no principal reducto sobre o monte, o 1.^o batalhaõ do regimento 88, que immediatamente se rendeo.

Em quanto estas operações se faziam no centro, tinha eu o prazer de estar vendo a 6.^a divisaõ, commandada pelo Tenente-general Sir Henrique Clinton que depois de ter atravessado o Nivelles, e ter forçado as estacadas do inimigo sobre ambas as margens, e tendo coberto a passagem da divisaõ Portugueza, debaixo do commando do

Tenente-general Sir Joaõ Hamilton, sobre a sua direita, fez o mais brilhante ataque sobre a direita da posiçaõ inimiga por traz de Anhoue, e sobre a direita do Nivelles, e tomou todos os entrincheiramentos, e os reductos sobre aquelle flanco. O Tenente-general Sir Joaõ Hamilton apoiou com a divisaõ Portugueza, a 6.ª divisaõ sobre a sua direita, e ambos cooperaram no ataque do segundo reducto, o qual foi immediatamente tomado.

A brigada do Major-general Pringles, da 2.ª divisaõ, commandada pelo Tenente-general o Hon. Sir Guilherme Stewart, forçou as estacadas do inimigo sobre o Nivelles, e na frente de Anhoue; entaõ o Major-general Bring, com a sua brigada da 2.ª divisaõ, tomou os entrincheiramentos, e um reducto mais distante sobre a esquerda do inimigo, em cujo ataque o Major-general e estas tropas se distinguiram. O General Morillo cobrio a avançada do todo, para os altos detraz de Anhoue, atacando os postos do inimigo sobre os declives de Mandarin, e seguindo-os para a banda da Itzatec. As tropas que estavam sobre os altos por detraz de Anhoue, por estas operaçoens, debaixo da direcçaõ do Tenente-general Sir Rowland Hill, foram forçadas a retirar-se para a ponte de Cambo sobre o Nive, a excepçaõ da divisaõ em Mandarin, a qual em consequencia da marcha de uma parte da 2.ª divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general o Hon. Sir Guilherme Stewart, foi arrojada para dentro das montanhas para a banda de Baygoris.

Logo que as montanhas foram tomadas em ambas as margens do Nivelles, ordenei que a 3.ª, e 7.ª divisões, que formavam a direita do nosso centro, marchassem pela esquerda daquelle rio sobre St. Pé, e a 6.ª divisaõ pela direita sobre o mesmo sitio, em quanto a 4.ª, e a ligeira, e a reserva do General Giron, occupavam os montes para cima de Ascain, e cobriam este movimento por aquelle lado, e o Tenente-general Sir Rowland Hill, o protegia pelo outro. Uma parte das tropas do inimigo tinha-se retirado do seu centro, e tinha atravessado o Nivelles em St. Pé, e tanto que a 6.ª divisaõ se aproximou da terceira ás ordens do Major-general o Hon. Carlos Colville, e da 7.ª divisaõ, commandada pelo General Le Cor, atravessaram o rio, atacaram, e immediatamente ganharam a posse dos montes da outra banda.

Por este modo nos estabelecemos na rettaguarda da direita do inimigo; porem tinha-se consumido tam grande parte do dia que não era possivel continuar a fazer outras manobras; e fui obrigado a differir as nossas posteriores operaçoens para a manhaõ seguinte. O inimigo evacuou Ascain no principio da tarde, de cuja

aldéa tomou posse o Tenente-general Don Manuel Freyre, e largou todas as suas obras e posiçoens na frente de St. Jean de Luz durante a noite, e retirou-se sobre Bidart, destruindo todas as pontes sobre o Baixo Nivelles. O Tenente-general o Hon. Sir Joaõ Hope seguiu-o com a esquerda do exercito, logo que pôde atravessar o rio; e o Marechal Sir Guilherme Beresford moveo o centro do exercito o mais para diante que o estado das estradas, depois de uma violenta chuva, lhe permitia; e o inimigo retirou-se outravéz na noite do dia 11, para dentro de um campo intrincheirado na frente de Bayona.

No curso destas operaçoens de que tenho dado a V. S. uma idea, em que lançamos o inimigo fora das posiçoens em que andou a trabalhar tres mezes com grande trabalho e cuidado, em que tomamos 51 peças de canhaõ, 6 carros de muniçoens, e 1.200 prisioneiros, tenho a satisfacção de referir o bom porte dos officiaes e tropas. A mesma relaçãõ mostrará quanta razaõ eu tive de ficar satisfeito com o do Marechal Sir Guilherme Beresford, e com o do Tenente-general Sir Rowland Hill, que dirigiram o ataque do centro, e direita do exercito, e com o dos Tenentes-generaes o Hon. G. L. Cole, o Hon. Sir Guilherme Stewart, Sir Joaõ Hamilton, e Sir Henrique Clinton, e do Major-general o Hon. C. Colville, Carlos Baraõ Alten, Marechal-de-Campo P. Le Cor, e Marechal-de-Campo Don Pablo Morillo, que commandavam divisoes de infantaria, e com a de Don Pedro Giron, commandante da reserva de Andaluzia. O Tenente-general Sir Rowland Hill, e o Marechal Sir Guilherme Beresford, e estes Officiaes Generaes, tem communicado os seus juizos sobre o portamento dos generaes e tropas debaixo dos seus respectivos commandos; e eu particularmente recommendo á attençaõ de V. S. o do Major-general Byng, e do Major-general Lambert, que conduziram o ataque da 6.^a divisãõ; e da mesma forma particularmente observo a valorosa conducta dos regimentos 51.^o, e 68.^o, commandados pelo Major Price, e pelo Tenente-coronel Hawkins, do brigada do Major-general Inglis, no ataque dos montes acima de St. Pé, na tarde do dia 10. A 8.^a brigada Portugueza, da terceira divisãõ, cammandada pelo Major-general Power, igualmente se distinguio no ataque da esquerda do centro do inimigo, e a brigada do Major-general Auson, da 4.^a divisãõ, na aldéa de Sarré, e no centro das montanhas.

Ainda que a mais brilhante parte deste serviço naõ foi da repartiçaõ do Tenente-general o Hon. Sir J. Hope, e do Tenente-general Dou M. Freyre, tenho, comtudo, toda a razaõ para estar satisfeito com

o modo porque estes officiaes se conduziram no serviço de que tiveram a direcção. A nossa perda, posto que consideravel, não foi, contudo, tam grande como se poderia esperar, considerando a fortaleza das posiçoens atacadas, e o espaço de tempo (desde o romper da manhã até o escurecer) durante o qual as tropas estiveram em combate; porem devo accrecentar que o Coronel Barnard, do regimento 95, foi gravemente, posto que espero que não perigosamente, ferido; e que perdemos o Tenente-coronel Lloyd, do regimento 94; official que se tinha frequentemente distinguido, e que dava grandes esperanças. Na formação do plano para este ataque, e em todas as operaçoens, recebi o maior auxilio, do Quartel-mestre-general, Sir George Murray, e do Ajudante-general, o Hon. Sir Duarte Pakenham, e do Tenente-coronel Lord Fitzroy Somerset, do Tenente-coronel Campbell, e de todos os officiaes do meu pessoal Estadomaior, e de S. A. S. o Principe de Orange.

A artilheria, que esteve no campo, foi de grande serventia para nos, e não posso sufficientemente reconhecer a intelligencia, e actividade com que foi trazida para o ponto do ataque, debaixo da direcção do Coronel Dickson, pelas más estradas ao travéz das montanhas, e nesta estação do anno.

Envio este officio pelo meu Ajudante-de-Campo, o Tenente Marquez de Worcester, o qual, peço licença, para recommendar a V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

P. S. Remeto a conta dos mortos e feridos. Depois que recebemos a conta das perdas do inimigo, tomamos mais 100 prisioneiros, e 400 feridos.

Proclamação do Feld-Marechal Marquez da Wellington ao povo Francez.

Ao entrar no vosso paiz, sabeis que tenho dado as mais positivas ordens (uma copia das quaes vai juncta com esta) para prevenir todos aquelles males que são as consequencias ordinarias da invasaõ, a qual sabeis vos que he o resultado da que o vosso Governo fez em Hespanha, e dos triumphos do Exercito Alliado debaixo do meu commando.

Vos podeis estar certos que eu hei de pôr estas ordens em execuçaõ, e rogo-vos, que façais prender, e conduzir á minha presença todos aquelles que contravindo estas disposiçoens, vos fizerem alguma injuria. Porem requer-se que vos permaneçaes

em vossas cazas, e naõ tomeis parte alguma nas operaçoens da guerra de que o vosso paiz vai a ser o theatro.

(Assignado) WELLINGTON.

Ainda que o paiz que está em frente do exercito seja um paiz inimigo, o General em Chefe fortemente deseja que os habitantes sejam bem tractados, e propriamente tractados como ate qui se tem feito.

Os officiaes e soldados devem lembrar-se, que as suas naçoens estão em guerra com França, porque aquelle que está á testa da nação Franceza naõ lhes quer permittir que estejam em paz, e dezeja obrigarlos a submeter-se ao seu jugo: naõ se devem esquecer de que os maiores males, que o inimigo experimentou na sua invasaõ de Hespanha e Portugal, procederam das desordens, e crueldades que os soldados, authorizados, e mesmo protegidos pelo seu Chefe, cometeram sobre os infelizes e pacificos habitantes do paiz.

Seria coiza deshumana, e indigna das naçoens a quem o General em Chefe allude, o tomarem vingança daquella conducta, sobre os pacificos habitantes de França; e esta vingança havia em todo o cazo, cauzar ao exercito males semelhantes, ou ainda maiores que os que o inimigo soffreo na Peninsula, e seria mui contrario ao interesse publico.

Devem portanto ser observadas nas cidades, e vilas de França as mesmas regulaçoens que tem atequi sido practicadas nas requisicoens das provisoens que forem exigidas do paiz, e os commissarios, pertencentes a cada um dos exercitos das differentes naçoens, receberaõ dos seus respectivos Generaes em Chefe ordens relativas ao modo porque se haõ de pagar as provisoens, e o espaço de tempo dentro do qual o pagamento deve ser feito.

FRANÇA.

Extractos do Moniteur.

As nossas fronteiras estam ameaçadas—inimigos implacaveis, cujas fileiras tem sido ingrossadas pela traiçaõ, dezejam invadir o territorio Francez. A guerra acendida na Europa pela influencia da Inglaterra, naõ pode ser sugeita aos calculos comuns da politica. A questaõ naõ he sobre parcial cessaõ de territorio, he o Norte precipitando-se sobre o Sul, como se precipitou nos primeiros tempos da

Monarchia. A França foi entaõ, como hé agora, o grande obstaculo para o successo das naçoens do norte. O nosso paiz tem sido sempre o Baluarte da civilizaçãõ, e um objecto de inveja para as outras potencias, porque elle he tambem o paiz das artes o centro dos melhoramentos, e um modelo para as naçoens, em tudo o que he nobre e glorioso.

He portanto aquelle antigo odio contra a França, aquelle desejo de humilhar a sua gloria—que agora dirige os planos de nossos inimigos. He em circumstancias difficultosas que a grandeza das naçoens, assim como a dos individuos, se conhece. A naçaõ advertida de seu prezente perigo, experimentará que a sua salvaçaõ está dependente da sua energia, e da sua cabal confiança no Governo. Saõ necessarios grandes sacrificios; todas as consideraçoens particulares devem ceder o passo ao bem de todos: o inimigo está ás nossas portas, he-nos preciso repellilo. Os Francezes devem outravéz mostrar-se dignos dos seus antepassados cuja gloria he como um deposito sagrado confiado ao seu patriotismo: sejam, em uma palavra, dignos do nome que tem, e do Soberano que frequentemente os tem conduzido á victoria, tomando parte em suas fadigas, e em seus perigos.

Os nossos inimigos tem esquecido que a França he a terra dos valentes, e a patria da honra. Naõ se lembram, que á voz da patria ameaçada, naõ ha Francez que naõ saiba qual he o seu dever, e que naõ esteja prompto para o preencher. Talvez elles imaginem que nós havemos de esperar socegadamente por aquellas cohortes indisciplinadas que a toda a parte levam comsigo roubo, e devastaçaõ.

As suas esperanças haõ de ser frustradas. Os nossos monumentos publicos, os chefes de obra das artes, immortaes trophéos de nossas victorias, cada porçaõ desta terra natal, tam favorecida pela natureza; tudo o que he Francez está debaixo da guarda de todos: he assim que de Mayence a Perpignam, de Brest a Toulon, dos Alpes aos Pirineos, todo o cidadãõ estará prompto para voar em auxilio dos seus concidadaõs. Nos ja vimos os Prussianos em campanha, ja vimos os Russianos sobre as nossas fronteiras, lémos aquellas proclamaçoens, em que as ameaças eram misturadas com insulto, e um so unico movimento da naçaõ foi bastante para dissipar todo o perigo. Exaqui um nobre exemplo que deve agora ser imitado.

Acorde pois todo o Francez á voz do governo, que dirige os nossos recursos, e os nossos esforços; lembre-se cada um de nos, que nada ha que temer, com tanto que se corresponda ás exigencias do seu Soberano. He por um unanime e generoso movimento que nós havemos

de expellir para longe das nossas cidades, de nossas mulheres, e de nossos filhos, para longe dos sagrados tumulos de nossas pais, o flagelo da guerra, o insulto, e a devastaçãõ. Nos somos Francezes, e nunca deixaremos de o ser.

20 DE NOVEMBRO.—S. M. hontem em St. Cloud presidio a um conselho de Estado ; decretou nelle a creaçãõ de dous exercitos de 100.000 homens cada um ; um sera organizado em Turin, e o outro em Bourdeaux.

21 DE NOVEMBRO.—Hontem a tarde foram apresentados por S. E. o Principe Archi-chancellor do Imperio, para prestarem juramento o Conde Mole nomeado Gram Juiz, Ministro da Justiça ; o Duque de Bassano, em qualidade de Ministro Secretario de Estado ; o Duque de Vicenza, em qualidade de Ministro dos Negoicos Estrangeiros ; o Conde Daru, em qualidade de Ministro para a administraçãõ da Guerra ; o Baram Castas, em qualidade de Director Geral das pontes, e das estradas. S. M. nomeou Ministros de Estado, o Duque de Massa, e o Conde de Cassan : e exprimio-lhes a satisfacçãõ que os seus serviços lhe tinham causado, e o desejo que elle tinha de que elles continuassem a ajudallo com os seus avizos, e bons conselhos ; e que nãõ havia outra razãõ para os mandar retirar, senãõ a da saude destes Ministros. S. M. nomeou, o General Conde Bertrand, Grande Marechal do Palacio ; o Marechal Duque de Albufera, para o posto de Coronel-general da guarda ; vago pela morte do Duque de Istria. Os generaes de divisaõ, Conde Regnier, Conde Labord, Conde Charpentier, Baron Maison gram-cruzes da Imperial Ordem da Reuniaõ.

Uma naçãõ taõ generosa, como illuminada, taõ poderosa como a naçãõ Franceza precisa somente ser fiel a si mesma, proteger os desejos de seu governo, para preservar a sua graduacãõ entre as naçoens, e confundir os projectos dos seus inimigos. A historia está cheia de factos notaveis que provam que os perigos lhe tem levantado o annimo, e que ella tem sido sempre superior aos acontecimentos. Nos devemos agora dar aos nossos descendentes aquelle exemplo que recebemos dos nossos antepassados. A hereditaria gloria do povo Francez nunca deve ser obrigada. Se alguns coraçoes houver gelados pelo egoisino, capazes de olhar com indifferença para os perigos da patria ; excite-os o sentimento do seu interesse proprio. Tudo o que elles agora possuem na ordem social, a salvaçãõ dos individuos depende da salvaçãõ do todo. O humilhador jugo de um estrangeiro, o insulto, o roubo, havia de cair sobre todas as cabeças, sobre todas as condiçoens, e amargos, e inuteis pezares,

haviam seguir-se immediatamente á inactividade, e á falta de zelo nos cidadãos.

He Inglaterra quem está diante de nós ; Inglaterra está nos campos dos nossos inimigos, he em favor della, he para satisfazer o seu inextinguivel odio contra França que as naçoens do Norte se tem posto em campo. Odio para com a França he o patriotismo de um Inglez. Quem he o Francez que a tal idea não esta prompto a pegar em armas, e exclamar : não, a França nunca dobrar o pescoço diante da Inglaterra ! Este nobre sentimento existe no coração de todo o Francez, se disso podemos formar um juizo pela actividade com que os valorosos homens destinados para defenderem as nossas fronteiras marcham para o posto da honra. Uma emulação digna de louvor anima os departamentos ; e nós pensamos que he um dever o particularizar aquelles que se distinguem pelo seu zelo, e pela sua energia. Nós diremos delles que tem sido benemeritos da sua patria.

Carta do Príncipe Vice Rey ao Ministro da Guerra.

MONSIEUR LE DUC de FELTRE.—Depois de ter repellido o inimigo, e varias marchas no vale do Adige, da banda de Roveredo, formei o projecto de ir sobre elle pela estrada de Vicenza, e resolvime a isto principalmente porque eu sabia que elle intentava fortificar-se na posição de Caldiero. Este ataque devia ser feito aos 14, porem o tempo demorou-o até o dia 15, que foi quando fiz desfilar de Vicenza uma parte das tropas em 3 columnas ; a saber :—o General Quesnel na esquerda, o General Mazcognet no centro, e o General Mermet, com a cavalaria, e uma brigada de infantaria na direita, tendo uma brigada em reserva. Achemos o inimigo occupando os montes de Caldiero, em numero perto de 10,000 ; atacámollo fortemente, e apesar da sua vigorosa resistencia, a vila de Ilasi, a de Cologaola, e os montes de Caldiero foram successivamente tomados no meio de gritos de Viva o Imperador. O inimigo tendo sido arrojado para dentro da planice, foi perseguido até para além da corrente de Alpon, e a nossa artilheria causou-lhe muito damno em o desfiladairo. O inimigo teve mais de 1.500 homens mortos, e feridos, e 900 prizioneiros ficaram em nosso poder.

[Agora seguia-se o elogio dos officiaes que se distinguiram.]

Nos tivemos, apenas 500 homens incapacitados de combater ; infelizmente entre elles ha pelo menos 300 officiaes, entre os quaes

jame deram parte de 60 officiaes superiores ; porem o dia custou ao inimigo certamente de 2.200, a 2.400 homens.

A'vista disto, peço a Deus, M. le Duc de Feltre, que vos tenha na sua santa, e digna guarda.

EUGENIO NAPOLEAÕ.

Caldiero, 15 de Novembro, de 1811.

DECRETO IMPERIAL.

Palacio das Thuilleries, 27 de Novembro.

Napoleaõ, &c. &c. temos decretado e decretamos o seguinte:—

ART. 1. A somma de 27:569.966 francos, será posta á disposiçaõ do nosso Ministro Director da Administraçaõ da Guerra, sobre o credito do *Budget* (calculo de receita e despeza) de 1813.

A ditta somma será carregada na distribuiçaõ para Dezembro.

2. Será distribuida pelas diferentes assembleas da Bolça da Administraçaõ da Repartiçaõ da Guerra, isto he:—

Bolça do Interior	24:016.585
Ditta do Exercito Grande	3:553.381

Total.....	27:569.996
------------	------------

3. A ditta quantia total de 27:569.966 francos, sera paga em divisoes na conformidade da lista appensa ; a saber:—

Sobre o producto das 30 centessimas levantadas na conformidade do nosso Decreto de 11 do corrente..	22:067.622
E sobre o producto das taxas das terras	5:502.344

A fazer uma igual somma de.....	27:569.966
---------------------------------	------------

4. O Ministro da Administraçaõ da Repartiçaõ da Guerra ha de pôr a ditta somma, por meio de assignados, á disposiçaõ dos prefeitos, para pagarem as requisicoens feitas para as provisoens militares das praças fortificadas, e provisoens, forragens, lenhas, petrechos, requisitos para os hospitaes, cavallos, ou carroças fornecidas por requisicaõ.

5. O Ministro da Administraçaõ da Repartiçaõ da Guerra, dirigirá a cada Prefeito uma Nota dos fundos que elle ha de pôr á sua disposiçaõ, declarando a sorte de artigos que haõ de ser fornecidos, para cujo pagamento, cada credito vai determinado, e juntamente os preços porque elles haõ de ser calculados.

6. O Ministro do Thesoiro invariá uma copia desta Nota ao Recebedor Geral de cada Repartiçaõ.

7. O Prefeito entregará, a favor daquelles de quem tiver exigido os artigos por requisicaõ, assignados sobre o Recebedor geral do departamento, e o Recebedor-geral pagallos-ha do producto das contribuicoens mencionadas no Artigo 1.

8. Estabelecer-se-ha uma Secretaria Especial de liquidaçãõ para se liquidarem, e pagarem sem demora os artigos requeridos, e que saõ fornecidos pelos departamentos, sendo a base desta liquidaçãõ o valor estabelecido, e naõ o facticio, que as circumstancias podem dar ás provisõens, e artigos fornecidos, porem o seu valor real.

9. Os nossos Ministros da Administraçãõ da Repartiçãõ da Guerra, do Interior, e do Imperial Thesouro, estam encarregados, cada um pelo que lhe pertence, da execuçãõ do presente Decreto.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador,

O Duque de BASSANO, o Ministro
Secretario de Estado.

PARIS, 27 DE NOVEMBRO.—S. M. formou hoje um Conselho da Administraçãõ da Subsistencia Militar. S. M. saio a cavallo esta manhaã. Vizi-tou a rua de Tournon, as novas obras no Luxembourg, e os jardins antigos da Cartucha, e o novo Mercado do Vinho: ia acompanhado pelo General Conde Caffarelli, Baraõ Mixregni, um pagem, e o Cavalleiro Fontaine, seu architecto, que lhe mostrava as differentes obras.

S. M. ficou mui agradado do Mercado do Vinho, e conversou muito tempo com as pessoas que contractam no artigo, para que este util estabelecimento he destinado. Voitou pelo Palacio do Arcebispo, pelo Mercado das Flores, e pelo Caes, rodeado de uma multidaõ de povo cujas aclamaçoens attestaram sua alegria por verem S. M.

Ha perto de um mez que o inimigo tem estado sobre as nossas fronteiras sem ousar passallas; a respeitosa vista das nossas invenciveis falanges, o zelo, e ardor de todos os varonís habitantes que encerram as nossas provincias do Rheno tem sido bastante para rebater a sua audacia, e dissipar as suas loucas esperanças. Porem o perigo naõ está passado. Este generoso movimento deve ser communicado a todas as partes de França: o fogo do patriotismo deve inflamar todas as almas. Quando o theatro da guerra estava ainda longe do nosso paiz; quando o estrondo dos canhoens retumbava somente sobre um paiz estrangeiro, podiamos nos contemplar quietos aquelles terriveis jogos de Marte; poderiamos adormecer em uma agradavel segurança: porem agora naõ he tempo de dormir, naõ he tempo de fallar, devemos obrar, devemos mostrar-nos, dignos daquelles memoraveis, e dificeis periodos em que a liberdade da França esteve em perigo. Quando o inimigo, ha vinte annos atráz, esteve postado nas planices de Champagne, e nos ameaçava com iminente destruiçãõ, toda a França, indignada se levantou espontaneamente, e o inimigo retirou-se com precipitaçãõ para as suas fronteiras: e a favor de quem foi este movimento feito? Que nos esperava quando voltassemos para casa? Esperava-nos a anarchia e todas as suas desordens. Comtudo a França preferio a honra a qualquer perigo: escolheo antes cair nas cadeas de seus domesticos tira-

nos, do que nas dos estrangeiros: subneter-se antes á furia da anarchia, do que á vergonha da escravidão. E agora que todas as partes da ordem social estão reconstituídas, e agora que o inimigo só nos pode trazer escravidão ou anarchia, não temos nos de correr ao combate? não temos de estar promptos para os maiores sacrificios? Quem pode soffrer ser seduzido por insidiosas promessas, por vaãs, e fallazes proclamações? As gabações do inimigo, a disciplina dos seus exercitos, e os seus principios de moderação, e desinteresse? Podeis vos crer, que se elle penetrasse as vossas provincias, havia de guardar muito tempo a sua pretendida disciplina, ou cumprir as suas promessas? Certamente a conquista de tantas cidades florecentes, de tantas e tam ricas terras, não pode ser concluida sem combates; e então a que excesso de desordens não ha de ser o nosso paiz entregue; que roubo, que carniceria, que abraçamento!

Imaginemos por um momento o inimigo ás nossas portas. Eis vedes as mulheres tremendo, perdidas, fugindo; os velhos, as donzelas, e as crianças obrigados a abandonar a casa de seus pays, levando consigo algumas tristes reliquias dos seus bens, buscando no meio das brenhas, nos mais impenetraveis retiros um asilo contra as furias da soldadesca. Olhai, e vede por toda a parte tumulto e agitação.

Ah! que disciplina podeis vos esperar daquellas cafilas de Cossacos, que não tem outra paga senão a que podem roubar aos habitantes das cidades e das terras; que estrangeiros em civilização, artes, sciencias, e lettras, nada podem estimar do que nos estimamos, nada respeitam do que nos respeitamos; elles queimaram as suas proprias habitações; podeis vos suppor que lhes custará muito a queimar as nossas?

Basta que nos lembremos que o exercito dos alliados he um exercito ao soldo da Inglaterra; que as Potencias reunidas não são senão os cegos instrumentos da desmarcada ambição, e implacavel odio contra a França. Que boa intenção, que favoraveis sentimentos podemos nos esperar do Gabinete de Londres? Durante o espaço de 10 annos fomos victimas de todos os horrores da revolução, de todos os flagelos da discordia civil. Certamente se a Inglaterra dezesasse suffocar o monstro da anarchia, quantas vezes não se lhe offerreceo a oportunidade? Porem longe de dezer restaurar-nos o repouso, he o nosso repouso que ella teme; he o nosso poder, e gloria, a nossa industria, as nossas artes, que ella dezeja annihilar; para reinar só no mundo todo; para fazer todas as nações tributarias aos seus negociantes: este he o unico objecto da sua ambição; o constante fito de todos os seus esforços, de todas as suas intrigas, de toda a sua incomprehensivel profusão. Ella dezeja a todo o custo ver-se livre de uma rival que a arruina. Que triumpho, que alegria não seria a della se chegasse a tempo de poder effectuar a ruina da França, destruir as suas esquadras, annihilar o seu commercio, e dividir as suas provincias! A ruina da França seria a ruina commum de todo o mundo. Subjugai França, e ficará completa a escravidão do universo.

E podemos nos entregar-nos a semelhantes reflexões sem estremecer-mos? Haverá braço que não se arme para evitar semelhante calamidade? Ah! não imitemos aquelles Athenienses, que entregues inteiramente aos seus prazeres, e á sua indolencia, so se occuparam dos jogos dos theatros, e de alguns frivolos discursos, quando Felipe lhes estava as portas; mas lembremos-nos que para preservarmos os louros de Apollo, he-nos preciso colher as palmas de Marte.

30 DE NOVEMBRO.—Asseguram-nos que fora prorogada a abertura das Sessãos do Corpo Legislativo; porem não somos informados do dia em que haõ de ser.

O *Journal de Paris*, do dia 30, depois de ter relatado o numero de Duques, Duquezas, Condes, e Condessas, que foram apresentadas ao Imperador, no Domingo depois da missa, diz:—S. M. no mesmo dia fez um Conselho de Administraçã, para o fardamento do exercito. O Conde Daru, Ministro da Guerra, e o Conde Cessac, Presidente da Repartiçã da Guerra, estiveram presentes.

DECRETO IMPERIAL.

Do Palacio das Thuilleries, 29 de Novembro, de 1813.

Napoleã, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçã do Rheno, Mediador da Confederaçã Suissa, &c. &c. &c.

Temos decretado e decretamos o seguinte:—

ART. 1. A abertura das Sessãos do Corpo Legislativo, fixada pelo nosso Decreto de 25 de Outubro proximo passado, para 2 de Decembro, terá lugar em 19 de Decembro.

O presente será inserido no Bulletin das Leis.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador,

O Ministro Secretario de Estado,

(Assignado) O Duque de BASSANO.

Falla do Imperador ao corpo Legislativo aos 19 de Decembro, de 1813.

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo,

Victorias esplendidas tem elevado a gloria das armas Francezas, durante esta campanha; deserçoens sem igual-tornando inuteis estas victorias: tudo se tem voltado contra nós. A mesma França estaria em perigo, se não fosse a uniaõ e energia dos Francezes.

Nestas pezadas circumstancias, o meu primeiro pensamento

foi chamarvos em torno de mim. O meu coração necessita da presença, e da affeição de meus vassallos.

A prosperidade nunca me seduzio. A adversidade me achará sempre superior aos seus ataques.

Por varias vezes tenho dado a paz ás naçoens, quando ellas tinham perdido tudo. De uma parte de minhas conquistas tenho erigido thronos, para reys que me abandonáram.

Tinha eu concebido e executado grandes designios para a prosperidade, e felicidade do Mundo. Monarcha, e pay, eu senti que a paz augmenta a segurança dos thronos, e a das familias. Entrou-se em negociaçoens com as Potencias Alliadas; e eu tenho-me cingido ás bazes preliminares que ellas apresentaram. Tive entaõ esperanças de que, antes de se abrir esta sessaõ, se ajunctaria o Congresso em Manheim: porem novas delongas, que se naõ devem attribuir á França, deferiram este momento, por que clamam os desejos vehementes do mundo.

Tenho ordenado que se vos apresentem todos os documentos originaes, que se acham na pasta da minha repartiçaõ dos Negocios Estrangeiros. Vos saberéis o que elles contem, por meio de um committé. Os oradores do meu conselho vos informaraõ da minha vontade a este respeito.

Da minha parte naõ ha obstaculo ao restabelecimento da paz. Eu conheço e participo de todos os sentimentos dos Francezes,—Eu digo, dos Francezes; por que naõ ha um só delles, que deseje a paz, á custa da honra.

He com pezar, que peço deste generoso povo novos sacrificios, mas elles saõ ordenados pelos seus mais nobres, e mais charos interesses. Era necessario recrutar os meus exercitos com numerosas levas: as naçoens naõ podem tractar com segurança, senaõ mostrando toda a sua força. O augmento de impostos vem a ser indispensavel. O que o meu Ministro de Finanças vos ha de propor, he conforme ao systema de finanças que eu tenho estabelecido. Nos occurremos a todas as despezas, sem empréstimos, que consomem o futuro; e sem papel moeda, que he o maior inimigo da ordem social.

Eu estou satisfeito com os sentimentos, que o meu povo da Italia me tem testemunhado, nesta occasiaõ.

A Dinamarca e Napoles, somente, permanecêram fieis na sua alliança comigo.

A Republica dos Estados Unidos da America, continua com successo a sua guerra contra Inglaterra.

Tenho reconhecido a neutralidade dos desanove Cantoens Suissos.

*Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados
dos Departamentos no Corpo Legislativo,*

Vós sois os orgãos naturaes deste throno: pertence-vos dar o exemplo de energia; que póde recommendar a nossa geraçã ás geraçoens futuras. Que não digam ellas, “Elles sacrificáram os melhores interesses de sua patria.” Elles reconheceram as leys, que a Inglaterra, durante quatro seculos, em vaõ procurou impôr á França.

O meu povo não póde temer, que a politica de seu Imperador atraíçoe ja mais a gloria nacional. De minha parte, confio que os Francezes serã constantemente dignos de si mesmos, e de mim.

HESPAÑHA.

ARTIGO OFFICIAL.

A Regencia do Reyno foi servida publicar o seguinte Decreto:—

As Cortes desejando por em execuçã o seu Decreto de 3 do corrente relativo a sua mudança para Madrid, decretam, que a Regencia do Reyno deverá informar as Cortes do momento em que o estado da saude publica, e as precauçoens tomadas pelas juntas da saude haõ de permittir esta mudança.

HOLLANDA.

AMSTERDAM, 20 DE NOVEMBRO.

Hontem, em consequencia de uma resoluçã dos Delegados para o Governo de Amsterdam, e do Norte da Hollanda, fez-se acçã de graças em todas as Igrejas desta cidade pelas especiaes mostras do favor Divino dadas ao nosso paiz nestes tempos memoraveis, na expulsaõ dos nossos jurados inimigos das terras Hollandezas, com humildes preces a Deus para abençoar com o seu amparo, e favor os esforços de S. A. R. o Principe de Orange, dos Delegados do povo em geral, e de todo o Hollandez em particular. Os Ministros ecclesiastcos tambem exhortaram os seus ouvintes para assistirem com contribuiçoens voluntarias, ao restabelecimento do thezouro publico, que foi quazi inteiramente saqueado pelos nossos inimigos Francezes, &c. &c para que a Hollanda venha a ser um paiz feliz, e com o favor de

Deus, estando o mar aberto, possa dar a cada um a oportunidade de reparar as perdas que tem soffrido, e para que possamos em consequencia estar seguros de nos não acontecerem infortunios taes como os que soffreram os nossos lamentados irmaons de Woerdens que convencem todos os Hollandezes que nenhuns sacrificios são demaziadamente grandes, sendo para nos livrar do jugo dos Francezes.

2 DE DEZEMBRO.—Hontem pelas 3 horas, S. A. S. o Principe de Orange fêz a sua entrada solemne dentro desta capital, pela porta de Haerlem, ao estrondo da artilheria, e ao som dos repiques de todos os sinos. A alegria foi geral em todas as classes de habitantes. Não se pode descrever o numero do povo que estava juncto, e que corria a todos os pontos aonde S. A. passava. Não cessavam as alegres acclamaçoens de “Viva! Orange boven!” e “Viva Guilherme Primeiro, Soberano Principe dos Hollandezes!” Esta noite a cidade esteve illuminada.

HARLEM, 29 DE NOVEMBRO.—Varias noticias das margens do Yssel annunciam, que o General Prussiano Poppen, com uma columna de 8000 homens, e 40 peças de canhaõ, decampou no dia 28 para marchar para Utrecht, pelo caminho de Doesburg, e Arnhem. O General Benkendorf chegou no dia 17 a Zwoll, com 2.000 hussares, 2.000 infantes, e 10 peças de canhaõ. O General Bulow, com o exercito principal, que he avaliado em 30.000 homens, decampou de Munster no dia 25. Zutphen foi occupada pelos Alliados; porem os Francezes ainda tinham uma guarniçaõ em Deventer.

(*Gazeta Extraordinaria do Zueder-Zee, 30 de Novembro.*)

Amsterdam, 30 de Novembro.

Em nome de S. S. A. o Principe de Orange, e Nassau, e da Assembleia Geral dos Hollandezes Unidos para o Governo dos Negocios de Amsterdam, e do Norte da Hollanda.—A importancia da nova que temos de communicar persuadio-nos a publicar esta Gazeta Extraordinaria, para fazer saber que o General Krayenhof, Governador da Cidade de Amsterdam, hontem 29, pelo seu Ajudante-de-Campo Colonel Van Don Posch, tomou posse da cidade de Utrecht, em nome de S. A. R. o Principe de Orange. Brevemente communicaremos os nomes das pessoas que tem emprendido o administrar o governo desta cidade, agora restaurada aos Hollandezes.

(*Assignados*)

J. M. KEMPER.

JANIUS SCHOLTEUR.

UTRECHT, 1 DE DEZEMBRO, AS 7 HORAS DA TARDE.—O GOVERNO PROVISIONAL da Cidade de Utrecht informa os bons habitantes desta cidade, que recebeu hoje a seguinte carta :—

O General Von Bulow, que está avançando, tomou hontem á tarde por assalto a vilad e Arnheim. A guarniçaõ foi passada á espada :

um pequeno numero tinha-se retirado na maior desordem, sendo perseguido pela cavallaria.

Rogo-vos que queiraes dar ao publico informação deste feliz, e importante successo; porisso que pode ser muito agradavel a muitos.

O Major, e Commandante do regimento dos Hussares Negros,

(Assignado) SANDRART.

(Copia fiel.)

O Presidente do mencionado Governo Provisional,

(Assignado) J. VAN DER VELDEN.

Os Commissarios Geraes do Governo Nacional residente em Amsterdam; aos Habitantes da ditu cidade.

PATRICIOS!—Chegou finalmente o momento que pos um fim a toda a vossa insegurança. As borrascas das mudanças estaõ passadas, e a obra começada ha dous seculos pelos nossos grandes antepassados, debaixo de grandes difficuldades, concluiu-se finalmente por nos, debaixo de difficuldades ainda maiores. Nenhum Principe estrangeiro, ignorante da vossa constituição, e usos, hade daqui em diante dirigir a seu capricho, os vossos mais caros privilegios; os fructos da vossa industria naõ seraõ mais preza de estrangeiros nem mais os vossos filhos seraõ arrastados para terras alheas para pelejarem por estrangeiros; e por uma cauza alhea da vossa propria felicidade; naõ tornaraõ mais os habitantes empregados no Governo Supremo a estropear as vossas forças, e enervar o vosso valor. Naõ he Guilherme 6°. a quem o povo da Hollanda tornou a chamar sem saber o que poderia esperar delle.

He Guilherme Primeiro, que, como Soberano Principe pelo dezejo dos Hollandezes, apparece como Soberano entre aquelle povo, que em outro tempo foi livrado por outro Guilherme Primeiro, da escravidão de um desgraçado despotismo. A vossa liberdade civil sera assegurada pelas leis, por uma Constituição, que haja de estabelecer a vossa liberdade, e mais bem estabelecida que nunca; porem as occurrencias exteriores, as mudanças entre as naçoens, cujo governo politico tem em parte sido a occasião, e a cauza dos protentozos feitos, que por um pouco de tempo tiveram maravillhada a Europa, haõ de tambem ser balançados por um semelhante arranjo: isso requer poucos mais sacrificios, e o nome Hollandez sera outra vez honrado como dantes, e a bandeira Hollandeza outra vez sera vista tremular sobre todos os mares. O Principio está dado. Os Hollandezes saõ livres, e Guilherme Primeiro he Soberano dos Livres Hollandezes.

Dada em Amsterdam, em 1 de Dezembro.

(Assignados)

I. M. KEMPER.

FANIUS SCHOTTE.

GRAVENSHAGE, 5 DE DEZEMBRO.

S. A. R. o Príncipe de Orange pediu que se publica-se nas gazetas que dous honrados patricios, um chamado Alberto Van Dikshoom, vivendo em Portugal, e Bastian Wey, morador em Spykenisse, apesar de terem soffrido grandes perdas, e oppressões causadas pelo Governo Francez, dezejavam comtudo dar convincentes provas do seu amor para com a sua patria, e para com a pessoa de S. A. R. o Príncipe de Orange, como Soberano deste paiz. Estas briosas pessoas fizeram presente de um soldado de cavallo completamente equipado, e mantido á sua custa pelo espaço de 3 mezes tomando igualmente sobre si, o sustento de suas mulheres e filhos.

O Commissario-geral dos Negocios do Interior mostrou-se infinitamente satisfeito com esta agradavel noticia, dezejando, e esperando que este exemplo haja de ser seguido por muitos outros.

Guilherme Frederico, Principe de Orange, e de Nassau, a todos aquelles a quem respeitar, saude :—

Os meus sentimentos, á minha entrada hoje nesta capital, saõ inexprimiveis. Restituído áquelle povo que nunca cessei de trazer na minha lembrança, considero-me como um pai no meio da sua familia, depois de 19 annos de ausencia.

Nunca, Hollandezes, nunca a minha recepção em Hollanda, e minha entrada em Amsterdam se haõ de apagar, na minha memoria, e, pelo vosso amor, eu vos prometo que nunca vos achareis enganados. He o vosso dezejo, Hollandezes, que eu esteja em uma mais alta relação para com vosco do que houvera de estar, se naõ tivesse eu nunca estado ausente. A vossa confiança, o vosso amor entregam a Soberania nas minhas maons; e eu vejo-me por todos os lados obrigado a tomalla, por isso que a necessidade do paiz, e a situação da Europa, requerem que eu assim o faça.

“ Seja pois. Sacrificarei as minhas proprias opinioens aos vossos dezejos. Aceito o que os Hollandezes me offerecem; porem so o aceito debaixo da fiança de uma sabia constituição, que haja de assegurar a vossa liberdade contra todos os possiveis abusos futuros; aceito-o com a inteira imposição de todos os deveres que esta acceitação me prescreve.

Os meus antepassados deram o nascimento á vossa independencia, a manutenção da qual ha de ser a incessante tarefa de mim, e da minha posteridade.

Eu, nas presentes circumstancias, ainda um tanto criticas, conto sobre a vossa cooperação e sacrificios ; e depois de um curto periodo de esforço, querendo Deus, nenhum estrangeiro poderá mais resistir, sobre o vosso proprio terreno, ao ardor da renovada nação, e ás triumphantes armas dos nossos Alliados.

Feita na Casa do Conselho de Amsterdam, em 2 de Dezembro, de 1813.

(Assignado) W. F. Principe de Orange.

Por ordem de S. A.

VAN DER DUYN VAN. MAASDAM.

LEYDEN, 9 DE DEZEMBRO.—A seguinte proclamação foi hoje lida á multidão circunstante no meio de repiques de sinos, e ao som das trombetas estando o corpo todo dos cidadãos armados debaixo de armas formado na frente da Caza da Cidade :—

O Governo Provincial da Cidade de Leiden, aos Habitantes daquela Cidade.

CIDADOENS, E HABITANTES DE LEYDEN,—Ainda bem o amado Principe dos Hollandezes, não tinha posto o pé outra vez sobre o seu paiz natal, quando de todas as partes se manifestou o desejo de que Guilherme Frederico Principe de Orange e de Nassau houvesse de permanecer não somente na mesma dignidade, e relação para com o nosso paiz, que os seus illustres antepassados, mas que houvesse de ser Soberano Principe dos Hollandezes.

Nos com todo o coração desejavamos com-vosco offerecer a S. A. esta grande dignidade em nome de todos os cidadãos, e, similhante á grande cidade de Amsterdam, saudallo a elle mesmo como tal no dia em que a nossa cidade houvesse de ser honrada com a sua presença.

Porem ainda que o alegre dia não está longe, os habitantes da cidade de Leyden estão demasiadamente impacientes para que esperem por elle para satisfazerem o seu desejo.

Pois bem, cidadãos, e habitantes de Leyden, desde o dia de hoje reconhecemos o Illustre decendente da Caza de Orange,

como Soberano Principe, e respeitamollo como tal. A unidade do Soberano poder deve agora ser o resguardo do nosso edificio politico: tornaraõ as nossas liberdades civis a reviver asseguradas por sabias leis. Agora debaixo do governo de um Principe do sangue de Nassau, nascido em o nosso proprio paiz, educado nos principios da honra, e da religiaõ dos nossos antepassados, que conhece as nossas necessidades, e respeita as nossas maneiras, ha de começar o restabelecimento dos Hollandezes, e com a bençam de Deus, ser felismente concluido.

Entaõ cada um occupe o seu posto á roda do nosso amado Principe, e promova com toda a sua habilidade a grande obra, que elle tem acabado por amor de nos. A preservaçãõ dos Hollandezes, a nossa felicidade, e a da nossa posteridade saõ os seus unicos objectos, e haõ de ser assegurados debaixo do seu governo.

Nenhuns sacrificios podem ser demasiadamente grandes para salvar, e preservar o nosso paiz.

Nenhum constrangimento estrangeiro nenhum despotismo, nenhum poder externo haverá mais de arrastar os nossos filhos á morte.

Seja Guilherme Frederico, Principe de Orange, e de Nassau, Soberano da Hollanda, o ponto de reuniaõ de todos os valentes Hollandezes, seja o escudo contra o qual toda a discórdia, e espirito de partido se quebre, e apertado o vinculo pelo qual a uniaõ, poder, honra e prosperidade pode outravez morar entre nós.

O Deus dos Hollandezes, o Deus dos nossos pays o abençoe, fortaleça, ajude, e sustente.

Feita, e resolvida pelo Governo Provizional da cidade de Leyden, em 8 de Dezembro, de 1813, e no dia seguinte, depois de repiques dos sinos publicada ao povo da torre da Caza da Cidade pelos chefes do Governo Provizional da cidade de Leyden.

ANTONIO GUSTAVO, Baraõ de Boetzelaer.

M^r. GERARDUS.

MARTINHO VON BOMMEL.

JOAõ GAEL.

M^r. D. M. GASBERG HELDWIER, e

M^r. GUILHERME PEDRO KLFIST.

Por mim P. A. DU PERI.

Esta Proclamação foi recebida com unannimes acclamaçoens pelas turmas do povo, com gritos de “ viva Guilherme Frederico Principe de Orange Soberano Principe dos Hollandezes. Depois disto tocou a musica da guarda da cidade, e todo o corpo desfilou por diante da Casa da Cidade aonde os Membros do Governo estavam de pé ás janelas.

LONDRES:—SECRETARIA DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS, 4 DE DEZEMBRO.

S. A. S. o Principe de Orange, acompanhado por S. Ex.^a o Conde de Clancarty, apportou em Scheveling, aonde desembarcou da nau de S. M. Guerreiro, capitaneada pelo Lord Visconde Torrington, 4.^a feira 30 do passado, ás 4 horas da tarde, no meio de entusiasticas acclamaçoens de uma numerosa concurrencia de povo ajunctado para o receber. S. A. immediatamente partio para Hague, e recebeu neste lugar as congratulaçoens das authoridades publicas. S. A. tinha tenção de continuar para Amsterdam no dia 2.

Pelas ultimas noticias recebidas de Hague de 2 do corrente, soube-se que o inimigo tinha evacuado Utrecht, e ia-se retirando sobre Gorcum, e Nimeguen.

O General Benkendorf tinha chegado a Amsterdam, no dia 1.^o com 2.500 homens, e immediatamente publicou a seguinte proclamação.

Muyden tinha sido tomado por assalto com perda do inimigo de 400 homens, 12 officiaes, e um canhão.

O navio de S. M. Jason tinha ancorado em Scheveling na manhã do dia 2, com o Major-general Taylor, e uma parte das armas destinadas para o serviço da Hollanda.

Recebeo-se no mesmo dia a noticia de se ter declarado o Brille em favor de S. A. S. o Principe de Orange.

Traducção de uma Proclamação do General Russiano Benkendorf, á sua entrada em Amsterdam.

O General Russiano Beckendorf acaba de desembarcar em Amsterdam com 2.500 homens de infantaria; a sua cavallaria regular, e artilheria, hade estar á manhã á tarde em Amarsfoort; os seus regimentos de cavallaria, comandados pelo General Staal, e pelo Coronel Nariskin, estaõ em Utrecht e limpam o paiz. Todos os Russianos estaõ annimados com o nobre dezejo de cooperar na libertação da Hollanda. Elles entram no vosso paiz como amigos. Hollandezes! correi ás armas; anime-vos o espirito de tornardes a ser uma nação, e de serdes dignos dos vossos antepassados. A

hora he chegada ; o inimigo verá o que um povo unido pode fazer, quando todas as dissenções estaõ extinctas pelo espirito de vingança, e pelo mais puro patriotismo.

Publicada em Amsterdam, em o 1.º de Dezembro, de 1813.

Traducção de uma Carta do General Benkendorf a S. Ex.º o General Kragenoff, Commandante da Cidade de Amsterdam.

GENERAL,—Tenho a honra de vos participar que um destacamento das minhas tropas entrou em Muyden, tomou um canhaõ, e o total da guarnição, composta de 400 homens, e doze officiaes caíram em nosso poder. Os Hollandezes tem-se distinguido particularmente, combatendo pela banda dos Cossacos. Prezentemente está-se ouvindo um fogo forte do lado de Naarden.

Apresso-me a communicar-vos esta importante noticia, e rogo-vos que o publiqueis sem demora em Amsterdam, e tambem que o participeis ao Governo em Hague.

Tenho a honra de ser, &c. &c.

(Assignado) A. BENKENDORF.

Amsterdam, 1 de Dezembro, de 1813.

(*Postscripto.*)

LONDRES:—SECRETARIA DOS NEGOCIOS DA GUERRA, 4 DE DEZEMBRO.

Um officio de que o seguinte he uma copia foi hoje recebido pelo Visconde de Castlereagh, Principal Secretario de S. M. da Repartição dos Negocios Estrangeiros, vindo do Tenente-general Sir William Stewart, K. B. datado de

Marburg, junto a Frankfort, 18 de Novembro, de 1813.

MY LORD,—Em um officio antecedente communici a V. S. a substancia de uma relação, recebida na manhã do dia 15, do General Thielman, contendo o rendimento de Dresden, e da sua guarnição ficando prisioneiros de guerra. Pelos noticias mais officiaes, que V. S. agora receberá, ha de ver que a relação, recebida no quartel-general do exercito do Norte, não era correcta, a respeito do rendimento da guarnição como prisioneiros de guerra. A capitulação, pela qual a guarnição havia de tornar para França, e ser trocada homem por homem, foi pedida, e concedida; porem isto não foi ratificado pelo commandante em chefe; assim tem ainda de passar mais algum tempo primeiro que tomemos posse desta importante praça.

Eu sinceramente tenho pezar de ter dado a V. S. uma relação, que me veio de tão boa authoridade, e que não obstante, succedeo não ser confirmada, em todos os seus factos.

Tenho a honra de ser, &c. &c.

(Assignado) CARLOS STEWART.

Ao Visconde Castlereagh, &c. &c.

SECRETARIA DA GUERRA, 4 DE DEZEMBRO.

Receberam-se officios de Heligoland, datados de 28 de Novembro :
As baterias de Blexen, e Carlsburgh estam em poder dos Alliados ;
em consequencia a navegaçãõ de Weser tornou-se perfeitamente
livre. O exercito do Principe Real vai marchando contra Ham-
burgo com grande força. As tropas Dinamarquezas estãõ junctas
nas vizinhanças de Altona.

Os Alliados estãõ de posse de Ratzeburgh ; tomaram o forte de
Hope na passagem do Elba, em Zollin Spõncher.

Dantzic tem sido meia destruida pelo bombardeamento.

PRUSSIA.

BERLIN, 26 DE OUTUBRO.

Os Magistrados sentem o maior prazer em apresentar aos habi-
tantes desta cidade estas expressoens da satisfacçãõ de S. E. M., e dos
quaes tambem se pode confiadamente esperar, que haõ de correspon-
der a confiança que S. M. nelles poem, e que naõ haõ de ter desmaio
no ultimo exercicio do seu zelo patriotico.—Berlin, 28 d'Outubro,
de 1813.

O Burgomestre, e Conselho desta Real Capital.

BUSCHING.

30 d'OUTUBRO.—S. R. M. na occasiaõ dos parabens que lhe fo-
ram appresentados pelos Magistrados, e Deputados desta cidade da
parte de seus habitantes sobre a sempre memoravel victoria alcançada
em Leipsig, foi servido expedir, no dia 26, a seguinte gracioza Carta
de Gabinete aos Magistrados, e Deputados aesta Cidade.

Agradeço aos Magistrados, e Deputados desta Capital os bons sen-
timentos que expressaram no seu Comprimento de 22 do corrente,
e rogo-lhes que hajam de assegurar aos habitantes que eu tenho ob-
servado com prazer o vivo interesse que elles tomaram nos felices
resultados dos esforços dos exercitos unidos para sustentarem a inde-
pendencia da Alemanha; que eu naõ sou menos sensivel á attençãõ
com que esta cidade tam houradamente se distinguio em soccorrer
o estado dos deffensores da sua patria, e que eu me conservo na
esperança de que elles haõ de continuar a dar um louvavel exemplo
às outras cidades do Reyno.

(Assignado) FREDERICO GUILHERME.

Aos Magistrados, e Deputados desta Capital.

(Da Gazeta de Berlin, de 13 de Novembro.)

O Imperador da Russia ajuntou em Leipsig os Generaes Polacos prisio-
neiros, e declarou-lhes que as Potencias Alliadas tinhaõ assentado em por

em liberdade todos os prisioneiros Polacos e mandallos para o seu paiz, no caso que elles lhes dessem a certeza de que não haviam de tornar a pegar em armas contra o bem geral da Europa. Os Generaes deram as suas palavras de honra, e confiavam que podiam responder o mesmo pelos sentimentos dos seus soldados. O Imperador accitou a sua palavra de honra e despedio-os com estas palavras. Tornai a levar para a vossa patria as debeis reliquias de um numerozo exercito que tem sido mal applicado por um conquistador, para a oppressão das naçoens. Elles ainda podem fazer-se bons cidadãos; e tem apprehendido que a corage so não funda as naçoens, mas antes a benevolencia, com a qual todo o individuo applica o seu valor, os seus poderes, e a sua liberdade a bem da felicidade geral.

Das columnas destes prisioneiros, debaixo do commando dos Generaes Kaminski, e Kranski, haõ de atravessar o Oder em Frankfort do Oder, e em Crossen; os mesmos Polacos que ainda ficarem no nosso paiz haõ de ser postos em liberdade. Os Polacos, em Gotha, enviaram os seus Generaes ao Imperador Napoleaõ a declarar-lhe que elles iam a separar-se do seu exercito, porque depois da grande batalha, tinham perdido as esperanças de voltarem á sua patria. Napoleaõ ao principio incolerizou-se muito, e perguntou-lhes se elles pensavam que o antigo leaõ estava morto; mas porfim pedio-lhes que se demorassem mais uma semana com elle, e que depois podiam partir. Os Generaes acceitaram estas condiçoens, de que informaram os seus soldados, os quaes marcavam os dias com lapis nos seus czakos. Nas vizinhanças de Frankfort cada um produzio os seus 7 riscos, e partiram para os Alliados, em numero perto de 3.000, de 100.000 que dantes eram.

CASSEL, 31 D'OUTUBRO.—O Moninor Westphaliano, que presentemente apparece em differente traje (por ser inteiramente Alemaõ), contem muitas materias notaveis. Nos começaremos por citar o seguinte agradável artigo, que he de muita consequencia:—

O estrondo da artilheria, e os repiques de todos os sinos, annunciaram-nos hontem pela manhaã a chegada de S. A. S. o Principe Eleitoral de Hesse. S. A. acaba actualmente de chegar aqui ás 2 horas, no meio das alegres aclamaçoens de um immenso concurso de povo. Paizanos a cavallo, cavalhadas de quinteiros, e caçadores, junctamente com o total das Guardas Nacionaes, levando adiante as suas antigas bandeiras, puxavam a procissão em columnas cerradas do meio das quaes resoavam, em altos tons hymnos ao Senhor dos exercitos. Seguiam-se logo bandos de raparigas que semeavam o chaõ de flores. De todas as janellas grinaldas, e ramalhetes eram entornadas sobre o Principe, o qual, acompanhado por uma divisaõ de caçadores montados, mal podia desenlear-se dos impetuosos transportes da contente plebe, que levada dos ternos sentimentos que lhe inspirava o recobrar suas propriedades, se apinhava em roda deste penhor della, que tanto amavam. Todos queriam vello, queriam fallar-lhe, e pelos braços, e pela garganta abriam caminho aos sentimentos que com irresistivel força occupavam todos os coraçõens. Com sentimentos não menos profundos correspondia o Principe a estas demonstraçoens

dos fiéis corações Alemaens. As Guardas Nacionaes, e os cidadaons de todas as condiçoens, e religioens, a pé, e a cavallo, formavam, de mistura, o fecho da procissaõ. S. A. S. ao apear-se, tomou o seu quartel na Hospedaria da Casa Vermelha, aonde os caçadores tiveram a honra de fazer a guarda á S. A. S. A noite houve um baille na Casa da Opera, que foi honrado pela presença de S. A. S. o Principe Eleitoral de Hesse, e tambem pela do General Imperial Russiano, e Commandante-em-Chefe, o Conde de St. Priest, e pela de todos os Generaes Imperiaes Russianos, e Officiaes do Estado-maior, que se achavam nesta cidade. Toda a cidade foi superbamente illuminada, e o espectáculo da unica verdadeira expressaõ daquelles delicados sentimentos nacionaes, que nenhuma suggestaõ estrangeira pode produzir, senaõ procede de uma inteira satisfacçaõ de affeioados e confidentes animos, faz este dia feliz, e ao mesmo tempo um dos mais interessantes e memoraveis, que nunca se vio em a nossa cidade.

O Conde de St. Priest tinha entrado nesta cidade no dia 29 do corrente, á frente do 8º. corpo, e para ella a presença certa da sua futura tranquillidade. A chegada do Principe Hereditario de Suecia está annunciada para ser no decurso de poucos dias. A sua vanguarda ja está em Cappel.

Sendo o valor do rublo Russiano fixado a 25 por cento, os habitantes de Westphalia devem receber este papel moeda pelo mesmo valor porque corre na Prussia e na Saxonia.

O Monitor de 27, contem o que se segue:—

Imperioas circumstancias obrigaram S. M. a partir desta cidade.— Ainda que S. M. deixa os seus fiéis vassallos pelo presente, confia, entretanto, que elles haõ de continuar a comportar-se com a mesma resignaçãõ e tranquillidade porque elles sempre se tem feito tam distinctos.

Os Ministros do Conselho de S. M.

(Assignados) Conde WOLFRADT, Ministro da Justiça.
 Conde HONE.
 Conde MARIENRODT.
 MALCHUS, Ministro das Finanças, e (pro tempore) Ministro dos Negocios do Interior.

Cassél, 23 d'Outubro.

PORTUGAL.

Estado da Organizaçaõ do Exercito em Campanha em o 1º. de Novembro, de 1813.

2ª DIVISAõ, Tenente-general Sir Rowland Hill.

5ª. Brigada, brigadeiro Carlos Ashworth.—

Regimento de Infanteria, N.º. 6.—Tenente-coronel Maxwel Grant.

Regimento de Infanteria, N.º. 18.—Major Mathias José de Sousa.

Batalhaõ de Caçadores, N.º. 6, —Tenente-coronel Pedro Fearon.

DIVISAõ PORTUGUEZA, a qual anda sempre annexa á 2ª. Tenente-general Joaõ Hamilton.

2ª. Brigada, Brigadeiro Joaõ Buchan.

Regimento de Infanteria, N.º. 2,—Tenente-coronel Joaõ Gomersall.

Regimento de Infanteria, N.º. 14,—Maj. Jacinto Alexandre Travassos.

4^a. Brigada, Brigadeiro Archibaldo Campbell.
 Regimento de Infantaria, N.º 4,—Major Henrique Grove.
 Regimento de Infantaria, N.º 10,—Coronel Luis Maria de Sousa Vahia.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 10,—Capitaõ graduado em Major Francisco Antonio Pamplona.

3^a. DIVISAÕ, *Tenente-general Thomas Picton.*

8^a. Brigada, Marechal de Campo Power.
 Regimento de Infantaria, N.º 9,—Coronel Carlos Sutton.
 Regimento de Infantaria, N.º 21,—Coronel Joaõ Telles de Menezes.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 11,—Tenente-coronel Durzback.

4^a. DIVISAÕ, *Tenente-general Jorge Lawrey Cole.*

9^a. Brigada, Coronel José de Vasconcellos.
 Regimento de Infantaria, N.º 11,—Tenente-cor. Alexandre Andreson.
 Regimento de Infantaria, N.º 22,—Tenente-coronel Diogo Miller.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 7,—Major Joaõ Scott Lille.

5^a. DIVISAÕ, *Tenente-general James Leith.*

3^a. Brigada, Coronel Luis do Rego Barreto.
 Regimento de Infantaria, N.º 3,—Coronel Miguel Mac Creagh.
 Regimento de Infantaria, N.º 15,—Major Archibald Campbell.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 8,—Capitaõ Joaquim Antonio Doarte.

6^a. DIVISAÕ, *Tenente-general W. H. Clinton.*

7^a. Brigada, Coronel Joaõ Douglas.
 Regimento de Infantaria, N.º 8,—Cap. Antonio Venceslaõ Santo Clara.
 Regimento de Infantaria, N.º 12,—Tenente-coronel Guilherme Beaty.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 9,—Tenente-coronel Jorge Brown.

7^a. DIVISAÕ, *Marechal de Campo Carlos Frederico Le Cor.*

6^a. Brigada, Coronel Joaõ Doyle.
 Regimento de Infantaria, N.º 7,—Ten.-cor. Francisco Xavier Calheiros.
 Regimento de Infantaria, N.º 19,—Ten.-col. Francisco José da Costa do Amaral.

Batalhaõ de Caçadores, N.º 2,—Tenente-coronel G. H. Zachelke,
 DIVISAÕ LIGEIRA, Major-general Baraõ d'Almeida.

Regimento de Infantaria, N.º 17,—Tenente-coronel Joaõ Rolt.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 1,—Maj. Ant. Lobo Teixeira de Barros.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 3,—Ten.-cor. Manoel Pinto da Silveira.

N. B. Estas 2 Brigadas não estão annexas a Divisaõ.

1^a. Brigada, Brigadeiro Wilson.

Regimento de Infantaria, N.º 1,—Major Guilherme O'Hara.
 Regimento de Infantaria, N.º 16,—Coronel Francisco Homem de Magalães Pizarro.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 4,—Tenente-coronel E. H. Williams.

10ª. Brigada, Marechal de Campo Thomas Bradford.
 Regimento de Infantaria, N.º 13,—Ten.-cor. Joaõ Carlos de Saldanha.
 Regimento de Infantaria, N.º 24,—Coronel Guilherme Mac Bean.
 Batalhaõ de Caçadores, N.º 5,—Tenente-coronel Thomas St. Clair.

Major-general H. Fane.
 Regimento de Cavallaria, N.º 4,—Coronel Joaõ Campbell.
 Coronel Visconde de Barbacena.
 Regimento de Cavallaria, N.º 1,—Tenente-coronel Henrique Watson.
 Regimento de Cavallaria, N.º 6,—Tenente-corenel Ricardo Diggens,
 Regimento de Cavallaria, N.º 11,—Tenente-coronel Martinho Correa
 de Moraes e Castro.
 Regimento de Cavallaria, N.º 12,—Tenente-cor. Antonio Carlos Carri.

Andaõ anexas à Divisaõ Portugueza.

Commandante-geral o Tenente-coronel de Regimento de Artilheria, N.º 3, Alexandre Tulloh.
 Brigada de Artilheria de Calibre 9, guarnecida pelo Regimento, N.º 2 Commandada pelo Capitaõ do Regimento de Artilheria, N.º 3. Carlos Michell.
 Brigada de Artilheria de Calibre 6, guarnecida pelo Regimento, N.º 1 Commandada pela Capitaõ graduado em Major do mesmo Regimento de Artilheria N.º 3, Joaõ da Cunha Preto.
 Brigada de Artilheria de Calibre 9, guarnecida pelo Regimento, N.º 1, Commandada pelo Capitaõ graduado em Major do mesmo Reg. de Artilheria N.º 3, Sebastiaõ José de Arriaga

N. B. Ha uma Brigada de Artilheria do Regimento N.º 1, commandada pelo Capitaõ do mesmo Regimento Pedro Rozierres, a qual naõ tem bocas de fogo.

MANOEL DE BRITO MOZINHO, Ajudante general.
 Quartel-general de Errazu, 1.º de Novembro, de 1813.

DECRETO.

Tendo consideraçã á capacidade, e prestimo de Antonio Moreira Dias : Hey por por bem fazer-lhe mercê do emprego de Administrador do Terreiro Publico da cidade de Lisboa, ficando sem effeito a que teve Francisco Monteiro Pinto, por Decreto de 24 de Julho, de 1811, que por justos motivos, que me fõram presenteo sou servido revogar. O Conde de Peniche Inspector Geral do Terreiro Publico o tenha assim entendido, e o faça executar. Palacio do Rio-de-Janeiro, em 29 de Julho, 1813.

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

BRAZIL.

No Rio-de-Janeiro se imprime um Jornal, cujo titulo he "O Patriota;" e com o do mez de Agosto viêram ter-nos á mão algumas traducçoens impressas no Brazil; e en re outras a Henriada de Voltaire.

Ha dez annos, estando a Corte em Lisboa, que ninguem se atreveria a dar a um Jornal o nome de Patriota; e a Henriada de Voltaire entrava no numero dos livros que se não podiam ler sem correr o risco de passar por atheo, pelo menos por Jacobino. E temos agora que em taõ curto espaço ja se assenta, que o povo do Brazil pode lêr a Henriada de Voltaire; e pode ter um jornal com o titulo de Patriota, termo que estava proscripto, como um dos que tinbam o cunho revolucionario. Por mais insignificante que pareça a circumstaucia de se deixar correr um jornal com o nome de Patriota, ou permittir-se uma traducçaõ da Henriada; nos julgamos isto materia de importancia; porque he seguro indicio, de que o terror inspirado pela revoluçaõ Franceza, que fazia desattender a toda a proposiçaõ de reformas, principia a abater-se, e ja se não olha para as ideas de melhora-mento das instituiçoens publicas, como tendentes á anarchia, em vez de servirem á firmeza do Governo.

Rarissimas vezes as grandes mudanças nacionaes saõ o resultado de conspiraçõens; procedem ellas sempre de causas profundas, e extensas, na estructura e estado da Sociedade; donde resulta a necessaria combinaçaõ de individuos, que parecem ser os authores, quando na realidade não saõ senão os instrumentos da revoluçaõ, que sahe á luz em virtude das circumstancias.

Nestes termos quanto mais se expuzerem os males do Estado, mais facilmente se lhe providenciará o remedio, e mais directamente se destroem as causas originacs das grandes commoçoens publicas.

Por uma perversaõ insensata, durante a revoluçaõ Franceza, se attribuiu á palavra Patriota, o mesmo sentido de Revolucionista, ou monarchomaco, e com este phantasma se punham os povos em opposiçaõ com os governos, fazendo os Godoyannos entaõ os seus interesses nas aguas en-voltas. A palavra Patriota significa, o bom cidadão, o amante de sua patria; e por consequencia o defensor do Governo, e das instituiçoens do paiz. Vemos pois com muito prazer, neste annuncio do Rio-de-Janeiro, que esta honrada denominaçaõ, começa a surgir do opprobio em que se achava.

O exemplo da Henriada, se póde extender a muitos outros livros, que não prohibidos, pelo temor de que produzam opinioens erradas, no povo. A nossa opiniaõ he, que a revoluçaõ Franceza produzio os escriptos que em muitos paizes da Europa, principalmente em Portugal, tem sido prohibidos; como se fossem causadores da revoluçaõ; nós dizemos que esta foi quem produzio taes escriptos, e não os escriptos a revoluçaõ. Nenhum

escriptos se publicaram em Portugal, que fossem os precursores ou motores da revolução de 1649: muitos appareceram depois: as causas daquella revolução fôram as oppressões e máo governo dos Felipes, que occasionáram a combinaçãõ de circumstancias, que serviram de estimulo aos conjurados, e apoz elles a todo o povo de Portugal. Os escriptos illuminam tanto o povo como o governo. Se expoem abusos, que na realidade existem; o governo não tem mais que remediallos para alcançar a approvaçãõ e a confiança da naçãõ. Se os abusos não existem, como em taes escriptos se pôde dizer o que não he verdade, facilmente se responde a elles, e o povo em geral não acreditará o que he falso, quando se lhe apresenta em comparaçãõ com o que he verdadeiro.

ESTADOS UNIDOS.

O committé do Congresso, a quem se referio a parte da mensagem do Presidente, relativa a guerra, apresentou uma volumosa collecçãõ de documentos, para justificar as queixas, que tem contra a Inglaterra. Estes documentos fôram divididos nas seguintes classes. 1. Máo tractamento dos prisioneiros Americanos. 2. Detençaõ dos marinheiros Americanos, como vassallos Britannicos, debaixo do pretexto de terem nascido em territorio Britannico, ou de naturalizaçãõ. 3. Detençaõ dos marinheiros como prisioneiros, por se acharem em Inglaterra quando se declarou a guerra. 4. Serviço forçado dos marinheiros Americanos, prezos para bordo dos navios de guerra Inglezes. 5. Violaçãõ das bandeiras parlamentarias e de tregoa. 6. Resgate dos prisioneiros Americanos, que recebem os selvagens, que estão ao serviço de Inglaterra. 7. Roubo, e destruiçãõ da propriedade particular na bahia de Chesapeake e paiz vizinho. 8. Matança dos prisioneiros Americanos (que se rendêram aos officiaes da Gram Bretanha) practicada pelos selvagens empregados no serviço Inglez: abandonando aos selvagens os cadaveres dos prisioneiros Americanos mortos pelos Inglezes, &c. 9. Crueldades commettidas em Hampton na Virginia.

Por occasiaõ deste relatorio se repettem os argumentos contra os procedimentos de Inglaterra, que se acham publicos, em varios documentos. Este negocio da America parece interminavel: porque os Americanos não cessam de representar ao mundo o que dizem ser o seu direito; e não apresentam forças nem de mar nem de terra, com que obriguem a Inglaterra a ceder, do que os Inglezes chamam justo, e os Americanos injusto. No Canada tiveram os Inglezes ultimamente algumas victorias, mas em successos mui insignificantes; porque nenhuma das Potencias tem forças assaz consideraveis, para decidir a contenda.

HESPAÑIA.

As Cortes Ordinarias de Hespanha foram inauguradas aos 25 de Setembro: O Senhor Ledesma, da Estremadura foi escolhido Presidente: Go-
VOL. XI. No. 67. 6 c

mez Herrera, de Cuba, Vice Presidência: Feliu, do Peru, 1.º Secretario: Zamalacarregui, de Guipuscoa, 2.º Secretario: Acosta, de Cuba, 3.º Secretario: e Dias, de Granada, 4.º Secretario. As Cortes encerráram a sua sessão na Isla de Leon aos 29 de Novembro; e deverã ajunctar-se em Madrid no 1.º de Janeiro, 1814.

A Regencia deveria começar a sua jornada para Madrid, pelo meado de Dezembro.

FRANÇA.

A falla de Napoleã ao corpo Legislativo no dia 19 de Dezembro, que publicamos a p.—expõem a presente situação da França com maior clareza do que podia esperar-se. Confessa Bonaparte as derrotas, que tem soffrido, o desamparo dos Alliados; a actual invasão do territorio Francez; a falta de dinheiro; e a precisaõ de um exercito numeroso.

Parece-nos, que ha um meio seguro de avaliar as pêrdas dos Francezes, pelo calculo que resulta dos seus recrutamentos. Em Setembro de 1812, se determinou uma conscripção de 137.000 homens (veja-se o *Córr. Braz. Vol. IX. p. 580.*) Em 11 de Janeiro de 1813; se decretou a leva de 350.000 homens; (*Corr. Braz. vol. X. p. 64.*) Em Agosto de 1813; se determinou outra leva de 30.000 homens; (*Corr. Braz. vol. XI. p. 361*) e agora, se determina a leva de 350.000 homens, fazendo isto um total, no espaço de 14 mezes, de 867.000 homens; alem dos chamados voluntarios, e gens d'armes.

Enorme como ésta multidaõ de gente parece, ainda assim naõ he a perca dos soldados somente quem produz as difficuldades, em que se acha o Governo Francez. Os fardamentos, muniçoens, equipages, carros, cavallos, &c. &c. &c., que he necessario para por em campanha 867.000 homens he materia de grande momento.

Bonaparte falla da paz, e dá a entender com a maior ambiguidade possível, que tem ajustado, ou concordado em preliminares de paz. Ao depois consideraremos este ponto, quando tractarmos dos alliados; por agora notaremos, que as expressoens de Napoleã saõ taõ vagas, que se naõ podem entender em outro sentido senã o de entreter os Francezes, em quanto estes lhe daõ a gente, e o dinheiro, que lhe saõ necessarios: antes da batalha de Leipsic se fizéram proposiçoens a Bonaparte, que elle naõ quiz aceitar; naõ he natural, que os Alliados depois de batalha de Leipsic, e acontecimentos subsequentes, mitigassem as suas pretensoens.

Bonaparte se mostrou sempre inimigo da divida publica, e systema de empréstimos para occorrer ás despezas do Estado; e o mais forte argumento de suas predicçoens sobre a ruina de Inglaterra, he a divida publica Ingleza. No entanto este mesmo Napoleã recorre agora a empréstimos, e se contenta com fallar mal do papel moeda.

A França tem perdido debaixo do governo de Bonaparte, colonias que tinha formado durante seus antigos reys; e conquistas, que tinha adquirido

no tempo mesmo de sua anarchia Republicana. A marinha está destruida ; o commercio externo limitado ao ramo das piraterias de corsarios ; a população diminuida, e os recursos publicos enfraquecidos com as repetidas perdas de homens, de dinheiro, de cavallo, de artilheria, e de tudo o que na fraze Franceza se chama o material do exercito. Bonaparte em sua falla ao corpo Legislativo exige mais sacrificios. ¿ Para que fim saõ estes sacrificios dos Francezes ? Para sustentar no throno da França uma dynastia nova, e satisfazer a ambição de um individuo, que, tendo sido nomeado consul, assumio o titulo, e o poder de Imperador, e de despota.

Bonaparte conservou os Francezes em total ignorancia de seus desastres, até que os Alliados vieram dentro da França contar os successos de suas victorias. Bonaparte continúa a chamar-se Protector da Confederação do Rheno : confederação que ja não existe ; igualmente se intitula Mediador da Confederação Suissa, quando ésta se declara neutral ; que he o mesmo que sacudir as ligaçoens que tem com o Mediador.

Deste esboço do estado interno da França he impossivel não concluir, que o poder de Bonaparte está tão abalado, que se os Alliados forem fieis a seus interesses he impossivel que as couzas continuem em França como se acham agora.

ALLIANÇA CONTRA A FRANÇA.

A assersão de Bonaparte no corpo Legislativo, de que se tinha cingido aos preliminares de paz, que lhe propuzeram os Alliados : a nomeação de Lord Castlereigh, Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros em Inglaterra, para ir ter ao Continente : e finalmente os rumores que correm de que actualmente se tracta em Frankfort do arranjo de uma paz geral ; daõ occasião a examinar-mos a situação relativa dos Alliados para com os Francezes ; ja pelo que respeita á guerra ; ja pelo que pertence á paz.

No principio deste anno, se achava Napoleão em Paris, como se acha agora fallando ao seu Senado ; depois de ter sido derrotado em Russia, e perdido a alliança de Prussia. Em Fevereiro nomeou a Régencia, e voltou em 15 de Abril para o exercito ; estabelecendo o seu quartel-general em Dresden, e a linha principal de defensa ao longo do Elbe. Ainda a este tempo conservávam os Francezes importantes praças, e largo terreno da parte direita do Elbe, e na linha do Oder. Desde então, os exercitos Francezes pelejaram sempre em retirada ; principalmente desde que o Principe da Corôa, começou a marchar com seu exercito para cooperar effectivamente com os Alliados ; e datou o seu Bulletin I, de Oranienburg aos 13 de Agosto.

O exercito Francez perdeu a batalha de Luneburgo, em Março ; e em Mayo tinham evacuado Berlin ; e em Junho ao mesmo tempo que se man-

daram cantar Te Deums em França, os Francezes tinham sido derrotados em Lukau, pelo General Bulow.

A' proporção, que as tropas alliadas se adiantavam, as Francezas se concentravam para juncto do seu gran quartel-general em Dresden, e não tendo produzido effeito as negociaçoens que se começaram em Praga, se rompeo, por intimação feita aos 8 de Agosto o Armisticio que tinha começado em 4 de Junho. Aos 11 se declarou a Austria contra a França; e desde então se conheceo que a intenção dos Alliados éra rodear os Francezes em Dresden. Esta cidade resistio ao primeiro ataque; e depois houveram muitas accoens em torno deste lugar, ja nos desfiladeiros que dividem a Saxonia da Bohemia, ja na Silezia em frente de Dresden, ja na esquerda da linha Franceza, no Elbe, que foi rodeada pelo Principe da Coroa, o qual se dirigio a Leipsic por este lado; em quanto os Austriacos, Russianos, e Prussianos marcháram ao mesmo ponto pela direita do inimigo, e lhe cortáram a communicação com a França.

Temos não menos authoridade do que a do Principe da Coroa de Suecia, para accusar a Bonaparte nesta occasião de falta de generalato; porque tanto se demorou em Dresden, que se atrazou quatro marchas do seu inimigo; deixou-se cercar pela retaguarda, e quando quiz romper a linha, para abrir caminho á sua retirada, achou-se com um poderoso exercito contra, aquem cedeo o terreno perdendo com a cidade de Leipsic, uma das mais importantes batalhas que se tem pelejado durante estes 20 annos de guerra.

Desde esse momento, em que se pôde dizer que Bonaparte so salvou do exercito a sua pessoa, não houve mais do que uma precipitada fugida da parte dos Francezes; e uma marcha não interrompida da parte dos Alliados, quechegáram até Frankfort, passando o theatro da guerra do Oder e Elbe, aonde se achava no principio do anno, para as margens do Rheno, e até mandado partidas para dentro dos limites da França antiga.

A estes successos se deve ajunctar a revolução da Hollanda, que havendo expulsado os Francezes de suas principaes cidades, nos Paizes Baixos, será a França obrigada a pôr em estado de defeza as praças fortes do Brabante.

Na Peninsula tem os successos sido igualmente favoraveis aos Alliados, posto que as operaçoens sejam em ponto mais pequeno.

No principio deste anno se achava o quartel-general de Lord Wellington em Freineda, donde se mudou aos 22 de Mayo, em seguimento dos Francezes, que se retiráram pelas estradas que vão ter a Madrid, e dali á França. A marcha foi tão rapida, que os Alliados atravessáram toda a Hespanha em quatro mezes, passando o Bidassoa, e entrando em França aos 7 d'Outubro; e achando-se hoje cercando Bayonna, e de posse de S. Jean de Luz, aonde esta o quartel-general de Lord Wellington. Esta avançada dos Alliados e retirada dos Francezes, não se fez sem renhidas contendas, e batalhas importantes; entre outras foi a de Vittoria, aos 19 de Junho; em que os Francezes commandados por Jozé Bonaparte, e pelo Marechal Jourdan, foram completamente derrotados.

Quanto á paz, ou negociaçoens para uma pacificação geral; a que Bonaparte allude em sua falla ao Senado; julgamos que este acontecimento está ainda mui distante. A p. 494 deste volume, achará o Leytor as pro-

posições de Austria, para a paz, ao tempo do Armistício e negociações de Praga; assim como o contra-projecto dos Francezes. Algumas das cousas, que então pedio a Austria, estão já conseguidas, sem que fosse necessario a concurrencia da vontade de Napoleão; tal he a dissolução da Confederação do Rheno, porém Bonaparte ainda não tem convidado em termos, que satisfizessem aos principaes Alliados.

Nos temos razão para crêr, que Bonaparte depois da derrota de Leipzig, e do levantamento de Hollanda, conveio em consentir na independencia da Hespanha, da Hollanda, e da Alemanha: isto he, concorda em dar aquillo de que os Alliados já estão de posse, e recusa largar cousa alguma, que tenha ainda a probabilidade de poder defender. A este respeito he importante observar; que a unica Potencia d'entre os Alliados, de cuja sinceridade se poderia duvidar, pelas suas ligações de familia com Bonaparte; he felizmente aquella, que tem mais interesse em obrigar o Governo Francez a largar, ao menos parte de suas possessões alem dos Alpes; e sobre isto se fizeram já proposições distinctas á França, ao que Bonaparte respondeo com outro contra-projecto, offerecendo reuunciar a Coroa de Italia em Beauharnois, dar á Astria o territorio de Veneza, Napoles a Murat, os Estados Ecclesiasticos ao Papa, e conservar para si a Toscana, Genova, Parma, Placencia, Piemont, Savoia, e o Valais. Daqui se vé a impossibilidade de concluir o arranramento das bases da pacificação; porque os Alliados não podem nunca consentir de bom grado, em que Bonaparte fique de posse de paizes, que lhe dão a entrada livre em toda a Italia, e portanto, que só no nome deixa de ficar debaixo de sua influencia.

A declaração dos Alliados, publicada em Frankfort no 1.º de Dezembro, não somente estabelece que os Alliados fazem a guerra sem motivos de ambição, e unicamente para obterem uma paz, que lhes afiance a posse pacifica de seus Estados; mas tambem declara, que os Alliados consentirão em conceder á França maior extensão de territorio do que ja mais gozou aquella nação, durante o governo de seus antigos reys.

O mundo politico se tem dividido em opiniões diferentes, a respeito do merecimento daquella Declaração dos Alliados: uns julgam esta producção tão contraria aos interesses dos Alliados; que a não suppoem sequer um papel authenticico: outros julgam, que a Declaração não foi feita com a concurrencia de todos os Alliados, e especificamente que foi contra a vontade do Principe da Corôa de Suecia; e que a influencia, e vista da Austria tiveram a principal parte naquella medida; outros em fim assentam, que a Declaração he cheia da moderação que convem, conforme ás vistas dos Alliados; e mui adaptada a seus interesses.

Quanto á sua authenticidade, he indubitavel, vista a explicação que os Ministros Inglezes deram ao Parlamento. Mas pelo que respeita á concurrencia de todas as Potencias Alliadas, parece que, pelo menos a Inglaterra não consintio nisso; porque a resposta que os Ministros Inglezes deram as perguntas que sobre esta materia lhe fizeram alguns membros do Parlamento, consistio meramente nisto; "que os Alliados fizeram aquella declaração, plenamente informados das vistas do Governo Britannico." Aqui pois se não diz, que houvera o consentimento, nem a concurrencia

da Inglaterra; e porque os Ministros recusáram dar explicações mais claras, se concluiu geralmente, que não tinha havido tal concorrência da parte de Inglaterra.

Considerando agora o merecimento da Declaração; ou até que ponto convem com os interesses da Europa; não ha duvida, que todo aquelle papel he concebido em termos de moderação, que muito convem aos principios, que os Alliados protestam terem adoptado, para sua guia, nesta guerra contra a França; e pacificação a que se propõem; e por mais que se possa dizer contra o character de Bouaparte, todos os homens moderados são de accordo, que as Potencias Alliadas não tem direito de prescrever á França a forma de Governo, que deverá ter, nem a pessoa, que a deve governar. Se os Francezes querem antes ser governados por um monstro, que tem introduzido naquelle paiz o mais ilimitado despotismo militar, regeitando a familia dos Bourbons, que he a linha de seus legitimos Soberanos; as Naçoens estrangeiras poderaõ lamentar a cegueira dos Francezes. mas seguramente não tem direito de lhe dictar a ley a este respeito. Até aqui os termos geraes da Declaração dos Alliados, merecem o nome de moderação; porém quando se diz, que os Alliados, concederaõ á França mais territorio do que ella possuia em tempo de seus reys, convem considerar, até que ponto semelhante concessão vai de accordo com os interesses dos outros Estados da Europa, e com as seguranças de paz inalteravel; e tranquillidade interna e externa; que as Potencias Alliadas se propoem alcançar por meio desta guerra.

Para bem entendermos esta questãõ consideraremos os territorios Francezes, como, e quando foram adquiridos.

No tempo de Luiz XIV. e pelo tractado de Westphalia adquirio a França a Alsacia; no tractado de Aix-la-Chapelle ficou com os Paizes Baixos Francezes, ou Flandres; pelo tractado de Nimeguen se lhe cedêram varias fortalezas dos Paizes Baixos Austriacos, o Franche Conté, Strasburgo, e outras cidades.

A acquisição dos mais territorios, que a França tem feito depois da sua revolução, não entram, segundo parece, no sentido daquella Declaração dos Alliados: e com effeito nem as cessões da Austria, no tractado de Campo Formio em 1797; nem os limites do tractado de Luneville, com Austria e Russia; nem o tractado de Amiens, em 1802; e muito menos as acquisições feitas posteriormente áquella tractado, depois da declaração da guerra actual com a Inglaterra, são por forma alguma compatíveis com uma paz, que assegure a tranquillidade da Europa.

Portanto considerando este manifesto dos Alliados relativamente aos antigos limites da França, he para o tractado de Utrecht que devemos olhar; e parece, que as expressões da Declaração datada de Frankfort, ainda permittem aos Francezes esperar mais do que elles tiveram confirmado em Utrecht.

No entanto aquelle tractado foi considerado taõ pernicioso á Inglaterra, que o Negociador Inglez (Lord Bolingbroke) foi accusado e processado no Parlamento por esse facto. O mesmo Bolingbroke, um dos melhores politicos de seu tempo não negou as más consequencias daquelle tractado, que desarranjava o equilibrio da Europa, dando á França mais poder do

que convinha; e limitou a defesa de suas medidas, a expôr a impossibilidade de vencer os obstaculos, que oppunkam as mesmas naçoens, que eram interessadas em acautelar o demasiado crescimento da França.

A queixa principal contra as estipulaçoens daquelle tractado, pelo que respeita a França, funda-se na acquisição de fortalezas, e de territorios, que deixando a França em plena segurança, lhe abríam as fronteiras da Alemanha. Presentemente falla-se do Rheno, como dos limites naturaes da França; mas este rio não forma uma barreira assas forte de per si, na margem direita não tem a Alemanha sufficiente numero de cidades fortificadas, que obstem efficazmente a invazaõ dos Francezes; e na margem esquerda possui a França actualmente tres linhas de cidades fortificadas.

Não he de menos importancia, a consideração dos limites da França da parte da Hollanda; principalmente havendo o Principe de Orange assumido o titulo de Soberano dos Paizes Baixos. Não está ainda explicado os direitos ou pretensões que este titulo comprehende; mas se os Alliados consentiram na creação daquelle denominação e dignidade, saõ obrigados a cuidar no estabelecimento das fronteiras da França por esta parte; tanto mais, que as innumeraveis fortalezas, que os Francezes possuem nos Paizes Baixos, os fazem temiveis como vizinhos.

Quanto ás possessões Francezas na Italia, sómente a pura necessidade obrigará os Alliados a deixallas aos Francezes. As colonias da França, que a Inglaterra possui, poderaõ ser restituídas, ao menos em parte, sem inconveniente consideravel: mas aqui vem outra vez a consideração da compensação que se ha de offerecer á Inglaterra por estas colonias que restituir, ou pelas despezas, e prejuizos que tem incorrido na guerra; que se os Alliados concordam em que tenha sido injusta da parte da França, he necessario que ésta se obrigue a reparar os damnos que tem causado.

INGLATERRA.

O Parlamento adiou as suas sessoens até Março, proximo futuro: medida que causou algum debate; porque alguns membros queriam, que a sessão ou continuasse por mais tempo, ou tornasse a começar antes daquelle epocha.

Em consequencia da independencia da Hollanda, o Governo Britannico levantou o bloqueio daquelle paiz, e permittio o commercio entre as duas Naçoens; a notificação, que se fez aos Ministros Estrangeiros residentes em Londres sobre este assumpto, appareceu na Gazeta da Corte de 11 de Dezembro.

Por uma igual communição official, se declarou, na mesma data, que as costas do mar Adriatico, entre Trieste, e a extremidade Meredional da Dalmacia, estavam livres da dominação Franceza; e por tanto se tinha levantado o bloqueio que faziam ali as forças navaes Britannicas.

A novidade mais importante da Inglaterra, he a partida de Lord Castle-reegh, Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, para o continente. Aquelle ministro sahio de Londres aos 27 do corrente, e pela circumstancia de levar com sigo sua mulher e familia, se julga que terá demora a sua

missão. Os fins desta viagem, são por hora secretos; mas he facil de conjecturar, que elle se destina a ser o Negociador pela parte de Inglaterra no Congresso das Potencias Belligerantes, que segundo as noticias tractam de fazer a paz.

Esta medida he de absoluta necessidade da parte do Governo Inglez, quer a paz seja, quer não, provavel. Segundo a falla do Orador do Governo em Paris, os Alliados recusaram fazer um armistício, durante as negociações; donde se segue que os successos da guerra farão variar todos dias o estado das negociações, segundo os respectivos exercitos forem mais ou menos bem succedidos, e derem mais ou menos coragem a seus Negociadores; daqui sem duvida procedeo, o adoptar o Governo Inglez o expediente de mandar ao Congresso um dos membros do Gabinete, que estando plenamente informado das vistas de seus collegas, e munido de poderes mais amplos do que talvez conviria dar a outro Embaixador, que não estivesse na mesmas circumstancias, pôde seguir com menos embaraços a marcha dos acontecimentos, sem esperar respostas de sua Corte.

EXERCITO ALLIADO DA PENINSULA.

Depois de termos este N.º. na imprensa, chegaram a Londres os officios de Lord Wellington, que dissiparam as duvidas sobre a natureza da victoria, que as armas Alliadas tinham alcançado. Não tendo tempo para copiar os officios por extenso; nos contentamos com transcrever aqui o Bulletin official, em que se recapitulam os acontecimentos; deixando para o N.º. futuro a integra dos officios.

“ Londres. Secretaria da Guerra 29 Dezembro. Chegou o Major Hill, com officios do Marquez de Wellington, datados de S. Jean de Luz, 14 de Dezembro.

“ Depois que o inimigo foi expulsado do Nivelles, occupou um campo entrincheirado mui forte connexo com a fortaleza de Bayonna. A divisaõ do General Paris, em S. Jean Pied de Port, e havia corpos fortes em Ville Eranche, e Mouguerre, entre o Nive e o Adour.

“ Aos 9 do corrente Lord Wellington ordenou, que a ala direita, commandada por Sir Rowland Hill, cruzasse o Nive em Cambo; e a 6.ª. divisaõ passou o mesmo rio, am Ustaritz, a fim de favorecer a primeira operação.

“ Ambos estes movimentos tiveram o mais completo bom successo. Parte da 6.ª. divisaõ se distinguio, repulsando o inimigo das alturas juncto a Ville Franche.

“ No mesmo dia, a ala esquerda, commandada por Sir Joaõ Hope, reconheceo a direita do campo entrincheirado do inimigo, e a divisaõ ligeira reconheceo ao mesmo tempo a frente que faz face a Bassussarty: foram repulsados os postos do inimigo; e os nossos voltaram para as suas respectivas posições pela noite.

“ Na manhaã de 10, todo o exercito do inimigo se moveo para fóra do seu campo, e atacou com grande furia ala esquerda commandada por Sir Joaõ Hope, e a divisaõ ligeira, sob o General Carlos Alten; mas ambos estes ataques fóram repulsados, no mais galhardo estylo, e Sir Joaõ Hope

tomou cousa de 500 prisioneiros. O impeto da acção cabio sobre a brigada Portugueza do General Campbell, duas brigadas da 5.^a divisaõ, sob o coronel Robinson e coronel Greville; e sobre o reg. 52 de infantaria ligeira. Todas as tropas se distinguiram e esta tentativa do Marechal Soult, para obrigar Lord Wellington a retirar toda a sua ala direita, lançando toda a força Franceza sobre a sua esquerda, ficou inteiramente frustrada.

“Depois da acção deste dia, passaram-se para nós do inimigo os regimentos de Nassau e Frankfort.

“Os Francezes não repetiram as suas tentativas contra a divisaõ ligeira; mas atacaram duas vezes os postos da ala esquerda (ainda que mais fracamente) no decurso dos dous dias seguintes. O inimigo foi completamente repulsado, em todas as occasioens, e as guardas de infantaria se distinguiram no ultimo ataque.

“O inimigo entaõ retirou quasi todas as suas forças da direita, e na manhã de 13 começou um ataque desesperado contra Sir R. Hill, que se tinha postado entre o Adour e o Nive.

“Lord Wellington, prevendo esta tentativa, tinha ordenado, que as divisoes 4.^a e 6.^a; e parte da 3.^a reforçassem Sir R. Hill; porém o tenente general obteve derrotar o inimigo, com immensa perca, antes que estas tropas se lhe pudessem unir.

“As brigadas do major-general Barnes (Britannica) e a do Brigadeiro-general Ashworth (Portugueza) soffrêram a parte mais ardua do conflicto e se comportáram admiravelmente.

“O inimigo, derrotado em todos os pontos, se retirou entaõ para os seus entrincheiramentos.

“Lord Wellington falla nos termos mais elevados do comportamento do Tenente-general Sir Joaõ Hope, e Sir R. Hill, nas differentes acçoens. O tenente-general Sir W. Stewart, e Major-general Howard, Barnes, Pringle, Robinson, e Byng taõ bem se mencionam com louvor.

“Os Major-generaes Barnes, Robinson, e Ashworth, acham-se entre os feridos.

“O numero total dos Inglezes e Portuguezes soldados e cabos, mortos nestas differentes acçoens he de 572; os feridos saõ 3.400.”

PORTUGAL.

A p. 831, publicamos uma provisãõ do Dezembargo do Paço do Rio-de-Janeiro, na qual se manda reprehender a Camara da cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel, pelos procedimentos que teve com o Vereador mais velho, que servia o lugar que se chama Juiz pela Ordenaçãõ.

Naõ temos nenhuma informaçãõ do facto, mais do que o indicado na provisãõ; e portanto nem podemos, nem desejamos entrar na justiça do caso. O nosso fim he notar as expressoens da provisãõ; que se fazem dignas de louvor, pelos principios, que admittem. A mesma provisãõ naõ entra nas particularidades do facto, e se limita

a dizer, que “ se havia excessos e abusos a emendar, havia tambem contra elles os remedios das leys, e recursos competentes;” e declara mais a provisãõ que “ o que se practicou sem authoridade e jurisdicçaõ, he uma usurpaçaõ formal dos supremos direitos da Soberania.”

Alegramo-nos de vêr reconhecidos, em um instrumento publico desta natureza, os principios que temos adoptado, sobre as materias de governo; pelos quaes temos combatido; e que nunca deixaremos de inculcar; em quanto continuarmos na redacçaõ deste Jornal.

As leys sãõ feitas para proteger o fraco contra o poderoso; o ouco intendido contra o mais astuto; e portanto os attentados contra os directos dos individuos sãõ tanto mais abominaveis, quanto vem em nome das authoridades constituídas, e em violaçaõ das leys. Se o Juiz pela Ordenaçãõ em Ponta Delgada commetteo erros, applicuem-se a elles os remedios das leys, por mais que elle merecesse castigos, esses castigos se tornam injustos sendo impostos sem as formalidades das leys, e por pessoas que não tem authoridade para o fazer.

Quando os infelizes deportados pela Septembrizaida de Lisboa, e que residem em S. Miguel, lessem esta provisãõ; que d'iriam dos Senhores Reverendissimos Governadores do Reyno, que os degradáram sem mais ley que a sua vontade, sem mais processo nem formalidade, do que a ordem arbitraria de prisãõ e exterminio.

Nãõ podemos admittir, que nem ainda o mesmo Soberano tenha direito de obrar despoticamente, e sem as formalidades, senãõ em casos rarissimos, e extremos; mas ja que assim querem, em nome da fortuna, ou para melhor dizer da desgraça, diga-se que o Rey tem o direito de assim obrar; accommodar-nos-hemos com isso; porque em fim diz o rifaõ, que he necessario que haja um rey que nos enforce. Alem disto, se o rey tem paixoens essas poderaõ ser nocivas só a um ou outro individuo; e quando aconteça algum caso desses deve ter-se paciencia; e considerar o bem geral; antes do que o mal de um individuo. Mas não estamos dispostos a extender a mesma indulgencia, a quanto homem máo se achar revestido com alguma jurisdicçaõ, s'êja muita, seja pouca, em nome do Monarcha. Não temos duvida em recomendar, que os homens se sujeitam ás arbitrariedades de um rey, fazendo este sacrificio áo bem cõmmum; mas dizer que todos os que possuem alguma jurisdicçaõ podem fazer o que quizerem; porque obram em nome d'El Rey, he um absurdo que não deve entrar na cabeça de ninguem.

O modo porque esta provisãõ estabelece o principio, que nós tantas vezes temos inculcado, he quasi nas mesmas palavras, que em algumas occasioens temos usado; isto he, “ que o que se practica sem authoridade e jurisdicçaõ, he uma usurpaçaõ formal dos supremos

direitos da Soberania." Donde se segue, que os empregados publicos, que obram contra as leys, longe de lhes servir de abrigo o nome do Soberano, com cuja authoridade se cobrem, segundo que-rem os Godoyanos; saõ réos de outro crime mais, alem da violencia que cauzam ao individuo particular; e he, a usurpação dos direitos Soberanos.

Quando pois a caterva de escriptores, alugados pelos Godoyanos, se lembrar de nos chamar jacobinos, desorganizadores, doidos, &c. por avançarmos estes e semelhantes principios, será bom olhar para esta provisãõ, aonde vemos sancionado com um documento publico desta natureza, o principio que inculcamos contra os Godoyanos.

Nem basta dizer-se, que os Governadores de Portugal naõ fõram castigados pela atrocidade das deportaçoes da Septembrizaida; e que assim parece que aquelle crime foi sancionado pela auctoridade suprema.

A isso repondemos, que nem todos os que o merecem vaõ á forca: uns escapam por empenhos; outros por testemunhas falsas; outros porque as circumstancias naõ saõ provadas, &c. Assim o escaparem os Govenadores do Reyno naõ prova nada contra o nosso principio, que vemos aqui authorizado neste documento; e nos regozijamos de o ver adoptado em theoria, e executado na practica. Naõ he esta a primeira vez, que temos tido a satisfacção de ver gente de grande authoridade convertida aos principios do Correio Braziliense; e esperamos que naõ sêja este o ultimo exemplo.

CONRESPONDENCIA.

Carta ao Redactor sobre o Correio Funchalense.

SENHOR REDACTOR,

A imparcialidade do seu Periodico, e o amor, que Vm^{cc}. confessa á verdade, naõ me deixa duvida que queira inserir no seu primeiro numero alguãs notas sobre a miseravel carta, com o titulo de *Correio Funchalense*, que Vm^{cc}. transcreveo a p. 167, do seu N.º 62.

Nada mais natural a espiritos superficiaes, que terem a animozidade de darem suas reflexões ao publico, sobre materias que absolutamente ignoraõ: amontoando palavras sem solidez, e sem nexo, e que apenas podem illudir cabeças extraviadas. Estimára possuir o seu picante criterio, para responder ao *Filozofa Insulano*, ainda que julgo, que quando Vm^{cc}. occupou suas paginas, com aquellas inertes reflexões, conheceo o dedo do gigante, e levou talvez em vista ridicularizar o *Filozofa* com as suas mesmas armas.

Que magoa naõ rezulta a um Portuguez, amante da sua Patria, quando observa calados seus patricios por tantos tempos sobre objectos os mais dignos, e vê que o primeiro ensaio que se dá ao Publico, he hua torpe e ridicula embrulhada, que so cauza vergonha, e aborrecimento.

Dezejára saber, ¿ que comparaçãõ encontra o *Filozofa Insulano*, entre a Madeira, e a *Arca de Noe*? ¿ Que coherencia na variedade de Lingoa, quando huã só familia occupava o todo da Arca, devendo deduzir-se que fosse entre elles huã só linguagem? ¿ Como compára, *Confusaõ, mau Governo, e injustica*, com a porçãõ escolhida para restabelecer a organizaçãõ do Mundo? O Colosso de noticias a que se propoem o *Filozofa*, sobre o nosso mui interessante paiz, começa por esta Piramide Conica com o vertice por baze! Portanto farei minhas reflexões, sempre pronto a desdizer-me, se outras com bom senso, e melhores razões, destruirẽ meus principios, convencendo-me que me enganei.

Nada provoca tanto o nosso *Filozofa*, como 480.000 R^l. *palha e sevada*; a cada um dos Inspectores Gerães da Agricultura. Estou certo que se calára se S. A. R. lhe dèsse a tal *palha e sevada*, que lhe occupasse os dentes, dando-lhe descanso á lingua, que só procura espalhar venenos que pelo-raõ tudo.

Naõ pretendo dizer que os Inspectores, sejaõ de profundos conhecimentos, em todos os ramos, que precisa um lugar de tanta consideraçãõ; porẽm seguro que saõ homens benemeritos e honrados entre aquelles, de que se podia lançar maõ, quando o Governo de Portugal, quiz informar-se dos productos naturaes desta Colonia, huã das mais interessantes que tem a corõa. Foraõ portanto empregados, (em 1794 ou 1795) por Ordem de S. M. a Rainha N.ª S.ª sendo Governador da Madeira D. Diogo Pereira Forjaz; e dezempenhãram seus deveres com approvaçãõ do Governador, e do Ministerio.

Suas reflexões sobre o Melhoramento da Agricultura, Estradas Mattas,

e encanamentos de Agoas, dirigidas ao Governo de Portugal, foi origem da creação dos lugares de Inspectores Geraes da Agricultura, em 1800; e não admira que aquelles homens fossem nomeados, quando já tinhaõ servido o Estado, em objectos bem analogos; tendo neste novo Emprego, o mesmo Ordenado, que percebiaõ desde 1794. Portanto *Sñr. Filozofa*, não foi pura *merce*.

D. Jozé Manoel da Camara, que merece elogios ao nosso *Filozofa*, foi o mesmo que veio crear em 1800 estes Empregos: foi elle que promoveo bastante, começando estradas, projectando levadas que tudo dirigiãõ os mesmos Inspectores. Porém logo depois, começaraõ a paralisar-se estes interessantes trabalhos, quando apenas começados, por causas que não me cabe agora produzir.

O memoravel Governo de Pedro Fagundes, por seis desgraçados annos, cauzou a aniquilação de tudo! Este Governador, bem conhecido pela famosa entrega da Ilha da Madeira em Dezembro, de 1807, não só estorvou quanto pertenderaõ os Inspectores, mas até tomou sobre si, remetter para as despezas da Guerra em Portugal, o *Donativo Voluntario* que os povos desta Ilha tinham dado, para as privativas despezas do melhoramento de Estradas! fazendo disto um serviço para com o Soberano! Todos devem louvar a applicação: ¿ mas que authoridade teve para fazello? e que males não produzem estes procedimentos arbitrarios, ainda que sejaõ para os melhores fins! Outros fundos que o Soberano, liberalmente dotou para as despezas da Agricultura, foraõ igualmente não sei para que! ¿ Que podiaõ fazer os Inspectores? Construir estradas, e levadas, primeiras hazes da riqueza rural, não sei que possa fazer-se sem dinheiro: a menos que o nosso *Filozofa*, o tenha descoberto na sua *Aula de Historia natural, para a investigação da mineralogia, botanica, e zoologia*, (de que elle provavelmente deve ser o digno Professor,) e para que elle julga dever applicar-se aquelle dinheiro. Mas, se me permite o *Filozofa*, devia lembrar-se primeiro de estabelecer Aulas regulares de prime ras letras, e gradualmente outras (que por nossa desgraça tanto se precizaõ) e depois viria a sua *Zoologia*, por onde tambem conhecessemos a que classe elle pertence.

O sangue frio, e desprezo com que vejo olharem os Inspectores, para as reflexoens do *Insulano*, faz-me julgar que elles não querem dar-se á pena de responder-lhe: o que não louvo; mas lhes aconselhara que se justificassem, servindo-se das armas que tem para destruir suas invectivas. O novo Governador, cujo bom nome dá as melhores esperanças, dizem que conta promover os trabalhos da Agricultura; por tanto offerece um vasto campo aos Inspectores, para demonstrarem a utilidade de seus empregos, e sua aptidaõ para elles.

O artigo do *Fagundes* não me dará trabalho, pois até me cauza tedio, lembrar-me da imbecillidade, e sordida vileza daquelle vizinho de Galiza, que vergonhozamente sabio desta Ilha (por felicidade nossa) embarcando

ás quatro horas da manhã, por não atrever-se a mostrar a cara, e sem despedir-se do seu successor, como um criminoso fugitivo.

O Sñr. Ascenço de Siqueira, merece respeito aos Funchalenses, por suas boas tenções. D. Jozé Manoel da Camara, concluiria grandes couzas, se mal fundadas intrigas o não desviassem da estrada que devia seguir, e por fatalidade não destruissem seus bons projectos.

Lord Moira, foi dignamente recebido: porém as acclamações “*Viva o Heroe Inglez,*” he hua mentira tão lavada, que bem mostra o caracter do nosso *Filosofo*.

Não me pouparei a responder a todos os Correios que promette o *Redactor do Correio Funchalense*: o qual espero queira applicar o seu talento em utilidade da sua Patria, dando mão de calumnias, e cavilações.

Sou Sñr. Redactor do Correio Braziliense,

Seu Muito attento Venerador e Criado.

Septembro 30, de 1813.

FUNCHALENSE.

INDEX

DO VOLUME XI.

No. 62.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

Extractos do processo do Padre Joaõ Rodriguez Lopes na Relação Ecclesiastica, em Lisboa	p. 3
Portaria para concertar as casas arruinadas por occasião da guerra	15
Edictal da Juncta de Commercio, sobre as contribuições para o Resgate em Argel	16
<i>Brazil.</i> Carta Regia, para a venda dos bens da corôa	18
<i>Estados Unidos.</i> Mensagem do Presidente ao Congresso	19
<i>Prussia.</i> Proclamação d'El Rey	26

COMMERCIO E ARTES.

Carta ao Redactor sobre o contracto do Tabaco	28
Reposta á carte acima	30
<i>Inglaterra.</i> Resumo das contas Publicas, sobre finanças e commercio do Reyno	36
Preços correntes em Londres	39

LITTERATURA E SCIENCIAS.

<i>Inglaterra.</i> Relatorio, sobre o estabelecimento da Vaccina	40
Novas Publicações em Inglaterra	47
Noticias literarias	52
<i>Portugal.</i> Novas Publicações	54
Imitação da Ode livre de Horacio, <i>Jam satis terris &c.</i>	55

MISCELLANEA.

<i>Novidades deste mez.</i> America Hespanhola	57
--	----

<i>França.</i> Noticias officiaes do Exercito.	p. 61
Decreto, que ordena certas listas na 32. ^a divisaõ militar	63
Continuaçaõ das noticias do exercito do Norte	63
Noticias do Exercito d'Aragãõ	77
<i>Hespanha.</i> Evacuaçaõ de Madrid	87
Officio do coronel Alvares, sobre a evacuaçaõ de Castro	92
<i>Inglaterra.</i> Falla do Principe Regente ao Parlamento	94
Operaçaõ do Exercito Inglez no Canada	96
Noticias officiaes da Esquadra Ingleza, nas Costas d'America ..	98
Tomada de uma fragata Americana	102

Exercitos Aliados na Peninsula.

Officio de Lord Wellington, datado de Carvajales, 25 de Mayo	105
----- Ampudia, 6 de Junho	107
Documento annexo, em data de Morales, 2 de Junho	109
Officio de Lord Wellington, datado de Villa Diego, 13 de Junho	110
----- Subijana, 19 de Junho	112
----- Salvatierra, 22 de Junho	115
----- Irunzum, 21 de Junho	125
----- Orcoyen. 26 de Junho	126
----- Ostiz, 3 de Julho	126
Officio do General Graham, de Tolosa, 26 de Junho	130
----- Conde d'Abisbal Santa Martha, 1 de Julho	134
----- de Lord Wellington, Ostiz 3 de Julho	136
----- do General Murray, Tarragona, 9 de Junho	137
----- Abordo do Navio Malta, 14 de Junho	138
----- de Lord Wellington, Zubieta, 10 de Julho	142
<i>Portugal.</i> Ordem do dia do Marechal Beresford	144
<i>Sicilia.</i> Carta da Raynha a Lord Bentinck	145

Reflexoens sobre as Novidades deste mez.

<i>Brazil.</i> Venda dos bens da Coroa	148
Colonias Hespanholas	153
Estados Unidos	154
<i>França</i>	155
<i>Hespanha</i>	156
<i>Inglaterra</i>	157
Exercito Aliado na Peninsula	158
<i>Portugal.</i> Relaçãõ Ecclesiastica, Inquisiçaõ	164
<i>Correspondencia.</i> Noticia sobre a barra d'Aveiro	166
Carta ao Redactor—Correio Fuenhalense	167
Carta ao Redactor, sobre o Decreto expedido no Rio de Janeiro— continuada	169

NO. 63.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

Tractado de Paz entre Portugal e Argelp. 173
Alvará de abolição da Juncta dos Tres Estados 178
<i>Hespanha.</i> Extracto do Manifesto da Regencia, sobre os procedimentos do Nuncio do Papa 185
Documentos relativôs á demissão do Nuncio 180
<i>Suecia.</i> Resposta a um artigo da gazeta de Copenhagen 199
Notas a um artigo do Moniteur de 25 de Junho 208

COMMERCIO E ARTES.

Sobre o Tractado de Commercio com Inglaterra 214
Preços correntes em Londres 230

LITERATURA E SCIENCIAS.

Novas Publicações em Inglaterra 231
Noticias literarias 236
Novas descobertas 237
<i>Portugal.</i> Circular aos Bispos, sobre a Vaccina 242
———— aos Corregedores sobre a Vaccina 243
Sessão da Academia das Sciencias em Lisboa 245
<i>Brazil.</i> Abertura da Academia Militar 246
Resposta á Revista d'Edinburgo 247

MISCELLANEA.

Novidades deste mez.

<i>Brazil.</i> Relação dos despachos, publicados no Rio de Janeiro aos 13 de Mayo, 1813 258
Colonias Hespanholas 262
Exercito sitiador de Montevideo 266

Exercito Alliado na Peninsula.

Ordem do dia pelo Marechal Wellington, Treuta, 9 de Julho	.. 268
Extracto de um officio de Lord Wellington, Zubieta, 10 de Julho	269
———— Lesaco, 19 de Julho	270

Extracto de um officio do General Graham, Ernani, 18 de Julho	.. p.	272
Officio de Lord Wellington, datado de San Estevan, 1 d'Agosto	..	274
----- Lezaca, 4 d'Agosto	...	288
<i>França.</i> Exercito na Hespanha	292
Proclamação do Marechal Sout	300
Noticias do exercito do Norte	303
<i>Malta.</i> Noticias da peste	305
<i>Portugal.</i> Organizaçã do actual exercito Portuguez	308
<i>Suecia.</i> Entrevista do Principe da Coroa, e Imperador de Russia	310
<i>Russia.</i> Noticias do Exercito, Ordem do dia	314
Gazeta de Berlin sobre as atrocidades dos Francezes	315
Noticias d'Hamburgo	318
Proscripçoens, ordenadas pelos Francezes	319

Reflexoens sobre as Novidades deste mez.

<i>Brazil.</i> Sobre a Cayenna	322
<i>França</i>	324
Congresso em Praga	325
Mappa dos exercitos Francezes na Alemanha	329
Guerra da Peninsula	330
Portugal ; Sobre a Inquisiçã ; Resgate d'Argel	331
<i>Correspondencia.</i> Ao Redactor Contra o correio Funchalense	335

NO. 64,**POLITICA.***Documentos officiaes relativos a Portugal.*

Portaria para o Resgate d'Argel	337
Avizo a Manuel Antonio da Fonseca Gouvea, sobre o dicto	..	339
----- Francisco Antonio Ferreira, sobre o dicto	340
Sentença do Visconde d'Asseca, no juizo da Inconfidencia	..	341
<i>Alemanha.</i> Manifesto de declaraçã da Austria contra França	..	342
<i>França.</i> Relatorio do Ministro da Guerra ao Imperador, 9 d'Agosto		361
Motivos do Senatus Consultum para uma leva de 30.000 homens	..	363
Relatorio do Conde Bournonville, sobre o mesmo	364

COMMERCIO E ARTES.

Convenio entre os commissarios Inglezes e Portuguezes sobre certos pontos do tractado de commercio de 1810	366
Observaçoens sobre o papel precedente	369

Index.

943

Sobre o Jornal Pseudo-Scientifico	p. 374
Resumo dos generos recebidos em Lisboa do Brazil para Soccorro do Exército	381
Resumo dos generos entrados no porto de Lisboa no mez de Junho	382
Preços correntes em Londres	383

LITERATURA E SCIENCIAS.

Novas publicações em Inglaterra	364
Novas descobertas	387
Portugal. Novas publicações	392

MISCELLANEA.

Novidades deste mez.

America. Embargo nos Estados Unidos	393
Torpedo, outra vez posto em uso	395
França. Noticias do Exército do Norte	397
Exército da Catalunha	420

Exército Alliado na Peninsula.

Officio de Lord Wellington, datado de Lezaca, 2 de Setembro ..	425
-----, 4 de Setembro ..	431
Extracto da participacão de Lord Bentinck, Cambrills, 16 de Agosto	432
Officio de Lord Wellington, datado de Lezaca, 10 de Setembro ..	437
----- do General Graham, Ernani 9 de Setembro	438
Capitulacão de S. Sebastian	440
Portugal. Ordem do dia do Marechal Beresford	443

Exército Alliado na Alemanha.

Renovação das hostilidades. Carta do General Barclay de Tolly ao Principe de Neufchatel	445
Officios dos Ministros Ingleses na Alemanha, relativos ás operacões dos Exercitos Alliados	446
Officio do General Stewart, datado de Zebista, 27 d'Agosto	446
----- Altenburg, 29 d'Agosto	449
----- Toplitz, 30 d'Agosto	453
-----, 31 d'Agosto	455
Ordem do Principe Schwartzberg ao exercito	459
Ordem do dia do General Moreau	461
Suecia. Bulletins do Exército combinado do Norte da Alemanha ..	
Bulletim I. Oranienburg, 13 d'Agosto	462
----- II. Potsdam, 16 d'Agosto	464

Bulletim III.	Charlottenburg, 18 d'Agosto p.	466
— IV.	Potsdam, 21 d'Agosto	467
— V.	Ruklsdorff, 24 d'Agosto	467
— VI.	Saarmund, 28 d'Agosto	470
— VII.	Belitz, 30 d'Agosto	475
— VIII.	D°.	476
— IX.	Treuenbrietzen, 1 de Setembro	476
— X.	Rodigke, 4 de Setembro	477
— XI.	Juterbock, 8 de Setembro	479
— XII.	Juterbock, 10 de Setembro	484
Russia.	Noticias de S. Petersburg, 1 de Julho	487

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

Brazil.	Convenio sobre o tractado de Commercio	489
Colonias Hespanholas	492
Dinamarca	493
Alemanha	493
Exercito Francez	496
Exercito dos Alliados	497
Portugal.	Circular do Secretario da Juncta do Commercio sobre os Resgates	499
Extracto da Gazeta de Lisboa,	Contracto de Tabaco	500
Visconde d'Asseca	501
General Moreau	502
Guerra da Peninsula	503
Correspondencia.	Carta ao Redactor sobre a venda dos bens da Coroa	505
Resposta a Correspondentes

No. 65.**POLITICA.***Documentos officiaes relativos a Portugal.*

Alvará, que regula os Ministros da Casa da Supplicação, &c.	509	
Tabella do regulamento das alçadas	512	
America.	Relações com a França. Mensagem do Presidente dos Estados Unidos ao Congresso	515
Dinamarca.	Declaração de guerra contra a Suecia	530
França	Documentos relativos á guerra com a Suecia	535
Documentos relativos á guerra contra a Austria	538	
Suecia.	Declaração de guerra contra a Dinamarca	540

COMMERCIO E ARTES.

Sobre o Tractado de Commercio entre Portugal e Inglaterrap.	549
<i>Suecia.</i> Regulamentos Commerciaes	552
Resumo dos generos que entráram em Lisboa, em Julho, 1813	552
D ^o .	-	em Agosto, 1813
Preços correntes em Londres	554

LITERATURA E SCIENCIAS.

Noticias das obras publicadas em Inglaterra	555
Noticias literarias	557
Portugal	559

MISCELLANEA.

Sobre a Jornal Pseudo Scientifico	559
Quezitos dirigidos aos Redactores do Jornal Scientifico	665

Novidades desde mcz.

<i>Inglaterra.</i> Medalha de distincção para os officiaes militares, que se distinguem em acçoens	567
<i>Colonias Hespanholas.</i> Noticias de Buenos-Ayres	577
<i>Estados Unidos.</i> Finanças Americanas	580
Carta do Imperador Alexandre a Madama Moreau	582
Estado comparativo das forças dos Belligerantes	483
<i>França.</i> Noticias do exercito d'Alemanha	584
Exercitos d'Araguão e Catalunha	590
Exercitos da Italia	598
Noticias de Paris	599
Falla da Imperatriz ao Senado	600
Decreto sobre a ilha de Gaudaloupe	602
<i>Hespanha.</i> Carta de Lord Wellington ao Ministro da Guerra, de Huarte, 2 de Julho, 1813	602

Noticias officiaes dos Exercitos Alliados na Alemanha.

Participaçoes Militares Austriacas, Toplitz, 29 Setembro	605
----- Bautzen, 25 Setembro	608
----- Toplitz, 1 d'Outubro	609
----- Zerbst, 4 d'Outubro	610
----- Dessau, 4 d'Outubro	611
Proclamação do Imperador Alexandre ás suas guardas	612
Bulletims Austriacos	Toplitz, 1 de Setembro 613

Offícios dos Ministros Inglezes ; de Toplitz, 13 de Setembro p. 615	
Offícios dos Ministros Inglezes, de Praga, 14 de Setembro 615	
----- Toplitz, 11 de Setembro 616	
----- Toplitz, 12 de Setembro 618	
Offício do Conde Walmoden	Domitz, 20 de Setembro 620
----- de Lord Aberdeen	Comotau, 9 d'Outubro 625
----- do General Stewart	Rothenburg, 11 d'Outubro 626

Exercito Alliado na Peninsula.

Offício de Lord Wellington, datado de Lezaca, 27 Setembro 628
----- de Lord Guilherme Bentinck, de Tarragona, 17 de Setembro	629
----- de Lord Wellington, Lezaca, 9 d'Outubro 634

Bulletins do Exercito Combinado do Norte d'Alemanha.

Bulletim XIII.	Leyda, 12 de Setembro 637
----- XIV.	Koswig, 13 de Setembro 638
----- XV.	Zerbst, 16 de Setembro 640
----- XVI.	Zerbst, 20 de Setembro 643
----- XVII.	Zerbst, 22 de Setembro 647
----- XVIII.	Zerbst, 26 de Setembro 651
----- XIX. 653
----- XX.	Dessau, 4 d'Outubro 656
----- XXI.	Dessau, 6 d'Outubro 658

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

Brazil	660
Estados Unidos	661
França	662
Hespanha	664
Inglaterra. Medalha de Exercito	666
Portugal. Ministros de Justiça	666
Commissão do Resgate	668
Negocios Militares	669
Guerra do Norte	675
Guerra de Peninsula	678
Correspondencia	680

POLITICA.

Documentos Officiaes relativos a Portugal.

Portaria sobre os Recrutamentos	p. 685
<i>Austria.</i> Tractado de Alliança com a Russia	699
<i>Inglaterra.</i> Falla do Principe Regente no Parlamento	703
Convenção com o Imperador de Russia	707
Resumo da Convenção entre a Inglaterra e Prussia	710
Convenção entre Inglaterra e Russia	711
Convenção Supplementaria entre os mesmos	715
Convenção Supplementaria, entre Inglaterra e Prussia	719

COMMERCIO E ARTES.

Contracto do tabaco em Portugal	720
Edictal sobre os vadios em Lisboa	728
Generos comestiveis entrados em Lisboa, no mez de Setembro ...	731
-----, no mez d'Outubro	732
Preços correntos em Londres	733

LITERATURA E SCIENCIAS.

Noticias das obras publicadas em Inglaterra	734
Analyze da obra intitulada, Revolucion de la Nueva Hespaña.....	736

MISCELLANEA.

Jornal Scientifico	743
--------------------------	-----

Novidades deste mez.

Exercitos Alliados da Alemanha.

Officio do General Stewart, datado Skenditz, 17 d'Outubro	748
----- Leipsic, d'Outubro	753
----- Cothen, 14 d'Outubro.....	758
----- Halle, 15 d'Outubro	760
Noticias dos exercitos Alliados: de Bremen, 7 de Novembro.	763

Noticias do Exercito do General Blücher	p. 764
Relaçãõ Militar Austriaca	766
<i>Prussia.</i> Noticias do Exercito	767

Bulletims do Exercito combinado do Norte da Alemanha.

Bulletim XXII. Leipsic, 10 de Outubro	772
———— XXIII. Leipsic, 21 d'Outubro	773

Exercito Alliado da Peninsula.

Officio de Lord Wellington, datado de Vera, 1 de Novembro	779
———— Vera, 1 de Novembro	779
———— Vera, 8 de Novembro	781
Do General d'Hespanha	781
Capitulaçãõ de Pamplona	781
<i>França.</i> Noticias officiaes do Exercito da Alemanha	785
Carta do Duque de Vicenza ao commandante dos dous regimentos Saxonios, no serviço da França	797
Carta do Major-general, ao Commandante das tropas Bavaras	798
Officio do General Milhaud ao Major-general	798
Carta do General Lameth, commandante de Santona	803
Ordem do dia a 5. ^a legiaõ de Gendarmerie	804
Decreto Imperial impondo contribuiçõens	804
Falla do Presidente do Senado	805
Noticias do Exercito da Catalunha	807
Falla do Ministro da guerra à Imperatriz	808

Reflexoens sobre as Novidades deste mez.

<i>Brazil.</i> Relaçõens da Corte do Rio-de-Janeiro com as Potencias	
Europeas	810
França	814
Hespanha	816
Mudança do Governo para Madrid	817
Hollanda	818
Inglaterra	819
Portugal	819
Guerra do Norte	821
<i>Correspondencia.</i> Carta ao Redactor sobre a Vaccina	824

Index. 949

NO. 67.

POLITICA.

Documentos officiaes a Portugal.

Edictal para o pagamento de dividas dos transportes do exercito - p. 829	
Provisaõ, de reprehensaõ á Câmara de S. Miguel	- 831
<i>Austria.</i> Proclamaçaõ de general Hiller aos Tyrolezes	- 832
<i>Baviera.</i> Declaraçaõ de guerra contra a França	- 833
<i>Confederaçaõ Suissa.</i> Declaraçaõ de sua neutralidade	- 835
<i>Declaraçaõ das Potencias Alladas</i>	- 836
<i>Hollanda.</i> Proclamaçaõ do Commandante Russiano	838
Proclamaçaõ em nome do Governo Geral	- 838
<i>Italia.</i> Proclamaçaõ do Principe Vice-rey	839

COMMERCIO E ARTES.

Estado do Commercio em Portugal	- - 840
Resumo dos generos, que entraram em Lisboa, em Novembro	850
Preços correntes em Londres	- 852

LITERATURA E SCIENCIAS.

Novas descobertas nas Artes	- - 853
Analyze da obra intitulada "Tableau Politique," &c.	856
Noticia de novas publicações em Inglaterra	- 861

MISCELLANEA.

Bulletins do Exercito do Norte da Alemanha.

Bulletim XXIV.	datado de Mulhausen, 28 d'Outubro	- - 866
—— XXV.	Heiligenstadt, 30 d'Outubro	868
—— XXVI.	Hannover, 10 de Novembro	879
—— XXVII.	Lubeck, 6 de Dezembro	- 872

Vol. XI. No. 67. 6 F

Exercitos Alliados na Alemanha.

Officios dos Agentes Inglezes nos Exercitos Alliados ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, em Londres, Gottingen, 8 de Novembro 1813 - - - - -	p. 875
Copia de uma carta de Jeronimo Bonaparte ao general Murat -	878
Officios dos Agentes Inglezes Hanover, 11 de Novembro -	878
----- Hanover, 11 de Novembro	880
Copia da gazeta de Frankfort, de 30 de Novembro	880
Proclamaçaõ da Regencia de Hanover	882
Officio do General Nugent. Trieste 1 de Novembro -	884
Officios dos Agentes Inglezes. Frankfort 7 de Novembro	887
----- Frnkfort, 8 de Novembro	888
----- Frankfort, 10 de Novembro	889
----- Frankfort, 10 de Novembro	890
----- Frankfort, 16 de Novembro	891
----- Bremen, 19 de Novembro	891
Extracto de uma carta, datada de Hannover, 11 de Novembro	892
Capitulaçaõ da cidade de Dresden	894

Exercitos Alliados da Peninsula.

Officio de Lord Wellington, de St. Pé, 13 de Novembro, 1813	896
Proclamaçaõ de Lord Wellington ao povo Francez	901
<i>França.</i> Extractos do Moniteur	902
Carta do Principe Vice Rey ao Ministro da guerra	905
Decreto Imperial. Despezas publicas	906
Do.----- Abertura da sessaõ do Corpo Legislativo	909
Falla do Imperador ao Corpo Legislativo, em 19 de Dezembro	909
<i>Hespanha.</i> Artigo Official. Mudança das Cortes	911
<i>Hollanda.</i> Noticias de Amsterdam	911
----- de Utrecht	912
Proclamaçaõ dos Commissarios do Governo em Amsterdam	913
----- do Principe de Orange	914
----- do Governo interino de Leiden	915
Noticias officiaes de Eondres, relativas á Hollanda	917
<i>Prussia.</i> Noticias de Berlin, de 26 d'Outubro	919
----- 13 de Novembro	919
<i>Portugal.</i> Estado da organizaçaõ do Exercito em campanha no 1º. deste mez	921
Decreto de nomeaçaõ de Administrados do Terreiro	923

Index.

951

Reflexões sobre as novidades deste mez.

Brazil	p. 924
Estados Unidos	925
Hespanha	925
França	926
Alliados contra a França	927
Inglaterra	931
Exercito Alliado da Península	932
Portugal	933
Correspondencia	936

NUM DO VOL. XI.